

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

ANO 8 – NÚMERO 29

ABRIL / MAIO / JUNHO 2026

GOIÂNIA | GOIÁS



ABIM | REGISTRO Nº 083-J



editorial

LETRAS EM MOVIMENTO...

De que adiantaria ao sábio todo o conhecimento acumulado ao longo dos anos por sua experiência e denodo se ficasse oculto em seu íntimo, sem jamais ser transmitido a nenhuma pessoa, jamais aplicado em nenhuma oportunidade real, motivando e justificando atitudes tomadas no curso da vida?

De que valeria a beleza mais estonteante, suave e penetrante de algo ou alguém, uma obra de arte ou uma pessoa, se jamais pudesse ser apresentada a alguém, a um grupo ou a todos?

De quanto adiantaria o dom da caridade e da bondade outorgados ou conquistados por uma pessoa, se permanecesse apenas em seu coração, sem jamais se externar em favor de alguém necessitado?

A resposta é simples, seca e fatal: DE NADA!

É esta constatação singela, mas absolutamente lógica que nos impulsiona, enquanto Academia Goiana de Letras Maçônicas e jornal O Confrade. Esses ideais encontram na palavra escrita uma de suas expressões mais perenes e fecundas. Contudo, a palavra não pode permanecer estática. Deve mover-se em direção às novas gerações, dialogar com os recursos tecnológicos do presente, ocupar os espaços da cultura, integrar os debates públicos e contribuir para a formação de consciências livres, esclarecidas e comprometidas com o bem comum. É precisamente nesse horizonte que se insere O Confrade. Mais do que um veículo de registro das atividades acadêmicas e maçônicas, este periódico constitui um espaço de encontro entre memória e futuro, tradição e renovação, reflexão e ação. Em suas páginas, preservam-se legados, compartilham-se experiências, divulgam-se pesquisas e reafirma-se o compromisso permanente com a cultura, a educação e o livre pensamento.

A produção intelectual maçônica tem um direcionamento definido: BELEZA E UTILIDADE.

Na busca da beleza, da estesia e do encantamento da arte literária e maçônica, como um templo que é deste culto que transcende o mero aplauso para incidir na essência mesma do crescimento interno da criatura, busca a Academia produzir, por seus Acadêmicos, manifestações literárias de peso, de significado e de conteúdo capazes de servir de

guia, de norte ou de impulso ao crescimento de cada um dos Acadêmicos, uma vez que a Maçonaria tem por objetivo essencial o aperfeiçoamento moral, intelectual e interno de cada um de seus integrantes, mas deseja que este crescimento, que nos vem do trabalho, do polimento da alma, da iluminação do intelecto material por uma luz poderosa e suave, que aquece e aclara, SE ESTENDA A TODAS AS CRIATURAS, A TODOS OS SERES HUMANOS.

Deste modo, não podem as produções intelectuais maçônicas ficar entre quatro paredes, ou guardadas a sete chaves, como tesouro precioso que efetivamente são.

É que a ciência, o conhecimento, a beleza tudo isto DE NADA VALE se guardados no íntimo de quem os encontrou. E se reservados apenas a poucas pessoas de um círculo fechado perde em essência e finalidade. Estes dons, mesmo quando conferidos a poucos produzem resultados que devem abranger a TODOS!

Quando isto não acontece, a beleza perde seu sentido, sua utilidade, e o que parece útil, se não aplicado não se torna belo, porque obscurecido e manchado pelo egoísmo. Ao celebrarmos a 29ª edição de O Confrade, reafirmamos nossa convicção de que as letras devem permanecer em constante movimento. Cada texto produzido por nossos acadêmicos representa uma contribuição singular ao patrimônio cultural e intelectual de nossa Ordem e de nossa sociedade. Porque a verdadeira obra intelectual não se conclui no instante em que é escrita. Sua existência plena começa quando encontra leitores, desperta pensamentos e se converte em instrumento de aperfeiçoamento humano e de construção da civilização.

É isto o de que estamos convencidos: ACADEMIA E O CONFRADE E É POR ISTO E COM ESTA FINALIDADE QUE INCENTIVAMOS A PUBLICAÇÃO DE LIVROS E SUA DIVULGAÇÃO E PRODUZIMOS O MATERIAL LITERÁRIO QUE ILUSTRA NOSSO JORNAL.

ATÉ PORQUE, NA VIDA INFINITA, COMO JÁ FOI DITO, SÓ É BELO O QUE É ÚTIL E SÓ É ÚTIL O QUE É BELO!!!

Equipe editorial

agml em movimento

A Academia realizou importantes encontros institucionais, com destaque para: visita ao deputado federal Zacarias Kalil e ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG); agenda na Prefeitura de Porangatu junto à prefeita Vanusa Valadares, vereador Geraldo Ribeiro e lideranças maçônicas; visita ao TJ-Goiás, ao confrade Adegmar; Recepção ao ex-Grão-Mestre Mário Martins, na sede da Academia. Os encontros fortaleceram as relações institucionais da AGML e promoveram parcerias para ampliar a atuação da literatura e da cultura nos municípios goianos.





fala do presidente

A DIFUSÃO DO PENSAMENTO MAÇÔNICO E DA CULTURA

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Ilustres Acadêmicos, estimados
Confrades, autoridades, representantes
das instituições culturais e convidados,

É com grande honra que me dirijo a todos na condição de Presidente da Academia Goiana Maçônica de Letras, instituição dedicada à preservação, promoção e difusão da cultura, da literatura, da história e dos valores maçônicos.

Reunimo-nos para refletir sobre a missão do conhecimento produzido nesta Casa. O saber não pode permanecer restrito aos espaços onde é concebido; sua verdadeira finalidade é alcançar a sociedade, inspirar pessoas e contribuir para o desenvolvimento humano.

A Maçonaria sempre cultivou o conhecimento como instrumento de aperfeiçoamento moral e construção do bem comum. Contudo, sua grandeza não está apenas em adquiri-lo, mas em compartilhá-lo, debatê-lo e transformá-lo em ação.

Nesse contexto, o acadêmico da Academia Goiana Maçônica de Letras desempenha papel fundamental. Mais do que ocupante de uma cadeira, é guardião da memória, intérprete da história e agente de transformação cultural. Sua missão é preservar o patrimônio

intelectual e difundir valores que engrandecem a humanidade.

Vivemos tempos de grandes transformações, nos quais a informação é abundante, mas a reflexão nem sempre acompanha sua velocidade. Por isso, torna-se ainda mais relevante o compromisso dos confrades com a pesquisa, a produção literária, a valorização da cultura e a formação de consciências críticas.

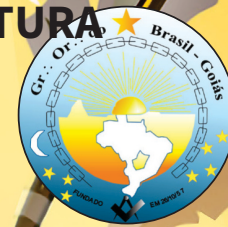
É nesse espírito que abraçamos o conceito de "Letras em Movimento": a convicção de que o conhecimento deve ultrapassar os limites das instituições e chegar às escolas, bibliotecas, universidades, centros culturais e à sociedade em geral.

Conclamo, portanto, cada confrade a renovar seu compromisso com a escrita, a pesquisa, a preservação da memória histórica e a promoção da cultura. Que nossos livros, artigos, conferências e projetos sejam instrumentos de esclarecimento, cidadania e transformação.

A grandeza da Academia Goiana Maçônica de Letras será medida não apenas pelo legado que preserva, mas pela capacidade de fazer com que o conhecimento alcance a sociedade e inspire as futuras gerações.

Que sejamos, assim, verdadeiros embaixadores das letras, da cultura e dos ideais maçônicos.

Muito obrigado.



DIRETORIA – BIÊNIO 2024/2026



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice-Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaías Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro
Anestor Porfírio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Aírton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica
Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Parahyba
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho

Conselheiros Suplentes



artigo

OS LANDMARKS E OS PRECEITOS MAÇÔNICOS

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Este artigo tem por objetivo trazer à consideração dos leitores uma reflexão sobre o tema “Os Landmarks e os Preceitos Maçônicos”, buscando revisitar os fundamentos imutáveis que norteiam a Sublime Ordem desde tempos imemoriais. A consciência humana sempre foi moldada para levar ao homem a reflexão sobre a construção de leis, normas ou princípios que busquem a justiça e a igualdade, capaz de impor a harmonia entre os poderes econômico e político. E assim foi construído ao longo dos tempos o entendimento sobre as verdadeiras formas de condução e consolidação do bem-estar social.

A maçonaria tem sido objeto de questionamento com o objetivo específico de entender a necessidade de se buscar variados contextos de conhecimento, cujas abordagens vão dos aspectos de socialização filosófica e educacional até questões que envolvem práticas políticas, a partir das quais derivam o processo de distribuição do poder que se direciona ou se manifesta na sociedade.

Estudos desenvolvidos pela maçonaria, em especial irmãos que se obrigam a realizar investigações precedidas da necessidade de fundamentos e preceitos com origem na sua historicidade, mostram-se por meio de ensinamentos que ignorar informações seria considerá-la monolítica e alheia aos aspectos históricos que a classifica como instituição milenar. Neste sentido evidencia-se que as ideias, de liberdade e bem-estar social, até então propostas serão apresentadas mediante pressuposições teóricas que fundamentam a ordem maçônica.

Quando se considera a maçonaria como uma instituição milenar e universal, com origem em doutrinas realizadas e imutáveis ao longo dos tempos, fundamentadas em preceitos “justos e perfeitos”, assumidas pelos seus membros mostra-se com clareza a dificuldade de demarcar o campo conceitual maçônico, apesar dos escritos na “Constituição de Anderson”, que

registram preceitos fundamentais da Ordem Maçônica.

Conhecidos os fundamentos, como componentes de conhecimento teórico, as fases do “progresso, da razão, da liberdade, da igualdade, da moral e da fraternidade” tornam-se evidentes e neste sentido, deve-se buscar a fraternidade, como dever do homem para com seus semelhantes. A fraternidade na visão de um por todos e todos por um; a igualdade que decorre da fraternidade e a liberdade do conjunto das duas.

O oposto da fraternidade constitui a norma do egoísmo e o orgulho é o maior inimigo da igualdade, por buscar a dominação e viver de privilégios, e assim destruir a igualdade social. De forma sistemática, as metáforas biológicas envoltas nos grandes temas políticos, econômicos e sociais, confundem características psicológicas com anatômicas e a sociedade avança no frenetismo das massas, confundindo o significado da ética, democracia e bem-estar social. Esta realidade é claramente retratada atualmente pelos meios de comunicação.

Esta observação cíclica dos acontecimentos sociais, leva à necessidade de reflexão, pois no uso da retórica democrática como lençol de fundo, conduz a sociedade humana com o mínimo de democracia até às políticas reacionárias e extravagantes mediante imposições feitas em nome de supostos superiores desconhecidos: batalhas doutrinárias, com pequenos espaços para aqueles que cultuam a ética e a justiça social, na busca de igualdade, fraternidade e liberdade.

Neste contexto, esta página de reflexão, mostra com evidência que os ensinamentos maçônicos, pautados na crença em um ente superior o “Grande Arquiteto do Universo” permitiram e permitem que para se despir do orgulho e da superioridade o ser humano deve entender que todos são iguais; que a igualdade é um fato, e não uma teoria filosófica, mas essência da alma humana.

Conforme texto publicado pela UNESCO sobre “ciência e fé” reconciliadas num ecumenismo, que na acepção da palavra leve ao verdadeiro processo de busca da unidade ou que se esforce para que “a justiça e a honestidade devam ser asseguradas por uma autoridade capaz de se impor aos dois outros poderes, o econômico e o político”. Neste contexto, além dos representantes de todos os cultos e de todos os sistemas de ensino estão os maçons.

Apesar do choque dos interesses pautados em ideologias é possível observar progressos nas lutas daqueles que clamam, e ainda que, tenha sido fácil a conquista de ouvíntes para os diversos temas comunitários, com páginas citadas em jornais de circulação diária, não pode se considerar como norma de conduta natural a que não ofereça oportunidade de tirar proveito dos semelhantes.

É entendimento ser causa do sofrimento no mundo, o egoísmo humano; a questão da busca à felicidade; e a necessidade do combate aos impulsos hostis. Para isto a Ordem maçônica não é meramente uma sociedade secreta ou Escola de Mistérios. É responsável pela influência de ordem moral, pelo exemplo efetivo dos seus membros e por meio da aplicação dos seus princípios fundamentais.

Nessa caminhada, ao se passar pelas linhas moldadas pela história, é possível se ver trechos fleumáticos em que a liberdade esteve em jogo nos polos derivados do instinto de conservação: o interesse e o orgulho. Nessa caminhada os homens num determinado momento, cansados do subjugado dos derivados procuram o sentido mais nato da vida, a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Os Irmãos maçons são guardiões dos Sagrados Ensinamentos; portanto, se tornam responsáveis pela busca e condução da forma ética de alcançar esses preceitos.

Nos Landmarks, considerados princípios gerais da Maçonaria, que existem desde tempos imemoriais e são inalterados, A fraternidade dá-se, primeiramente, entre os irmãos da ordem. Em caso de vários necessitados em igual situação, o ato de caridade deve ter como alvo prioritário, além do iniciado na Ordem o auxílio prestado aos irmãos em contexto de cortesia e o socorro às viúvas e órfãos de maçons que passaram para o “Oriente Eterno”.

Também, a fraternidade entre os irmãos é entendida como proposta de convívio entre os homens, pautada na cordialidade, no respeito e na conduta pacífica dos membros. A loja deve ser um lugar de entendimento e harmonia, sendo proibidos qualquer palavra ofensiva e atos que interrompam a reciprocidade das boas relações.

Embora, seja notada alguma quere-la entre irmãos maçons, que de acordo com a “filosofia da Ordem” devem ser submetidas a um júri maçônico, nunca sendo levadas ao mundo profano, que as vezes acontecem. A história, todavia, demonstra o quanto este preceito vem sendo desrespeitado, não sendo incomum a intervenção da “justiça profana” em questões maçônicas, bem como as cisões no interior de obediências e lojas.

O último preceito maçônico, em análise neste contexto, corresponde ao da igualdade entre os homens. Todos os obreiros, diz a maçonaria, “consideram-se iguais entre si e irmãos, só havendo entre eles as diferenças que decorrem da prática da virtude”. A maçonaria trata-se de um espaço de encontro onde os homens de “bons costumes”, e assim sendo seriam anuladas as diferenças provenientes do nascimento, da classe, da religião ou da nacionalidade, havendo como único critério de diferenciação, o mérito individual.

Finalmente, os Landmarks não são relíquias para empoeirar em Constituições. São instrumentos de aferição ética para um mundo que confunde democracia com retórica e liberdade com privilégio. A história prova: toda vez que o orgulho e o interesse subjugaram a igualdade, a humanidade sangrou para reconquistar o óbvio — que somos irmãos. O Maçom, “guardião dos Sagrados Ensinamentos”, não jurou guardar segredos. Jurou guardar conduta. Portanto, a fraternidade que prioriza o Irmão, a querela que se resolve em Loja, a igualdade medida pelo mérito e não pelo berço — esses preceitos só valem se atravessarem a porta do Templo. Se ficarem no salão de banquetes, tornam-se adorno. Se forem ao mundo profano como exemplo vivo, tornam-se alicerces do bem-estar social que a Unesco um dia sonhou. Liberdade, Igualdade e Fraternidade não são lema de 1789. São tarefa diária de 2026. E o Grande Arquiteto do Universo não cobra ritual perfeito. Cobra homem reto.



opinião

“DO JEITO QUE É”

Newton Agrella | Colaborador

Não se toca a vida, como se toca uma boiada. A liberdade de escolhas não se prende a dogmas ou a ações proselitistas. Somos dotados de dons e de inteligência. Movemo-nos pelo instinto e pelo razão. as desde sempre, primeiro sentimos e depois pensamos. É desse jeito que seguimos o caminho.

Especialmente no caso da Sublime Ordem, o maçom é estimulado a percorrer o sentido especulativo da vida.

Esse exercício refere-se à capacidade humana de pensar, ponderar, imaginar e elaborar ideias para muito além do que podemos tocar, ver ou provar no cotidiano.

Ao invés de se limitar à releitura interpretação literal das coisas, a filosofia maçônica insta o maçom a entender a essência, o conteúdo e as perspectivas dos valores que o cercam.

Cabe lembrar, que na filosofia clássica, a “razão especulativa” constitui-se no esforço mental para compreender verdades universais e abstratas. A dialética maçônica estimula a entender a origem e o sentido da vida, da história e do universo, valendo-se de uma gama inesgotável de símbolos e alegorias num ambiente

restaurador. As fronteiras do pensamento humano ultrapassam quaisquer ferramentas de um aplicativo ou de uma experiência artificial, até porque, o criador dessas engenhosidades é o próprio homem.

Querer tornar-se refém de sua própria criatividade seria negar a natural capacidade de se reinventar intelectualmente. A Maçonaria é perene porque o homem reconhece em si, a necessidade imperativa de continuar evoluindo e de aprimorar seu nível de consciência hoje e sempre.



artigo

A PALAVRA DO SEMEADOR E A SEMENTE DO CONHECIMENTO MAÇÔNICO – I

Paulo Marra | Cadeira nº 17

O presente texto pretende apresentar a relação entre a “Parábola do Semeador” e o conhecimento maçônico como semente e destacar a importância da gnose na Maçonaria.

Em sentido denotativo, “parábola” significa uma figura de linguagem que envolve uma história, ou metáfora que transmite uma mensagem ou ensinamento mais profundo. No sentido lógico, “parábola” é uma narrativa alegórica que utiliza elementos concretos e simbólicos para ilustrar uma verdade ou um princípio abstrato. Portanto, a “parábola” tem como características ser uma alegoria, já que utiliza símbolos e metáforas para transmitir uma mensagem; é um simbolismo, pois, os elementos da história têm significados simbólicos que necessitam ser interpretados. É um ensinamento: pois, a Parábola visa transmitir um conteúdo moral e tem caráter universal, pois a Parábola pode ser aplicada a diferentes contextos e situações.

Na interpretação feita por Jordan B. Peterson em sua obra – “Nós que Lutamos com Deus”, (2025) ele analisa a “Palavra do Semeador”.

A palavra de Deus pode ser comparada, por exemplo: a uma semente. Na Parábola do grão de mostarda (Mateus 13:3); (Marcos 4:30-32); (Lucas: 13:18-19), o Reino dos Céus é descrito como algo semelhante a uma pequena semente, da qual emerge uma imensa força vital. Na Parábola do Semeador: (Lucas 8:5); (Mateus 13: 3-23); (Marcos 4:3-20) – aqueles que ouvem ou falham em ouvir são comparados ao solo. Algumas sementes caem à beira do caminho (aqueles que ouvem, mas, não entendem), algumas em solo rochoso (aqueles que recebem a palavra com alegria, mas não perseveram), algumas entre espinhos (aqueles que acabam sufocados

pelas preocupações e riquezas da vida) e algumas em solo fértil (aqueles que vivem, guardam na memória e geram frutos).

Relação entre a Palavra do Semeador com a Semente do Conhecimento Maçônico

Para desenvolver este tópico, será utilizada a obra de Albert Mackey – “Maçons que leem e Maçons que não leem” de 1875.

Ele considera que o grande corpo de Maçons pode ser dividido em 3 (três) classes: **A primeira:** Consiste naqueles que fizeram o seu pedido de Iniciação, não por um desejo de conhecimento, mas por algum motivo acidental, nem sempre honroso. Tais homens foram levados a procurar a Iniciação ou porque era susceptível, na sua opinião, de facilitar as suas operações comerciais, ou de fazer avançar as suas perspectivas políticas, ou de qualquer forma de se beneficiar pessoalmente. Para esses Maçons não há esperança. São árvores mortas, sem promessa de frutos. Deixai-os passar como seres ou pessoas totalmente sem valor e incapazes de melhorar. Na Parábola do semeador, são comparados com as sementes que caem em solo rochoso (pedregoso) – mas não germinam.

Há uma **segunda classe:** que consiste em homens que são os antípodas morais e maçônicos da primeira. Estes fazem o seu pedido de admissão sendo motivados, como o Ritual exige, “por uma opinião favorável concebida da Instituição, em desejo de conhecimento”. Logo são Iniciados, veem nas cerimônias pelas quais passaram, um significado filosófico digno do trabalho de investigação. Eles dedicam-se a esta investigação. Obtém livros maçônicos, leem periódicos maçônicos e conversam com Irmãos bem informados. Eles familiarizam-se com a história da

Ordem. Eles investigam a sua origem e o seu objetivo final. Exploram o sentido oculto dos símbolos e adquirem a interpretação. Tais Maçons são sempre membros úteis e honrados da Ordem, e muito frequentemente tornam suas Lojas brilhantes. A sua lâmpada arde para o esclarecimento dos outros e a eles a Instituição está em dívida por qualquer que seja a posição elevada que tenha alcançado. Este artigo não foi escrito para eles. Estes correspondem a semente do conhecimento que cai em solo fértil, que germina e produz frutos.

Mackey inclui uma classe intermediária que constitui o Corpo da Fraternidade. Esta **terceira classe** consiste em Maçons que se juntaram à Ordem com motivos inquestionáveis, e com, talvez, as melhores intenções. Mas eles falharam em levar essas intenções a efeito. Eles cometeram um erro grave: supuseram que a Iniciação era tudo o que era necessário para os tornar Maçons, e que era necessário e qualquer estudo adicional era inteiramente desnecessário. Por isso, nunca leram um livro maçônico. Se lhes mostrarmos as produções dos mais célebres autores maçônicos, o seu comentário é que não têm tempo para ler – as exigências dos negócios são esmagadoras. Mostrem-lhes uma revista maçônica de reputação conhecida e peçam-lhes que a subscrevam. A sua resposta é que não podem pagar, os tempos são difíceis e o dinheiro é escasso. E no entanto, não há falta de ambição maçônica em muitos destes homens. Mas a sua ambição não está na direção certa. Eles não têm sede de conhecimento, mas têm uma sede muito grande de Cargos ou Graus. Eles não podem dispor de dinheiro ou tempo para compra ou leitura de livros maçônicos, mas têm o suficiente de ambas para gastar na aquisição de Graus Maçônicos. É surpreendente a avidez com

que alguns Maçons que não compreendem os rudimentos mais simples de sua arte, e que falharam completamente em compreender o alcance e o significado da Maçonaria primária e simbólica, se agarram às honras vazias dos Graus mais elevados. O Mestre Maçom que sabe muito pouco, se é que sabe alguma coisa, do Grau de Aprendiz, anseia por ser Cavaleiro Templário. Ele não sabe nada, e nunca espera saber nada, sobre a história do Templarismo, ou como porque é que estes velhos Cruzados se incorporaram na Irmandade Maçônica. O auge de sua ambição é usar a Cruz Templária no seu peito. Se ele entrou no Rito Escocês, a Loja de Perfeição não o satisfará, embora forneça material para meses de estudo. Ele gostaria de subir mais alto na escala de classificação, e se por esforços perseverantes ele puder atingir o cume do Rito e ser investido com o 33º, pouco lhe importa qualquer conhecimento da organização do Rito ou das sublimes lições que ele ensina. Ele atingiu o auge da ambição e pode usar a águia bicéfala. Esses Maçons são como as sementes que caem à beira do caminho, ouvem os ensinamentos mas não entendem, ficando à margem da Luz do Conhecimento. Com isso, não se deve supor que todo Maçom seja um Maçom erudito e que todo iniciado seja obrigado a se dedicar ao estudo da ciência e literatura Maçônicas.

Maçonaria Gnóstica

Para exemplificar a importância do conhecimento, José Loiola (2023), analisa a Maçonaria Gnóstica. Esse autor explica que existe uma categoria de Graus no Rito Escocês Antigo e Aceito (R.: E.: A.: A.): denominada de Gnósticos Superiores, dentre eles o de “Cavaleiro Rosa Cruz” que é consagrado ao triunfo da Luz sobre as Trevas e sua interpretação é a emancipação da humanidade pelo amor e pela verdade gnóstica. Trata este

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

A BUSCA PELO APERFEIÇOAMENTO HUMANO

Josué Vanderlei Bezerra | Colaborador

A Câmara de Reflexão na Maçonaria é um espaço simbólico rico em significados, funcionando como o local de preparação, meditação e, fundamentalmente, como um útero materno simbólico para o candidato à iniciação. Ela representa o limiar entre a vida profana (que termina) e a vida maçônica (que começa).

A relação simbólica entre a câmara e o útero materno

O Útero da Mãe Terra – A Câmara é descrita como o “útero da mãe terra”, um local subterrâneo, escuro e isolado. É o útero simbólico de onde os “filhos da

viúva” nascem para uma nova vida; **Gestação e Renascimento** – Assim como o útero gera a vida física, a câmara gera a vida iniciática. O neófito é considerado uma “nova planta” ou semente que germina no escuro, preparando-se para nascer para a Luz; **Morte do “Eu” Profano** – O ambiente, decorado com símbolos de morte (crânio, foice, ampulheta), simboliza a morte do homem velho (profano) para que um novo homem possa nascer, um processo de “putrefação” da matéria para a germinação do espírito; **A Semente da Nova Vida** – A câmara representa a prova da

A Simbologia da Câmara de Reflexão e o Útero Materno

terra (o primeiro elemento), onde a semente, isolada do mundo, passa pela transformação necessária antes do nascimento; **V.I.T.R.I.O.L.** – O acrônimo Visita Interiora Terrae, Rectificando que Invenies Occultum Lapidem (“Visita o interior da terra e, retificando-te, encontrarás a pedra oculta”) convida a essa descida ao útero da terra para encontrar o verdadeiro “eu”.

Portanto, a Câmara de Reflexão é o útero espiritual onde o candidato morre para o mundo profano e se prepara, por meio da reflexão e da Vigilância (representada pelo galo), para renascer como um maçom.



artigo

COPA DO MUNDO

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

A Copa do Mundo é considerada o maior evento esportivo do planeta e representa muito mais do que uma competição de futebol. A cada quatro anos, países de diferentes continentes se unem em torno de um objetivo comum: celebrar o esporte, a convivência entre os povos e os valores de respeito, superação e união. Durante o torneio, milhões de pessoas acompanham os jogos, transformando a competição em um verdadeiro fenômeno cultural e social de alcance mundial.

O evento reúne nações com histórias, idiomas, costumes e tradições distintas, proporcionando um rico intercâmbio cultural. Torcedores de diferentes partes do mundo compartilham experiências, apresentam suas identidades e demonstram que, apesar das diferenças, é possível conviver harmoniosamente por meio da paixão pelo esporte. Nesse contexto, o futebol torna-se uma linguagem universal, capaz de aproximar pessoas e criar conexões que ultrapassam fronteiras geográficas, políticas e culturais.

Além do aspecto esportivo, a Copa do Mundo desempenha um importante papel na promoção da

integração entre os países. As cidades-sede recebem visitantes de diversas nacionalidades, favorecendo a troca de conhecimentos, o turismo e a valorização da diversidade cultural. O torneio se transforma, assim, em uma grande celebração da convivência humana, na qual o espírito esportivo prevalece sobre as rivalidades.

Para o Brasil, a Copa do Mundo possui um significado ainda mais profundo. O futebol está presente na história, na cultura e na identidade nacional, sendo uma das manifestações esportivas mais populares do país. Ao longo das décadas, a Seleção Brasileira construiu uma trajetória de destaque no cenário mundial, conquistando admiração por seu talento, criatividade e estilo de jogo. Essa tradição contribuiu para fortalecer o vínculo afetivo dos brasileiros com a competição.

Durante os períodos de Copa, é comum observar ruas decoradas, bandeiras nas janelas, encontros entre familiares e amigos e uma atmosfera de entusiasmo que toma conta das cidades. Independentemente da idade ou da condição social, milhões de brasileiros

compartilham emoções semelhantes diante de cada partida. A expectativa pelos jogos, a celebração dos gols e a esperança de conquistar novos títulos criam um sentimento coletivo de pertencimento e união.

Outro aspecto que torna a Copa tão especial é sua capacidade de gerar memórias afetivas. Muitas pessoas associam o torneio a momentos vividos ao lado da família, de amigos e de pessoas queridas. Histórias de comemorações, reuniões e emoções compartilhadas acabam sendo transmitidas entre gerações, reforçando o valor simbólico do evento na vida das pessoas.

Dessa forma, a Copa do Mundo transcende os limites do esporte. Ela representa um espaço de encontro entre nações, de valorização da diversidade cultural e de construção de laços entre povos de diferentes origens. Mais do que definir um campeão, o torneio demonstra como o esporte pode inspirar sentimentos de alegria, esperança, respeito e fraternidade, lembrando ao mundo que, mesmo diante de tantas diferenças, existem valores capazes de unir a humanidade em uma única celebração.

Um encontro de nações, culturas e emoções



opinião

MAÇONARIA E ÉTICA

Fábio Nogueira Duarte | Colaborador

Falar de Maçonaria é falar de ética. Simples assim. Não adianta saber de cor todos os símbolos, os passos do ritual e as palavras bonitas se a gente não vive isso quando sai do Templo.

Ética maçônica não é aquela lista de regras pendurada na parede. É coisa prática, do dia a dia mesmo. É ser honesto na conversa, respeitar o outro de verdade, ser justo nas atitudes. É fazer o certo até quando não tem ninguém olhando. Isso é que é difícil, e é

aí que se separa quem é maçom só de avental de quem é maçom de verdade.

A gente aprende na Loja que somos uma “pedra bruta”. Ou seja: ninguém é perfeito. A gente tá aqui pra se melhorar todo dia. E esse trabalho começa dentro da gente. É parar pra pensar, buscar equilíbrio, lembrar da responsabilidade que temos com a família, com os Irmãos e com a sociedade.

Hoje em dia, parece que muita coisa tá perdendo o valor. Por isso mesmo a ética vira ainda mais

importante. Maçom tem que ser exemplo de integridade, de fraternidade, de tolerância. Discurso bonito qualquer um faz. O que pega é a prática. O maior ensinamento maçônico é aquele que a gente dá sem falar nada, só com as boas ações.

E outra: essa ética não fica presa dentro da Loja. Ela vai com a gente pro trabalho, pras amizades, pras decisões do dia a dia, pro jeito que a gente trata a comunidade. O cara que sai do Templo tem que levar a Luz que recebeu lá

dentro e transformar isso em coisa boa pra todo mundo em volta. A Maçonaria não fica velha porque esses princípios são de sempre. Verdade, justiça e fraternidade nunca saem de moda. Em qualquer época, o mundo vai precisar de gente comprometida com isso.

No fim das contas, ser maçom é assinar um contrato com você mesmo, todo santo dia. É o compromisso de construir um mundo melhor começando pela obra mais difícil: melhorar a si mesmo.

É no dia a dia que a gente mostra quem é



reflexão

ENTRE A HUMILDADE E A INDIFERENÇA – II

Milton de Souza | Colaborador

Sobre perfis fechados e a disposição para mudar

É verdade que cada pessoa tem seu temperamento. Alguns são mais expansivos, outros mais introspectivos. No entanto, quando alguém assume um cargo de direção, ou se propõe a transmitir uma palestra, precisa compreender que o seu papel não é apenas ser quem é, mas ser ponte para o outro. Não se trata de negar a própria natureza, mas de superá-la em favor do bem comum.

Se o público necessita de entusiasmo, clareza e envolvimento para compreender e se manter engajado,

então é dever do palestrante — ou dirigente — adaptar-se, dentro do possível, para que a mensagem seja eficaz. E se isso não for possível, por limitação pessoal ou falta de interesse em evoluir nesse aspecto, talvez o mais honesto e construtivo seja não se colocar à frente de algo que exige esse tipo de entrega.

A rigidez no estilo pessoal, quando compromete a missão coletiva, deixa de ser autenticidade e se torna omissão disfarçada de integridade. O verdadeiro servidor não diz: “Eu sou assim mesmo.” Ele diz: “Como posso servir melhor?”

A frieza nas missões e o esgotamento dos movimentos

Chamado à Autenticidade e à Presença

A solução não está em discursos forçados, mas em retomar a chama interior. É preciso resgatar o porquê de se fazer o que se faz. Quando há propósito, há brilho. Quando há sentido, há energia. A linguagem da alma é viva, e ela se comunica mesmo em silêncio — mas nunca na frieza.

Precisamos lembrar que, nas palavras de Antoine de Saint-Exupéry, “o essencial é invisível aos olhos” — mas o essencial vibra. E só vibra quando há verdade, entrega e sentimento.

Considerações

Se queremos revitalizar nossas instituições, precisamos deixar de cumprir funções e passar a viver os cargos. Se queremos atrair, precisamos primeiro irradiar. A humildade não está em ser apagado, mas em ser chama que aquece sem queimar. E essa chama precisa urgentemente ser reacendida nos palcos, nas colunas e nos altares



crônica

O PERSONAGEM E SEU FUSCA...

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

Um dos maiores exemplos de livre arbítrio do ser humano, às vezes exercitado em dupla, já que envolve marido e mulher, é a escolha que se dá aos filhos. Atualmente, menos-mal, pois temos legislação para proteger os nascituros de receberem nomes que lhes causarão constrangimentos no futuro. Mas isso é na atualidade, porque há bem pouco tempo a coisa era livre, leve e solta.

Em Brasília, cidade cosmopolita, é fácil encontrar nomes que são, no mínimo, fora do comum. Dependerá da origem, cultura, religião, região, país e de outros fatores que influenciariam na escolha do nome e prenome. Desta forma, quando encontramos um cidadão de nome Apraham Apkar Ankinê da Silva, mesmo que seu apelido seja Abraãozinho, nada mais natural do que procurar saber sua origem. E era o próprio Abraãozinho, já acostumado, que dava as explicações às perguntas inevitáveis. Seu pai, baiano como ele, era encantado com a Armênia e achava o armênio uma língua com rara entonação poética. Todos os filhos receberam nomes armênios: as mulheres Marian, Marinê e Maritza, e os homens

Jirair, Haig e Melkon, além do glorioso Apraham. Esclarecendo que Apraham é o mesmo que Abraão; Apkar significa o maior homem; e, Ankinê o que é raro, não tem preço. O Silva é a presença do sertão baiano.

No entanto, Abraãozinho, o grande homem, raro e que não preço, no alto de seus 30 anos, não tinha mais do que 165 centímetros de altura (essa medição, em centímetros, era para render mais), havendo controvérsia porque alguns achavam que ele carregava na medida. Tinha complexo disso. De tal forma, usava sempre botas do tipo texana, bico pontudo, daqueles bons para matar baratas nos cantos das paredes, e de "salto", sempre impecavelmente limpas, já que possuía vários pares de cores e detalhes diferentes. Mas, sempre de salto. Vaidoso, estava sempre perfumado e trazia os cabelos impecavelmente bem cortados e penteados, unhas feias e roupas que sempre combinavam: bota-meia-calça-camisa-calçado-cinto e relógio, porque tinha mais de um e sempre dos bons. Era um indivíduo de tez clara e cabeleira preta. Julgava-se irresistível às mulheres, principalmente às mais altas do que ele, coisa

que era motivo de constantes gozações. Detalhe de Abraãozinho é que tudo o que por ele era tocado assumia a força de algo "mal arrumado" e voltava-se contra ele próprio.

Trabalhava no escritório de uma grande agropecuária com escritório em Brasília, lá no Setor de Indústrias, e com toda certeza, ele não era dos melhores motoristas da Capital Federal. Mesmo porque aprendera a dirigir naqueles jipes velhos no interior da Bahia, nunca possuía carro próprio para ir adquirindo os macetes e o jeito na condução de um automóvel. E foi ficando papagaio velho que aprendera, mas não tinha treino para falar.

Entretanto o não possuía acabou ficando para o passado, porque, um belo dia, ele apareceu no escritório "pilotando" um fusca já com vários anos de rodagem. O carro, uma figura! Era difícil de acreditar, mas originalmente deve ter sido da cor bordô, ou vinho, ou grená, sabe-se lá. Por aí. Todavia o tempo, as lavações, polimentos, intempéries, batidas, remendos e pinturas outras que se foram sobrepondo e agregando-se à original, além do próprio uso, encarregaram-se de fazer daquele possante um objeto sobre rodas. Absolutamente bazé. Até parecia ser furta-cor. Dependendo do ângulo que se olhasse, estava lá uma cor diferente. Porém, estava rodando. E isto, era o quanto bastava.

Ainda no primeiro dia e em plena lua de mel vivida entre Abraãozinho

e o Fusca, o feliz novo proprietário chamou os colegas para conhecerem o recém-adquirido. Foi aquela coisa de um ser convidado e aquele vai convidando mais gente. Por fim, o prédio de escritório ficou quase vazio, já que praticamente todos os empregados estavam em volta do Fusca. A maior farra. Cada um tirando um "sarro" à sua maneira. Abraãozinho, olímpicamente e imune ao alarido, abriu a porta rangedeira, fez pose de bacana e sentou atrás do volante do bólido de cor indefinida. Deu partida. Engatou primeira, acelerou forte e soltou as feras que estavam armazenadas no motor do Fusca.

O carro deu um tranco como se sua embreagem fosse a de um sapo e em seguida um salto como se batráquio fosse. O banco do motorista, que teoricamente deveria estar preso aos trilhos, que por sua vez deveriam estar presos ao assoalho do Fusca, soltou-se. Abraãozinho e o banco do motorista foram parar, ambos, no banco traseiro do carro, que, indiferente a tudo, seguiu seu caminho até encontrar um monte de areia colocado sobre a calçada do outro lado da rua.

Era assim que as coisas aconteciam com o Abraãozinho. Mas ele era imperturbável. Não estava nem aí para os demais. Lá no fundo, achava que o pessoal morria de inveja dele. Então, ficava ali, superior em seus declarados 165 centímetros de altura, mais as botas texanas de salto.



artigo

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA – II

Luiz Gonzaga da Rocha | Colaborador

O documento de 1983 é particularmente significativo porque estabelece que "não compete às autoridades eclesiais locais pronunciar-se sobre a natureza das associações maçônicas com um juízo que implique interrogação do que foi acima estabelecido". Ou seja, a condenação não é passível de interpretações regionais ou pastorais: é universal e vinculante.

Diante deste histórico, a nomeação de um bispo que publicamente e festivamente participou da inauguração de uma casa maçônica — e que na ocasião dirigiu saudações e augúrios de diálogo — por um papa que ostenta o nome do maior inimigo da Ordem não pode ser lida como um acaso. É, no mínimo, um fato que merece análise profunda. Estaria Leão XIV rugindo em uma direção diferente?

Dom Soddu: o pastor que atravessou a rua

A questão que levanto é: quem é Francesco Antonio Soddu, e o que seu gesto de 2022 realmente significou?

Aqui a inteligência artificial destacou que Dom Soddu, nascido em Chiaramonti, na Sardenha, em 1959, é um homem profundamente marcado pela "caridade pastoral". Antes de ser bispo, foi por quase uma década (2012-2021) Diretor Nacional da Caritas Italiana, organismo da Conferência Episcopal dedicado ao serviço dos "pobres", "migrantes" e "excluídos". Seu ministério sempre esteve voltado para as periferias existenciais, para o acolhimento, para a construção de pontes onde outros erguem muros. O lema que escolheu para seu episcopado é revelador: "In omnibus caritas" (Em tudo, a caridade). A expressão completa, atribuída a Santo Agostinho e citada pelo Papa João XXIII, reza: "In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas" (Unidade no necessário, liberdade no duvidoso, caridade em tudo).

Foi este homem — formado na teologia pastoral, habituado ao diálogo com instituições civis, experiente na

construção de consensos — que, em 27 de setembro de 2022, aceitou o convite para a inauguração da Casa Maçônica de Terni.

Pasmem ou admirem! A nota oficial emitida pela diocese diante da polêmica que se seguiu é um documento precioso para entender o espírito do gesto:

"Em relação à abertura do novo ingresso da sede do GOI em Terni, causa espanto, desconcerto e amargura a leitura instrumental, voluntariamente equivocada e mal compreendida, da presença do bispo Soddu nesta circunstância. A leitura dos fatos, que nem sequer levou em conta os conteúdos do que o bispo disse, distorce totalmente o sentido de sua presença que, não se identificando com um pensamento diferente da doutrina cristã, teve, ao contrário, o único objetivo de testemunhar a fidelidade ao Evangelho e à Igreja, sobretudo neste tempo do caminho Sinodal que a caracteriza".

A defesa é sutil e profundamente significativa: não se tratou de adesão à doutrina maçônica, mas de "testemunho evangélico" em contexto de diálogo. O bispo não foi até os maçons para aprender com eles, mas para levar a eles — e à cidade — uma palavra de acolhimento e de superação de preconceitos. Nas palavras do próprio Dom Soddu na ocasião, tratava-se de "alimentar o diálogo e o confronto entre

realidades diferentes, derrotando os preconceitos".

Na época, dois cenários se apresentaram: para o mundo profano, foi escândalo; para o mundo maçônico, talvez um sinal de abertura; para Dom Soddu, um exercício de seu lema episcopal levado às últimas consequências.

Continua na próxima edição...

expediente

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA

MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Rua J 52 Nº 550 Setor Jaó, Goiânia GO – Brasil
CEP: 74674-180 • Telefone: (62) 3207-1020

Presidente:

José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06
Editor/design:

Guilherme Fonseca – Colaborador
Revisor: Alexandre A. Giffoni Júnior

Colaboradores: Absai Gomes Brito
/ Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira
/ Getúlio Targino Lima / Luiz Antônio Signates Freitas
/ Flávio Roldão de Carvalho Lelis

Programação/edição: Adriana Almeida

Coordenação gráfica:

Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital

[http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias publicadas.



artigo

A VULNERABILIDADE DO SISTEMA DEMOCRÁTICO DE GOVERNO – II

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

A forma empregada é velada, sutil, perceptível apenas por alguns poucos segmentos além dos críticos e da imprensa, consistindo na tática do descaso e da omissão que vão se caracterizando na medida em que os poderes constituídos se furta de modo proposital ao cumprimento do dever que lhes é atribuído constitucionalmente de prestar bons serviços à população em todas as áreas de sua competência, dentre elas a segurança, a saúde e a educação, que são essenciais, além de prioritárias e deixam que o caos se estabeleça mediante justificativa de falta de recursos, apenas para fazer com que o povo em geral mude de vontade, passe a reprovar o sistema democrático de governo e fique favorável quanto à instituição de um novo regime governamental sem prévia consulta à vontade da maioria dos eleitores. Essa primeira etapa diz respeito à formação de convencimento para uma nova tomada de consciência, lenta e gradativa, que se completa quando os governantes, para criarem um clima de indignação e de insatisfação nas massas populares, não promovem as mudanças e as reformas básicas necessárias exigidas pelo clamor popular, não divulgam suas metas econômicas, não traçam suas políticas de governo (o que ocasiona incertezas aos meios de produção e comercialização, dada à falta de um rumo para se orientarem), não combatem eficazmente a inflação, abrem as portas do governo para a corrupção e nada fazem no sentido de eliminar a impunidade, tudo isso com o fito de gerar o caos social e deixar as massas confusas e indecisas sem saberem se todo esse descontrole é ou não culpa do sistema político vigente e se o mesmo precisa ou não ser substituído por outro.

Esse é o método clássico que tem sido utilizado para se conseguir mudar a forma de governo, um jeito artificioso que engana e trai a confiança do povo, com promessas de melhoria de vida para os pobres mediante a prática de perversa política de

distribuição de renda que tira de quem tem por que trabalha, para dar a quem não tem porque não trabalha, garantindo com isso, ser possível nivelar todos em uma só classe social de poder aquisitivo melhor, mas até aqui o que a história nos revela é que por onde passaram os regimes autoritários (citando como exemplo o socialismo), o rumo dado à economia foi o da moratória e calote nos seus credores internacionais, o da estagnação da indústria e do comércio, o da alta da inflação e do desemprego, o de fazer com que as classes sociais ficassem reduzidas a uma só, porém, esta inferiorizada no mais baixo nível econômico e financeiro possível. Exemplos do nosso tempo são os dos países levados a adotarem o socialismo dentro da chamada cortina de ferro que foi desfeita tendo como causa sua ineficiência e fracasso, pois enquanto viveu apenas serviu de entrave ao desenvolvimento e ao progresso daquela região não conseguindo evitar que lá se instalassem o empobrecimento e grandes dificuldades econômicas e financeiras para todos.

É sabido que a democracia não se trata de um sistema de governo perfeito e foi aproveitando-se dessa situação que nasceu o Nazismo, na Alemanha. Hitler que foi eleito pelo povo ao cargo de mais alto mandatário daquele país, pouco tempo depois traiu a confiança de seus compatriotas, ao levar a nação alemã a um conflito mundial violento e até então sem precedentes.

Tal acontecimento nos mostra que a democracia tem suas fragilidades e pontos vulneráveis que a deixam exposta ao risco de constantes ameaças. No Brasil, essas ameaças são intentadas por quem a pretere em comparação a outros sistemas de governo. É por isso que, volta e meia, o povo se depara com investidas nesse sentido querendo subtrair-lhe a liberdade, os direitos individuais, o direito de propriedade, o estado democrático de direito etc.

Ainda que não seja bandeira de luta das massas populares a mudança do seu sistema de governo, a democracia pode ser facilmente trocada por qualquer outro regime, pois a sua base de sustentação é a vontade soberana do povo, que a escolhe e a adota de forma constitucional como seu sistema de governo, mas quando esta vontade se retrai manipulada por algum artifício o sistema pode não se consolidar, pois dita condição depende diretamente da cultura, do grau de instrução desse mesmo povo e, bem assim, do seu estágio de desenvolvimento.

Outro aspecto que se vislumbra como de efeito negativo à democracia é a população não possuir boa formação ética e moral. Por dedução lógica há que se admitir que do seio da sociedade com tais vícios, sairão certos políticos que, ao se elegerem, irão representá-la com a mesma formação, ou seja, homens de comportamento antiético, imoral, de conduta irresponsável e inconfiável, capazes de por qualquer “toma lá, dá cá” enxovalhar a própria honra e dignidade. Político com esse baixo nível comportamental é espúrio à democracia, pois seu nível de consciência o coloca muito distante do perfil delineado por Platão que, ao seu tempo, qualificava o bom governo como sendo aquele que “deve gozar da confiança do povo.” E não só isso, o bom governo, segundo ele, “depende da virtude dos bons governantes e as massas devem ser dirigidas por homens que se distinguem pelo saber.”

No Brasil, seria muito bom que assim se desse, que a nossa Constituição Federal permitisse candidaturas apenas de pessoas letradas, cultas, distinguidas pelo saber, mas infelizmente, nesse aspecto ela é demasiadamente permissiva. Com isso, o que vemos em todas as eleições, ressalvadas as honrosas exceções, é uma corrida frenética em direção ao poder, de candidatos que nada conhecem sobre as responsabilidades decorrentes dos cargos que pleiteiam. Muitos desses candidatos se apresentam sem grau de instrução compatível, sem experiência, sem consciência do que seja dever político, fidelidade partidária e mesmo assim conseguem se eleger.

Esse fato já não mais surpreende o brasileiro que faz uso do voto com responsabilidade, por entender que a origem do mesmo é de ordem cultural e que se repete a cada nova eleição apenas para ratificar a assertiva do adágio “cada povo tem o governo que merece.”



opinião

O PATO DOUTOR – I

João Alberto de Freitas | Colaborador

Pela informação do IBGE de 2022, Jandaia conta em torno 6.772 habitantes, imagine na década de 1960 era muito menos e mais simplicidade. Tudo vai mudando e se transformando rápido. O Brasil de cinquenta anos atrás era muito mais singelo, pacato e modesto e provinciano. De lá para cá mudou muita coisa, sobre todos os aspectos, principalmente na política, veio globalismo, as mídias, internet, a IA e o sistema que todos enfrentamos na atualidade. De 2020 para cá com o advento da Pandemia como uma das agendas do Nova Ordem Mundial com o propósito de colocar em prática a sua programação para implantar o Governo Único, previsto no apocalipse para poder continuar escravizando a humanidade. Em

Goiás, a modernização da agricultura se aprofundou na década de 1970. Foi nesse período que a soja passou a ser cultivada no estado, graças à produção de óleo e demanda internacional pelo grão. Atualmente o estado é um dos maiores produtores de soja do Brasil, assim como de cana-de-açúcar, alho, tomate e milho. O estado possui ainda o terceiro maior rebanho bovino do país, sendo grande produtor de carne, leite e de seus derivados. Existem diversas indústrias no estado, principalmente indústrias alimentícias. Naquela época de 1970, as pessoas interioranas de locais menos desenvolvidos eram bem simples e de pouca instrução e até sem ambição. Viviam como podia e de improvisos. Muitos não tinham empregos e outros viviam

de fazer bicos e trabalhar por diárias nas lavouras ou nos comércios de pequeno porte. A vida ia se desenvolvendo sem muitos atrativos. Quando chegava nos finais de semana ou nos dias santos e feriados, muitos gostavam de ir pescar nos rios da região. Num belo dia de verão, uma turma bem animada de amigos, promoveram uma pescaria no Rio Turvo. Usaram canoa a remo daquelas sem motor. Naquele tempo não era como hoje. Não tinha as opções que hoje são comuns. A maioria gostava de ir para a beira do rio para pescar e passar momentos interagindo com a natureza. O importante era a liberdade de convivência naquela interação animada como se todos fosse da mesma família. O povo comportava-se como na época dos mutirões, folclore das folias de reis, procissões, rezas de terços e festas de fogueiras de São João e muita religiosidade. Naqueles tempos, ainda era costume realizar festas nas fazendas quando preparavam toldas feitas com folhas de guariroba, com muita comida e bebidas. Animava-se

a festa com sanfona, pandeiro violão, viola e reco-reco. Pairava no ar certa inocência, da aura dos anos 1960, da era do laquê do, bobs, do vestido tubinho, anarruga, camisa volta ao mundo, e calça Lee e de bocas largas. Naqueles tempos havia alguém que ainda usava a brilhantina, o óleo Glostória, Lavanda, o Mistral, Tres Brut Marchand e até Leite de Rosas, colônia Lancaster, Avon, Pin Page, Chanel, Pachouli, Almíscar Selvagem, Minâncora, embora já tivesse diminuído bastante. Os carros da época era o Fusca, o Jeep, Pick up Rural, kombi, Opala, Fiat 147, Ford Corcel, Chevette, ou caminhões e outros mais antigos. E, lá perto das redondezas usava-se o cavalo e a charrete. Quando chegava no dia de festas as moças arrumavam tão bem, com roupas bonitas com decotes, penteados, perfumes, e maquiagem que até as menos percebidas ficavam mais bonitas e mais atraentes. Muitas imitavam a personagem da música de Silveira e Silveirinha, “Hoje está fazendo um ano bem que eu te conheci”.

Continua na próxima edição...



opinião

GOULD: QUANDO A MAÇONARIA APRENDER A DUVIDAR

Sérgio Copstein | Colaborador

Confesso aos Irmãos que quanto mais estudo Robert Freke Gould mais tenho a impressão de que ele apareceu na historiografia maçônica como aquela figura rara e em certo sentido incômoda que interrompe o entusiasmo coletivo para fazer uma pergunta simples. Muito bem... Mas onde estão as provas?

Pode parecer pouco. Não era.

Na verdade acredito que a Maçonaria precisasse desesperadamente de alguém assim naquele momento histórico.

Quando observamos boa parte da produção maçônica do século XIX encontramos um ambiente intelectual dominado por narrativas grandiosas genealogias improváveis e uma necessidade quase compulsiva de conectar a Ordem às origens mais antigas e prestigiosas imagináveis. Egípcios templários colégios iniciáticos da Antiguidade construtores bíblicos. Todos apareciam convocados como ancestrais diretos da Maçonaria moderna frequentemente com muito mais entusiasmo do que documentação.

E digo isso sem sarcasmo. Há algo profundamente humano nesse impulso. Toda tradição em algum momento tende a ornamentar o próprio passado. Talvez porque o ser humano tenha dificuldade de aceitar que coisas extraordinárias possam nascer de processos históricos menos míticos e mais complexos.

O problema começa quando o fascínio pela tradição substitui completamente o compromisso com a evidência. E foi exatamente o que Gould entrou.

E penso que esse é o ponto que realmente explica sua importância. Não porque tenha sido o maior historiador maçônico. Sinceramente acho até uma discussão meio estéril. Mas porque apareceu justamente quando a pesquisa maçônica precisava adquirir maturidade metodológica.

Antes dele boa parte da historiografia da Ordem funcionava quase como literatura de confirmação. A conclusão já estava pronta. O trabalho consistia em encontrar elementos que parecessem sustentá-la. Gould inverteu essa lógica. Em vez de perguntar qual narrativa gostaríamos que fosse verdadeira ele passou a perguntar o que os documentos realmente permitem afirmar.

Isso alterou o padrão do campo inteiro.

A própria trajetória pessoal dele já revela algo dessa seriedade intelectual. Gould nasceu em 1836 serviu como oficial do exército britânico tornou-se advogado e em 1877 tomou uma decisão que sempre me impressionou. Abandonou a advocacia para dedicar-se integralmente à pesquisa histórica.

Não era um erudito ocasional escrevendo nos fins de semana. Não era alguém produzindo textos por vaidade intelectual ou passatempo. Era alguém disposto a reorganizar a própria vida em torno de uma convicção. E acho que isso aparece claramente na disciplina monumental do trabalho que realizou depois.

Quando lemos *The History of Freemasonry* publicada em seis volumes entre 1883 e 1887 a primeira reação costuma ser o espanto diante da dimensão da obra. Mas sinceramente o que mais me impressiona não é o tamanho. É a mentalidade por trás dela.

Gould parecia possuir uma confiança quase austera na documentação. Atas registros de Loja constituições listas de oficiais manuscritos antigos. Ele mergulhava nisso com uma obsessão que imagino devia parecer excessiva para muitos de seus contemporâneos. Enquanto outros autores reproduziam tradições já consolidadas pelo hábito Gould perguntava o que podia efetivamente ser demonstrado.

Hoje isso soa quase óbvio. Naquele contexto era profundamente disruptivo.

E talvez o mais interessante seja perceber que ele não fazia isso movido por desprezo à tradição. Esse é um ponto que frequentemente me parece mal compreendido. Gould não tinha o perfil de um iconoclasta agressivo daqueles que sentem prazer em demolir símbolos ou ridicularizar crenças antigas. Pelo contrário. Minha impressão é que ele respeitava profundamente a tradição maçônica. Apenas entendia que respeito não é sinônimo de credulidade.

Aliás talvez sua maior contribuição tenha sido justamente ensinar à Maçonaria algo extremamente difícil. A capacidade de duvidar de si mesma.

Porque instituições tradicionais raramente gostam de dúvida. Especialmente quando essa dúvida ameaça genealogias antigas narrativas prestigiosas ou certezas transmitidas durante décadas. Existe sempre uma pressão às vezes silenciosa às vezes explícita para preservar versões confortáveis do passado.

E Gould perturbou esse conforto.

Mas seria injusto transformá-lo num herói solitário. A própria *Quatuor Coronati Lodge No. 2076* nasceu de uma inquietação coletiva. Sir Charles Warren e outros estudiosos compartilhavam do mesmo desconforto diante da fragilidade metodológica que dominava grande parte da historiografia maçônica da época.

A *Quatuor Coronati* foi em muitos sentidos um divisor de águas exatamente porque tentou introduzir um padrão mais rigoroso de investigação. Não era uma universidade disfarçada de Loja. Mas certamente foi um espaço onde a pesquisa maçônica começou a adquirir um grau maior de disciplina intelectual.

A publicação regular das *Transactions* o debate entre pesquisadores a crítica entre pares a preocupação documental. Tudo isso ajudou a criar uma cultura de investigação mais séria dentro do ambiente maçônico. É nesse espírito que se deve compreender a chamada *authentic school* de pesquisa maçônica, associada à *Quatuor Coronati* e ao seu círculo. Não era

ainda uma profissionalização acadêmica plena evidentemente. Mas era um avanço enorme comparado ao que existia antes.

Nesse contexto Gould acabou se tornando o símbolo mais visível dessa mudança. E há algo que admiro particularmente em sua postura. A honestidade intelectual quase severa com que lidava com as lacunas históricas. Quando havia documentação sólida ele afirmava. Quando não havia ele dizia claramente que não sabia.

Pode parecer banal mas isso exige uma disciplina rara. Especialmente num campo tão cercado por simbolismos especulações e narrativas sedutoras quanto a Maçonaria. A tentação de preencher o silêncio dos arquivos com imaginação sempre foi enorme.

Talvez justamente por isso algumas leituras posteriores tentem recrutá-lo para correntes esotéricas ou herméticas que sinceramente não combinam muito com o que ele realmente representava. E aqui acho importante fazer uma distinção clara. Gould não era um filósofo do simbolismo maçônico. Não era um místico do ritual. Não era um intérprete esotérico da Ordem. Seu pensamento era fortemente marcado pelo espírito positivista do século XIX.

Ele confiava na documentação desconfiava das extrapolações e via o trabalho do historiador como um esforço disciplinado para estabelecer aquilo que efetivamente aconteceu. Não aquilo que gostaríamos que tivesse acontecido para tornar certas tradições mais fascinantes.

Às vezes tenho a impressão de que alguns Irmãos ficam até um pouco frustrados com isso. Porque gostariam que Gould legitimasse determinadas leituras simbólicas modernas. Mas honestamente não me parece que esse fosse o seu interesse. E talvez aí resida justamente sua força.

Porque ele insistia numa distinção que continua extremamente atual. Tradição não é automaticamente evidência. Repetição não transforma hipótese em fato histórico. Uma narrativa não se torna verdadeira apenas porque foi repetida durante gerações. Isso permanece relevante.

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

PRUDÊNCIA - II

Alessandro Borges | Colaborador

A prudência deve examinar as vantagens e as desvantagens de tomar posicionamentos ou não, para evitar um sofrimento maior no futuro. Por isso Aristóteles dizia: "não é possível ser homem de bem sem prudência, nem prudente sem virtude moral".

Moral sem Prudência é moral vã ou perigosa, é a máxima da Prudência, e

é preciso ter cuidado também com a moral, quando ela despreza os seus limites ou as suas incertezas. A boa vontade não é uma garantia, nem a boa consciência uma desculpa. Em suma, a moral não basta à virtude; são necessárias também a inteligência e a lucidez. É o que o humor recorda e a Prudência prescreve. A Prudência é

uma Arte Virtuosa Maçônica da precaução e da inteligência; da razoabilidade e do bom senso; do equilíbrio e do discernimento.

A Prudência, enquanto virtude cardinal, ocupa papel central na formação moral e filosófica do maçom. Sua prática constante promove o equilíbrio entre razão e emoção, fortalece o discernimento e orienta a conduta ética do iniciado em suas relações interpessoais e decisões cotidianas.

No contexto maçônico, ser prudente significa agir com sabedoria, refletir antes de falar, respeitar os limites do outro e conduzir-se com responsabilidade

diante dos deveres assumidos. Trata-se de uma virtude que transcende o simbolismo ritualístico, manifestando-se como fundamento essencial para a construção de um caráter íntegro e de uma sociedade mais justa.

Assim, posso concluir que a Prudência é não apenas uma orientação moral, mas um instrumento indispensável na jornada de aprimoramento espiritual e intelectual do maçom e que cada irmão, guiado pela luz da Prudência, possa construir sua caminhada com equilíbrio, respeito e sabedoria tornando-se um verdadeiro pilar de retidão dentro e fora da Loja.



MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS – VI

João Batista Fagundes
Vigésimo Grão-Mestre
Período 2005/2008

CRIAÇÃO DO CORAL VOZES DA GRANDE LOJA

O Decreto nº 008-2005/2008, do Grão-Mestre, criou o Coral “Vozes da Grande Loja” com a finalidade de realizar apresentações, tanto no seio da Maçonaria, quanto fora dela. O Coral é composto somente por Maçons, esposas e filhos de Maçons. O Coral vem realizando brilhantes apresentações na Grande Loja, em Lojas Maçônicas, na Câmara Municipal de Goiânia, na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, etc.

BOLSAS DE ESTUDOS

Foi conseguido bolsas de estudos junto a OVG – Organização das Voluntárias de Goiás, para quase todos da família maçônica que pleitearam esse benefício. Somente três familiares de Maçons não conseguiram, porque não tinham o perfil exigido pela OVG.

PROGRAMA “CAMINHO SEM DROGAS”

Pelo Ato nº 016-2005/2008, do Grão-Mestre, foi criado o programa “Caminho Sem Drogas”, destinado a

promover palestras de prevenção às drogas a comunidade. Foi ministrado um curso de 50 horas aulas com a finalidade de preparar os multiplicadores (maçons e familiares) a realizar as palestras. A Grande Loja, através de maçons, está apta a oferecer esse tipo de palestra, tanto nas Lojas, quanto em outro local.

AQUISIÇÃO DE NOVOS VEÍCULOS

A Grande Loja tinha dois veículos, um Gol 1000, ano 1994 e um Chevrolet, modelo Astra, ano 2005. O gol tinha rodado mais de duzentos mil KM e o Astra mais de oitenta mil KM. Foram adquiridos um veículo Gol 1000, ano 2006, em janeiro de 2007, para os serviços da Grande Loja e uma camioneta marca Chevrolet, ano 2007/2008, modelo blazer, em agosto de 2007, para as viagens do Grão-Mestre e comitiva.

GALERIA DOS TEMPLOS DAS LOJAS JURISDICIONADAS

Foi construída a Galeria dos Templos das Lojas Jurisdicionadas, com as



fotografias de todos os Templos das Lojas jurisdicionadas a Grande Loja, estando exposta no saguão da Grande Loja.

NOVA IDENTIDADE DO MAÇOM

Foi implantado novo modelo de identidade, via Decreto nº 020-2005/2008, tanto para os maçons, quanto para as cunhadas, em material de PVC. A Grande Loja adquiriu uma impressora própria para imprimir a nova identidade, a qual vem sendo impressa e entregue a todos os maçons e cunhadas, sem qualquer ônus.

BANDEIRA DA GRANDE LOJA

A Bandeira da Grande Loja já estava criada pelo Ato nº 177-1990/1993, de 02/03/93, do Grão-Mestre Sebastião Elias Campos (re-ratificado pelo Ato nº 237-2005/2006, de 14/08/2007), o qual determinava que as Lojas devessem confeccionar a sua Bandeira até final do ano de 1993. Entretanto, as Lojas tinham dificuldades em mandar confeccionar a Bandeira, por isso, mandamos confeccioná-las (Bandeira, pedestal, mastro e ponteira) e distribuímos uma a cada Templo. Nenhuma Loja tinha a Bandeira da Grande Loja.

Continua na próxima edição...



DIREITO FUNDAMENTO SOCIAL À SAÚDE – III

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Independente da singularidade do atual quadro de dificuldades econômicas do País, é preciso “um olhar no futuro”, um entendimento propositivo das realidades, como, por exemplo, a aceitação pelos cidadãos dos significativos avanços da tecnologia, inclusive na área da ciência jurídica, para melhor compreender e também empreender atividades progressivas em prol do Estado, e da própria sobrevivência da população em geral. O que significa afirmar, independente de os serviços de saúde serem planejados, coordenados e executados pelo Estado, ou pela iniciativa privada, importa a todos irem em frente, de braços dados com o Código de Defesa do Consumidor, que em boa hora introduziu novos costumes, novas realidades, novas práticas no mundo dos negócios em geral e, no particular, no âmbito dos planos de saúde.

Também importa salientar, os Serviços de Saúde podem ser qualificados por um “conjunto de atividades desenvolvidas pelas unidades de saúde lato-sensu (hospitais, clínicas, postos ou centros de saúde, laboratórios e hemocentros (os chamados banco de sangue), a operadora dos planos

de saúde, serviços de vigilâncias Sanitária, Ambiental, Epidemiológica, inclusive Fundações e Institutos de Pesquisas Acadêmicas e Científicas, etc.

Acrescente-se, igualmente, os serviços prestados pelos médicos e corpos paramédicos, que compreendam as ações necessárias à prevenção da doença e a recuperação, manutenção e reabilitação da saúde do ser humano, inclusive dos animais.

4. No âmbito geral das ações e serviços de saúde, em regra, os profissionais de saúde enfrentam uma população impregnada de aches pandêmicos de toda ordem, notadamente um quadro de pandemias diversas.

Vejam, em breve suma, as pandemias que se revelam mais significativas, e que mais causam danos à saúde dos brasileiros (depressão, diabetes, hipertensão arterial, ansiedade, obesidade, covid-19, transtornos mentais, ideações suicidas, etc).

Depressão(15) – Na literatura, a depressão é qualificada por um transtorno mental caracterizado pelo sentimento de tristeza e perda de interesse ou prazer nas coisas que normalmente eram feitas pelo indivíduo. Isto é,

sentimento de tristeza persistente, desânimo imotivado, sentimento de desesperança, cuja presença marcante aparece pela dificuldade de concentração, insônia, perda de peso. Conforme alude a Organização Mundial de Saúde (OMS), situa-se em 4º lugar entre as principais causas de ônus. São eventos estressantes que desencadeiam episódios depressivos, sobretudo nos casos de dependência de álcool e drogas ilícitas, traumas psicológicos, conflitos conjugais, mudança brusca de condições financeiras, desemprego, inclusive efeitos da Covid-19.

A propósito da gravidade da pandemia, reza a boa literatura: o indivíduo acometido de “depressão” faz avaliação negativa de si mesmo, pois acredita ter perdido a capacidade de sentir alegria e prazer. E nos casos mais graves, chegariam até a invocar a própria morte como solução de seus problemas, ou seja, apresenta falta de energia, insônia, falta de concentração, cansaço, mal-estar físico e presença de delírios ou alucinações capazes de provocar até possível histeria coletiva.

Segundo o IBGE já citado, a pandemia de “depressão” chegou atingir cerca de 25 milhões de vítimas. E mais.

Direitos do Consumidor à saúde

Conforme os dados do IBGE/2019, em torno de dezesseis milhões de brasileiros estariam acometidos do transtorno de depressão, sendo certo que, destes, cerca de 13% (treze por cento) seriam vítimas as pessoas idosas com mais de 60 anos de idade

Ansiedade(16)– No plano sensível, embasado em leitura de revista especializada, ansiedade é uma emoção humana, caracterizada pelo sentimento do medo e outras preocupações relevantes como, por exemplo, um meio ambiente adverso ou hostil, relações interpessoais insatisfatórias, dificuldades em ser reconhecido dentro de uma comunidade. E neste quesito de ansiedade, de acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, o Brasil aparece com o maior número de casos de ansiedade na América Latina.

Além disso, conforme a chamada imprensa “on line”, “O Brasil tem uma carga tributária alta, porém, o nível de remuneração média é muito baixa, obrigando a população a trabalhar muito mais do que outras, para conseguir atingir serviços básicos que não são oferecidos com qualidade pelo Estado.

Continua na próxima edição...



opinião

SABEDORIA

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

Neste dia 10/05/2026, segundo domingo do mês de maio, que se comemora o dia das MÃES, estava refletindo sobre um tema para enviar para publicação em nosso jornal O CONFRADE.

Tema palpitante para a vivência e convivência social no Brasil e mundialmente, falando. Especialmente nestes últimos anos em que se discute também, aqui e acolá, sobre a corrupção, um dos temas que mais tem corroído as relações em nossa sociedade e em outras.

Uma das pesquisas que fiz foi na Bíblia (Livro da Lei Maçônica), onde deparei com o livro intitulado: "SABEDORIA – A Justiça é Imortal". Finalizando sua "Introdução" com a frase: "Doravante, toda sabedoria implica exercício

da justiça, e este, se for verdadeiro, produz a libertação."

A Bíblia, revela Deus presente na história dos homens. Os Homens (Homem e Mulher) nascem de uma mulher, chamada de mãe, a que gerou o filho (a), e que dá nascimento, normalmente a um ser de cada vez. E seguirá cuidando naturalmente dele até pelo menos, adquirir a condição natural de adulto. Momento que desperta também para o acasalamento, adquirindo condições de participar do processo natural da reprodução humana, se o desejar.

Neste período, é a figura da mãe, a que mais se destaca como a principal transmissora ao filho (a) dos elementos essenciais vivenciados pela cultura que orienta os destinos da sociedade, onde cresceu.

Quanto mais sábia for a mãe, melhor educação terá o filho, para cumprir com os deveres naturais da sua existência, incluindo a sua participação para a reprodução humana, de acordo com a orientação biológica da nossa espécie.

Estas benesses recebidas através das mães, bem aplicadas nas sociedades onde vivem, promovem prosperidade individual e social, com reflexos positivos universalmente.

O Dia das Mães é consagrado, despertando-nos para encontros familiares, com comemorações expressivas de gratidão especialmente àquelas que têm filhos com alguma deficiência psíquica, física e social.

É a primeira a demonstrar o ensinamento bíblico sobre a partilha, especialmente quando a família se assenta às mesas de refeições, demonstrando onde está o essencial a cada um, de acordo com a faixa etária e individualidades de filhos(a).

Coroando a cada encontro, especialmente nestas mesas o compartilhamento como Jesus demonstrou aos discípulos na Santa Ceia. O que, acredito, estar

também expressado no afresco de Leonardo da Vinci, sobre a Santa Ceia, em que Jesus ao colocar todos em torno da mesa, além de aproximá-los quis também demonstrar que ali há de tudo para todos de acordo com as realidades que cada um iria vivenciar para promover o bem-estar da humanidade.

Hoje acompanhando os noticiários na imprensa escrita, falada, televisada e nas redes sociais da comunicação digital, percebe-se que há alimentos, habitações e outros recursos suficientes para desenvolver ensinamentos, assistência à saúde e tantos outros às necessidades de cada grupo social e à natureza no geral, agrupados nos temas de ecossistemas.

As mães, até hoje, nos ensinam que há como encaminhar as melhores soluções para cada filho (a), atendendo as necessidades individualizadas. Fica aqui nosso desejo de que, as MÃES, continuem liderando o criar e procriar especialmente da espécie humana, transmitindo estes ensinamentos através da cultura, base de toda sociedade próspera.



artigo

A IMORTALIDADE – II

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Os Maçons, no interior de seus Templos, encaram o eterno problema metafísico: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? A Maçonaria acredita em vida além da matéria e daí não passa; deixando que cada um professe a sua religião ou sua consciência.

Na Exaltação saímos do escuro caixão de nossa ignorância, para poder apreciar a vida em seu verdadeiro valor e vivê-la com dignidade. Na marcha de Mestre, andando acima do túmulo, nos afastados da materialidade e da morte terrestre.

O corpo é a matéria perecível da qual devemos nos separar, para seguirmos em nosso progresso como filhos do Grande Arquiteto do Universo.

Se há única vida, se somos pó e ao pó voltamos, pelo menos no que diz respeito ao corpo material que é o que define a identidade de um grande número de pessoas – então a Morte é apavorante, é assustadora. A primeira vista, a imortalidade ou sobrevivência de algo após a Morte, é totalmente irracional. Com a Morte, alguém que antes era caloroso, vivo e esperto, torna-se uma carcaça fria, impassível e prestes a apodrecer. A Morte representa o desconhecido, por isso desperta receios e angústias. A Idade Média foi época de crise social intensa, com radicais mudanças na maneira do homem lidar com a Morte. Foi um período assolado pela peste, pela fome, pelas cruzadas, pela inquisição; uma série de eventos de Morte em massa. A Morte passou a viver lado a

lado com o homem, uma constante e imprevisível ameaça a persegui-lo. Passou a ser relacionada a conteúdos perversos, macabros, torturas e flagelos – isso está muito bem caracterizado pelas imagens artísticas produzidas a partir de então.

A partir daí, o Homem ocidental se recusa a aceitar a existência e a pensar na Morte. Somente quando ela atinge alguém próximo ou somos assaltados por um problema grave de saúde, é que reconhecemos sua existência. Diz David Sentinella em seu livro "O Enigma das Múmias": "Nossa sociedade moderna é quase um deserto espiritual. O único significado que tem a morte é o de ser um mero processo fisiológico: o final, a aniquilação, a destruição. Não queremos vê-la, sua presença nos incomoda, e tampouco pensamos em nosso inevitável encontro com ela. O simples fato de falar sobre a morte é considerado mórbido. A única coisa que queremos é afastar qualquer referência a ela e, acima de tudo, esquecê-la."

Consta na obra "A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira", organizado por José de Souza Martins: "O tema da morte é um tema interditado, banido nos centros urbanos e nas regiões mais cultas e desenvolvidas da sociedade brasileira. Sobre a morte pesa o silêncio civilizado, a indiferença aparente, a atitude racional e prática que remove rapidamente da vida o peso dos mortos."

A negação da Morte é tanta que o homem moderno quer matar a Morte, conforme nos informa o doutor em

história da Universidade de Oxford e professor da Universidade hebraica de Jerusalém Yuval Noah Harari, em seu livro Sapiens "Uma Breve História da Humanidade": "Para os homens da ciência, a morte não é um destino inevitável, mas meramente um problema técnico. As pessoas morrem não porque os deuses assim decretaram, mas em decorrência de uma série de falhas técnicas: um ataque do coração, um câncer, uma infecção. E cada problema técnico tem uma solução técnica."

[...] Nossas mentes mais brilhantes estão ocupadas investigando os sistemas fisiológico, hormonal, genético responsáveis pelas doenças e pela velhice. Estão desenvolvendo novos medicamentos, tratamentos revolucionários e órgãos artificiais que prolongarão nossa vida e, talvez, um dia, vencerão a própria Morte. [...] Alguns pesquisadores sérios sugerem que, por volta de 2050, alguns humanos terão se tornados amotais (não mortais). Porque ainda poderão morrer em decorrência de algum acidente, os amotais, o que significa que na ausência de um trauma fatal, suas vidas poderiam ser indefinidamente estendidas."

No entanto, o ser humano esforça-se por sentir a vida eterna, se rebela contra esse conceito de extermínio da vida, não se conformando com a ideia de um fim, representado pela Morte. A antiga tradição da humanidade sustenta que a Morte do corpo não é o fim da existência individual. "[...] algum aspecto do ser humano sobrevive até mesmo após o corpo físico parar de funcionar e finalmente se deteriorar. Este aspecto persistente do homem tem recebido vários nomes ao longo do tempo como, por exemplo, psique, alma, mente, espírito, Eu, ser e consciência. Porém, qualquer que seja o nome que

lhe dermos, o conceito de que o indivíduo pode passar para um outro nível de existência além da morte física está entre as crenças humanas mais respeitadas. Na Turquia, foi descoberto um cemitério, provavelmente utilizado pelo homem de Neandertal há aproximadamente 100.000 anos. [...] aqueles povos enterravam seus mortos em ataúdes de flores, indicando que contemplavam a morte [...] como uma ocasião para comemoração, ou seja, como a transição do morto deste mundo para o outro. Sem dúvida, os túmulos encontrados nos mais antigos sítios arqueológicos em todos os lugares do mundo fornecem evidências da crença humana de sobrevivência à morte."

O antropólogo no campo da religião comparada Edwin Oliver James, em seu livro "A Religião Pré-histórica", nos esclarece: "A atitude do homem desta época para com seus mortos, devia ser uma mistura de respeito, de temor, de veneração e de preocupação por seu bem-estar. Tais cuidados supõem, todavia, a ideia de um prolongamento da existência depois da dissolução do corpo."

Para os povos da antiguidade a Morte não era o fim, a perspectiva de que algo sobrevive a Morte oferece uma nova visão da Morte. A ideia de imortalidade desfaz a sensação de uma cisão abrupta entre a vida e a Morte, dando certo "controle mágico" sobre a Morte, facilitando sua integração psicológica e encarando-a com menos terror. Encontramos a crença na imortalidade em todo o mundo: no pensamento grego e romano, no Jardim das Hespérides e Campos Elíseos; para os vikings, era Valhalla; para os judeus, era Sheol; os egípcios, celta, muçulmano e os cristãos, Moody Jr, Raymond A, Vida Depois da Vidam 1975



artigo

TRADIÇÃO, ARTE E CULTURA – III

Eleutério Nicolau da Conceição | Colaborador

Esses fatores eram indispensáveis para que a obra pudesse ser desenvolvida com sucesso. Entretanto, todas as organizações criadas e muitas vezes dissolvidas ao término da obra, tinham finalidade eminentemente prática: eram grupos de obreiros envolvidos no trabalho de edificação, no desenvolvimento de um projeto arquitetônico.

Elas não constituíam qualquer aspecto, ainda que embrionário, do que veio a ser chamada de Franco-Maçonaria.

A arqueologia nos dá notícias da arte de construir, já com requintes e técnicas apuradas desde épocas remotas. Um grupo de arqueólogos trabalhando na Anatólia, sul da Turquia, no início da década de sessenta do século passado

desenterrou as ruínas da mais antiga cidade até então conhecida no mundo. Na localidade de Çatal Hüyük, a escavação de uma colina revelou restos de alicerces, paredes e muros de um complexo de casas geminadas. Sua datação indicou o período entre 7200 a.C. e 6300 a.C.

Também em outra região ao sul da Turquia, próximo à fronteira com a Síria, nas montanhas Taurus ocorreu outra descoberta inusitada. Foi desenterrado um conjunto de templos de pedra próximo à cidade de Sanliurfa, numa localidade chamada Göbekli Tepe, entre 1994 e 2014. Os cálculos da idade de algumas construções indicaram em torno do ano 9000 a.C. Podemos fazer uma ideia do que isto significa se lembrarmos que o início da história egípcia

como uma única nação data de cerca de 3200 a.C. Essa enorme antiguidade ultrapassa de quase cinco mil anos a data atribuída à criação do mundo na época de Anderson.

Os dados históricos conhecidos relatam desde cerca de 3500 a.C., na mesopotâmia, vestígios de antigas civilizações. Homens desconhecidos erigiram templos e palácios, muitos dos quais, ao surgirem à luz deixavam entrever o apurado senso arquitetônico e técnico alcançado. São por demais conhecidos os feitos da arquitetura egípcia, que até hoje maravilha a todos com suas pirâmides, templos e esculturas. Muitas dessas obras dificilmente poderiam ser imitados, apesar de toda a tecnologia atualmente disponível.

Maçonaria: a escola autêntica e a busca do conhecimento

De outras regiões também surgem exemplos de avançadas realizações arquitetônicas, como da cultura persa, do mundo greco-romano, das civilizações da Birmânia, Tailândia, Índia, China e Américas. Todas nos deixaram registros claros de incrível capacidade criadora, com singulares estilos e técnicas arquitetônicas.

Os construtores do passado cultivavam uma mentalidade mais geométrica do que matemática. Estavam mais interessados nas relações entre as medidas e suas proporções do que na expressão numérica do valor medido. Assim, o método utilizado para o traçado das plantas das edificações iniciava-se com um desenho gerador simples.

Continua na próxima edição...



opinião

A VAIDADE HUMANA E O RESGATE PELA ALTERIDADE – I

Alles Maranhão | Colaborador

A tempera humana, a partir do advento da modernidade tardia, parece afunilada em um culto ao indivíduo que tangencia o patológico. A vaidade aqui compreendida, não apenas como o excesso de zelo pela aparência, mas, como a *vanitas* latina — o vazio, a futilidade, o “vapor” —, tornou-se o eixo sobre o qual gira a experiência contemporânea. Estamos vivendo sob o império do efêmero; onde o esforço humano é frequentemente direcionado para a construção de monumentos a própria imagem, ignorando a fragilidade do alicerce sobre o qual estes monumentos são erguidos.

Esse esforço de auto - afirmação encontra um limite intransponível no tempo e na natureza. Bem observado pelo texto bíblico de Eclesiastes 1:1-18, que serve como um eco milenar a nossa pretensão de grandeza:

“Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. Que proveito tem o homem, de todo o seu trabalho, que faz debaixo do sol? Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece.”

O “Pregador” confronta - nos com o caráter circular da vida, bem como pela finitude dos empreendimentos humanos. Esse acúmulo de bens, status e a glória pessoal são como fumaça que se desfaz ao toque do vento. A vaidade é portanto, uma tentativa desesperada de ignorar nossa finitude; criando uma ilusão de permanência em um mundo que, por definição, é passageiro. Esse é o esforço de preencher com “toneladas de pedras e tijolos” um vazio que é, na verdade, típico da alma humana. Sob o sol, o ego não sobrevive à passagem das eras.

Quando a vaidade prevalece sobre o espírito, ocorre um fenômeno de “desertificação” da alma. O indivíduo torna-se um sistema fechado, um circuito de retro - alimentação incapaz de processar qualquer estímulo que não reforce o seu próprio “EU”. É nesse ponto que a poesia de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Álvaro de Campos, atinge o cerne da questão existencial:

“Grandes são os desertos, e tudo é deserto. Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo. Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes — desertas porque não passa por elas

senão elas mesmas, grandes porque ali se vê tudo, e tudo morreu.”

A “alma deserta” é senão aquela que, por sua vaidade, se acredita autossuficiente. Nela, não há espaço para o hóspede, para o estrangeiro ou para o novo. A vaidade edifica estas “pedras e tijolos” — as máscaras sociais, os títulos, as posses e as projeções digitais — para esconder o tal “solo” da nossa fragilidade comum, a areia movediça da nossa mortalidade. Assim, ao olhar apenas para si, o vaidoso percebe que “tudo morreu”, pois a vida só pulsa na troca, no fluxo e na diferença. O deserto descrito por Fernando Pessoa é a alegoria perfeita para o egocentrismo absoluto: um lugar imenso, mas estéril, onde o “Eu” é o único habitante de um reino de sombras.

Para vencer o deserto da vaidade, é preciso convocar a ética de Emanuel Levinas; Para ele, a tradição filosófica do ocidente foi, por muito tempo, uma ontologia do Mesmo, um esforço de diminuir tudo o que é externo ao conhecimento e ao controle do Eu”. A vaidade é a expressão máxima dessa ontologia onde o outro é, apenas, um objeto a ser assimilado.

Levinas propõe uma quebra radical: a alteridade não é um mero conceito teórico, mas sim um encontro concreto através do Rosto do Outro. O Rosto é aquilo que me retira do meu narcisismo, ele não pode ser domesticado ou totalmente compreendido. Ele apresenta um comando ético silencioso: “Não matarás”. Este comando não se refere apenas ao ato físico, mas à recusa em demolir a

singularidade do outro. Enquanto a vaidade busca consumir o mundo para alimentar o ego, o encontro com o Outro mostra que eu tenho uma responsabilidade infinita; O “Eu” só se constitui verdadeiramente quando responde ao chamado do Outro. A vaidade é a recusa de responder, é o trancamento da alma em um deserto onde só se ouve o próprio eco.

Enquanto Levinas nos fala da responsabilidade ética, Mikhail Bakhtin nos mostra a necessidade ontológica do Outro pela dialogia. Para Bakhtin, o ser humano não é uma unidade autossuficiente ou uma estrutura fechada. Eu não consigo ver a mim mesmo por inteiro; há uma “pobreza de visão” inerente ao sujeito; Eu não vejo o meu próprio rosto, a nuca ou o mundo que está atrás das minhas costas.

É o Outro quem me dá o “excedente de visão”. Através do olhar alheio recebo uma imagem de mim mesmo que nunca poderia produzir sozinho. A vaidade tenta negar essa dependência, fingindo que a auto - imagem construída é absoluta e soberana. No entanto, Bakhtin argumenta que a vida é inerentemente dialógica. Existir é se comunicar, é estar “em relação”. Uma alma onde “não passa senão ela mesma” é uma alma que deixou de existir no sentido pleno, pois interrompeu o diálogo que a constitui. A alteridade bakhtiniana é a ponte necessária para que o indivíduo saia da sua prisão de espelhos e passe a habitar a realidade viva.

Continua na próxima edição...

João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO

ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOGADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



opinião

LOJA MAÇÔNICA BELAVISTENSE

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

O conceito de UNIÃO BELAVISTENSE nos leva à ação e ao efeito de unir ou de se unir, juntar, reunir, combinar, ligar... duas ou mais coisas para fazer um todo, físico ou simbólico. Ele aborda a relação entre pessoas e uma convivência contínua e duradoura ao constituir uma ideia de união de belavistenses e outros em prol de uma sociedade de pessoas livres e de bons costumes.

No contexto bíblico ou espiritual pressupõe a coesão entre as pessoas, a harmonia nas lojas e ambiente maçônico e a conexão com o GADU®, pois ela é baseada no amor, propósito comum dos irmãos e familiares, uma força que atrai bênçãos divinas, cura e alegria aos corações bem-aventurados. Aqui se concentram atividades de inúmeros e diferentes membros, buscando os mesmos propósitos de modo similar à escada de Jacó, ornamentados pela Fé, Esperança e Caridade.

Os irmãos belavistenses têm na UNIÃO o propósito de amor e missão, não apenas física, mas de corações,

visando o serviço mútuo e a união entre eles é descrita como boa e suave, como o óleo precioso e o orvalho do Monte de Hermon, trazendo refrigério fraternal à comunidade e à Loja, pois quando dois ou três se unem em nome do GADU®, ele se faz presente, conferindo autoridade à oração.

Esta união é um chamado para experimentarmos o amor divino, mesmo que este exceda nossa compreensão e capacidade transitória de entendimento. Representa a força conjunta, o vínculo afetivo, objetivos comuns, onde a cooperação supera desafios em todo e qualquer ramo da atividade humana, no trabalho e nas parcerias.

A UNIÃO tem o poder de transformar os esforços individuais em força coletiva, multiplicando resultados e superando dificuldades. Permite compartilhar alegrias e reduzir tristezas, gerar recompensas via crescimento mútuo e sinergia tanto no trabalho como na vida pessoal. É um “braço amigo” em momentos difíceis, promovendo ajuda mútua, onde as ideias fluem para conquistar metas comuns.

“A UNIÃO não exige que todos sejam iguais, mas que olhem na mesma direção celebrando as diferenças”. Enfim, é um princípio de força, prosperidade e amor, transformando indivíduos em um corpo único, capaz de alcançar objetivos mais altos. Pessoas, irmãos, membros unidos num grupo alcançam resultados mais rápidos, desenvolvem autoestima, autoconfiança, criando melhores condições para gerir sua vida, além do que confiam na cumplicidade de outras pessoas.

“A união faz a força”; a unidade é a alma de uma equipe, corporação, sociedade ou família. Quando cada um cumpre a sua parte e decide colaborar com o outro, todos saem ganhando. Ela ultrapassa os limites corporativos e individuais. É imprescindível para o sucesso de qualquer profissional. Onde há pessoas com diferentes ideias há a possibilidade de haver conflitos e “duas cabeças pensantes”, com suas funções e talentos, somando suas diferenças trazem vantagens positivas da individualidade.

“O homem em sua essência, não sobrevive sozinho”. Ele precisa da convivência de semelhantes. Aprender perspectivas diferentes, relações que beneficiem todas as partes torna-se um meio de estabelecer a união entre as pessoas. Valorizar o crescimento pessoal, profissional das equipes,

preocupar com os propósitos da instituição, foco nas ações e transparência nas relações ajudam a superar as dificuldades. A superação é mais fácil de ocorrer pela “força da união”.

A Loja União Belavistense, como o próprio nome diz, tem sua essência no Salmo 133 chamado “Salmo da União ou da Fraternidade”, que destaca como é bom e agradável viver em harmonia, compara a união entre os irmãos ao óleo precioso e ao orvalho dos montes de Sião, simbolizando a bênção, a vida e a presença do GADU®, que ordena a prosperidade. Este salmo mostra uma união boa e suave, descrita como prazerosa e revigorante. A união com o óleo indica que a união é sagrada e preciosa, a bênção de Deus une pessoas diferentes e aí Ele ordena a bênção e a vida eterna.

Que este Salmo 133 seja uma constante na vida dos irmãos desta oficina e demais membros desta comunidade de Bela Vista e que seja capaz de promover a Paz, Harmonia Familiar e Bênçãos a todos.

Que seja um farol de luz que fortaleça as decisões e ações da maçonaria belavistense em prol da edificação mútua, da humildade, do amor, da intelectualidade e da cultura, bem como da construção de uma sociedade voltada ao desenvolvimento intelectual, cultural, das letras e das tradições maçônicas.



artigo

DO LAÇO AO SENADO – VI

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

A casa da chácara da cidade de Goiás também foi invadida e transformada em residência dos soldados da força pública, que de lá só se afastaram quando se extinguiu o corpo da Cavalaria.

De todos esses confiscos sumários, pilhagens, uso indevido da propriedade privada, depredações e outros, meu pai nunca recebeu um único centavo de indenização.

A desculpa para tais confiscos de cavalos era que Totó Caiado, a exemplo de vários fazendeiros, tinha arrematado, em leilão público promovido pelo Exército, uns poucos animais que foram deixados pela Coluna Prestes, quando tal Coluna “arrecadava” a tropa descansada dos fazendeiros.

Mas, na realidade, objetivavam impedir que Totó Caiado utilizasse seus equinos para trabalhar e pegar os bois bravios de suas fazendas sertanejas para venda, já que haviam escamoteado seus vaqueiros, amedrontados com ameaças de violências, quando não fascinados por propostas vantajosas em outras paragens. Por isso, os vaqueiros abandonavam os retiros sob seus cuidados e o gado

lá existente, que já não era tão manso, tornou-se bravio na sua quase totalidade, espalhando-se pelos gerais das Fazendas Tesouras e Santo Antônio.

Nem cozinheiras se conseguia na cidade de Goiás, pois, ao serem informadas de que o trabalho era em nossa casa, cancelavam de pronto os compromissos, temerosas de perseguições do governo ditatorial. A coitada da minha mãe, em sua silenciosa abnegação, assumiu a cozinha para as 12 (doze) pessoas de nossa casa.

Note-se que, naquele tempo, não existia água encanada e a água era tirada na cisterna com balde atados em cordas e as latas ou potes eram carregados nos ombros para a cozinha da morada. Também, o arroz era descascado no pilão e quase sempre a lenha era procurada nos pastos da chácara, cortada com machado e carregada nos ombros para o fogão da cozinha. A tudo isso minha mãe se submetia, quando eu e o Ederval, ao frequentar o Liceu de Goiás, não estávamos em casa.

Abalado com as violências sofridas, o cardíaco, velho e leal empregado José Raimundo, teve seus males

agravados e por isso foi liberado para ir junto de seus familiares na fazenda Mosquito, continuando com seus remédios. Mais tarde, foi generosamente gratificado por meu pai, pela sua lealdade.

Com meu pai preso por quase 2 anos e sem qualquer fonte de renda, restávamos vender uma ou outra vaca para obtermos os mínimos recursos de sobrevivência. Entretanto, os açougueiros da cidade de Goiás, ameaçados e amedrontados, negavam-se a comprar uma única rês da minha mãe.

No meio de tantas dificuldades, a minha mãe encontrou um amigo de nossa família, humilde, sincero, leal e valente que, sem alarde, aceitou abater saltadamente algumas vacas nossas, que foi o açougueiro Artur Macedo.

Nordestino corajoso e solidário, em exemplo ímpar de lealdade, entregava a minha mãe todo o numerário apurado na venda a varejo da carne, fazendo questão de não auferir qualquer lucro.

E essas poucas vacas eram trazidas a cavalo, à noite, da fazenda Lages, distante 32 Km de Goiás, pelo

velho vaqueiro baiano Luiz Preto, por mim, com 12 anos, e Ederval, perto dos 14 anos. Na maioria das vezes, como eram muito velhacas, algumas iam “treladas” pelo pescoço com boi carreiro, que no dia seguinte eram levados de volta à fazenda.

Tanto Totó Caiado, como D^a. Marquilha e toda nossa família, ao longo de dezenas de anos, jamais deixaram de reconhecer esses verdadeiros atos de bravura e exemplar solidariedade humana, praticados por Artur Macedo, apelidado de FÚ. Foi com esses minguados proventos que atravessamos aqueles primeiros anos de atroz perseguições.

Décadas depois, quando Emival era deputado federal em Brasília, após atender uma mulher que em dificuldades pedia emprego e uma ajuda financeira, um colega deputado viu e ouviu a conversa, tendo Emival arrumado uma quantia e afirmado que conseguiria o pleito.

O deputado, achando um disparate as exigências, disse a Emival:

– O que é isso? Essa mulher que acabou de sair, chegou com mais pedidos e você ainda os confirma? Outro dia você já não a tinha ajudado?

– Sim – respondeu Emival – Ela é filha de um açougueiro que em uma outra época socorreu minha família e é com muito gosto que a auxilio. Minha gratidão com eles é para toda a vida!

Continua na próxima edição...



CHACOALHANDO A ROSEIRA DO DESPERTAR!

Francisco Feitosa | Colaborador

Grande Bibliotecário do Supremo
Conselho do Grau 33 do
REAA da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil

A humanidade vive em seu eterno esperar por um salvador. Desde sempre delega a algo ou a alguém sua sorte, seu destino, sua salvação. Pobre humanidade que se arrasta em pagar promessas; que renuncia a seu Deus Interno buscando fora o que, sempre, esteve dentro de si. Quiserá que essa inconsciente humanidade transformasse os esforços de seus sacrifícios, em promover um verdadeiro Encontro com a Divindade, buscando seu Deus Interno, a Centelha Divina que habita dentro de cada um de nós.

Com esse preâmbulo “*chacoalho a roseira do Despertar*” e convido nossos leitores a conhecer a si próprio, à guisa do dístico socrático: “*Homem, conhece-te a ti mesmo*”. Permita-me um novo clamor, por meio de outra máxima: “*Somos deuses e nos esquecemos disso*”. Essa é uma das reflexões mais profundas e antigas da humanidade.

A ideia de que somos fragmentos de uma consciência maior; de que somos Centelhas Divinas que se perderam na ilusão da matéria e da separação é o coração de diversas tradições filosóficas e espirituais. Pensadores como Alan Wilson Watts, filósofo, escritor e orador britânico, notável por interpretar e adaptar as filosofias orientais ao mundo ocidental, popularizaram a visão de que não somos, apenas, um visitante no universo, mas o próprio universo manifestando-se em forma humana.

O livro bíblico de Salmos de David (82:6) aponta para essa realidade: “*Vós sois deuses*”. Que deve ser interpretada como um chamado ao nosso potencial criativo e espiritual. Sim somos deuses e nos esquecemos disso.

O despertar desse “*esquecimento*” é o ato de assumir a responsabilidade e o poder de criar uma realidade melhor, reconhecendo que há uma força criadora fluindo através de nós.

Falamos tanto nos últimos tempos no despertar da consciência e poucos perceberam que existe uma Consciência Maior, que é Aquele que chamamos de Deus; Alah, para alguns; Grande Arquiteto do Universo, para outros; o Icnoscível; Brahmã; o Eterno, enfim, pouco importa o nome que queiramos rotular a Fonte Criadora, que deu origem a tudo e a todos.

Somos centelhas oriundas desta Fonte Criadora, logo, uma parte infinitesimal da Consciência Divina em sua eterna caminhada, em busca de experiências para voltar à Casa do Pai. A centelha (nós) buscando se unir à Chama do Eterno.

Se no Reino Vegetal preconiza-se o desenvolvimento da sensibilidade, no Reino Animal o que se ressalta é o instinto. Já, no Reino Hominal ou Humano o objetivo é a Expansão da Consciência. Expandir a consciência é despertar o Deus que habita em nós. A Fonte Criadora não quer sacrifícios, quer que tenhamos consciência de quem somos; que Despertemos para a nossa verdadeira Missão de Alma. Permita-me o trocadilho, pois aqui se encaixa perfeitamente: não, um sacrifício, mas sim, um “*Sacro-Ofício*”. Tal “*Ofício Sagrado*”, em tese, traduz-se em nos salvarmos de nós mesmos; de nossa própria ignorância espiritual.

Muitos passam a vida se vitimando, lamentando seus infortúnios e todas as adversidades da vida, com frases

prontas, tipo: “*se Deus quiser tudo vai se resolver*”; ou “*tenho fé que nas próximas eleições as coisas vão melhorar*”. Despertar é saber que nada vem de fora. Temos que ser parte da Solução ou passaremos, por nossa própria omissão, a ser parte do problema. Percebe?

A sonolenta população se escora nos barrancos de sua vida medíocre a espera de um “*salvador*”. Os cristãos esperam pela parúsia – a segunda vinda do Cristo para instaurar o reino dos céus; os judeus aguardam a primeira vinda do Mashiach (Messias), um rei humano da linhagem do Rei Davi, que governará na Era Messiânica.

A escatologia islâmica aguarda o retorno conjunto de “*Isa*” (Jeoshua), visto como um dos maiores profetas de Deus, para derrotar o falso messias (Dajjal) e guiar a humanidade; os budistas esperam, não por um Deus ou criador, mas sim pelo Buda Maitreya; já os da tradição hindu aguardam a chegada de Kalki, que é descrito como o décimo e último avatara do deus Vishnu. **Lembrando a todos que nenhum desses Seres Divinos fundaram qualquer dessas religiões!** As mesmas foram implantadas pelo “*sistema*” que manipula a humanidade! Pois é!

Quantas vezes a Divindade, a fim de guiar os destinos da humanidade, enviou Seres de Luz que se manifestaram neste mundo de provas e expiações e foram ignorados. **Ou até pior, foram pregados na cruz (Cristo) ou assassinados (Mahatma Ghandi).**

Podem estar certo de que Cristo ou Maitreia ou o nome que queiramos dar à próxima manifestação divina, **NÃO VOLTARÁ**. Até porque só volta aquele

que foi embora. E Ele, a Essência Divina, jamais foi embora. Ele está dentro de nós, em forma de uma Centelha Divina.

Durante a missa católica, quando o padre abre a oração eucarística, diz aos fieis: “*O Senhor esteja convosco*”, e os fieis respondem, muitos automaticamente sem entender: “*Ele está no meio de nós!*” Não se afirma que Ele está “*entre nós*” e, sim, “*no meio de nós*”, dentro de cada um.

Paulo de Tarso (em 1 Coríntios, Sermão 13: 16) em um fervoroso clamor pelo Despertar desta mesma humanidade sonolenta, dizia: “*Acaso vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?*” E, até hoje, essa mesma humanidade se rende a sacrifícios e esperam que as nuvens se abram e surja o “*salvador*”. O Encontro de Deus é interno. Se dá quando nosso Eu material entra em colóquio com o nosso Eu Espiritual – é o Encontro de “*EUs*”. Ai, se dá o Encontro de Deus. Através do nosso Deus Interno, nosso Eu Superior ou como queiram chamar.

Passou da hora de mudarmos a nossa postura. A religião ou re-ligare, re-liga o que se desligou. Deus sempre esteve dentro de nós. Trata-se de uma conexão interna, por meio de nosso Eu Espiritual. **Um processo de Iniciático, na acepção da palavra, de se iniciar uma ação interna.**

Desculpe eu te decepcionar, mas Ele não vai voltar. Até porque Ele, jamais, foi embora. **Sempre esteve dentro de cada um de nós, clamando para que Despertemos para esse Encontro Interno.** Sim, em essência, somos deuses e precisamos nos lembrar disso! Portanto, “*Namastê!*”



A ARQUITETURA INVISÍVEL

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Por que a Ética e a Virtude São as Verdadeiras Obras-Primas de uma Sociedade

Em um mundo fascinado por grandes obras de engenharia, edifícios inteligentes e infraestruturas complexas, frequentemente nos esquecemos de que a construção mais desafiadora de nossa era não leva cimento nem aço. Trata-se da construção do caráter humano. É na intimidade das nossas escolhas diárias, longe dos holofotes e da fiscalização alheia, que erguemos ou demolimos os pilares da sociedade.

Os antigos tratados de filosofia e as escolas de pensamento moral clássico sempre associaram o trabalho do construtor ao aperfeiçoamento da alma. Há uma lição profunda nessa metáfora: a de que a ética não é um verniz superficial para momentos de conveniência,

mas a própria fundação sobre a qual a civilização se sustenta. Uma sociedade pode ser economicamente próspera e tecnologicamente avançada, mas se suas fundações morais forem frágeis, ela ruirá ao primeiro sinal de crise.

Mas o que significa, na prática, viver com virtude nos dias de hoje? Significa compreender que a verdadeira justiça começa no tribunal da própria consciência. É o exercício daquilo que os filósofos chamavam de “*retidão do dever*”, ou seja, cumprir a palavra empenhada, respeitar o direito alheio e agir com equidade, mesmo quando ninguém está olhando.

A ética contemporânea muitas vezes é confundida com o simples

cumprimento de leis. No entanto, a lei apenas impede o crime; é a virtude que promove o bem. A lei nos diz o que não podemos fazer; a ética nos aponta o que devemos fazer para sermos humanos melhores. É a passagem do homem que age por medo da punição para o cidadão que age por amor ao justo.

Cada indivíduo é, portanto, o arquiteto de sua própria história e, por extensão, corresponsável pelo desenho urbano da sociedade em que vive. Quando negligenciamos a honestidade nas pequenas relações: no trânsito, nos negócios, na convivência familiar, estamos colocando materiais de baixa qualidade na estrutura coletiva. Por outro lado, quando escolhemos a empatia, a

verdade e o trabalho honesto, estamos blindando nossa comunidade contra a corrosão do cinismo e da corrupção.

Não precisamos de fórmulas complexas para transformar a realidade. O resgate da ética e da virtude passa pelo entendimento de que o nosso maior legado não reside nos bens materiais que acumulamos, mas na integridade que preservamos. Que saibamos, portanto, honrar o cinzel e o martelo invisíveis que a vida nos dá, esculpindo em nós mesmos cidadãos mais justos, tolerantes e conscientes de seu papel no mundo. Afinal, a beleza de uma obra humana não está na sua imponência externa, mas na solidez invisível dos seus valores.

galeria poética

**DEUSA #1**

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Deusa minha, meu Deus, que deusa bela
Esta que Tu me deste por destino.
Deusa da paz, do amor que me revela
Minha mais pura face de menino.

Deusa que há anos faz-me sentinela
Do recato de um anjo feminino.
Guarda feliz de imaginária cela
Onde jaz um lampejo do divino.

Deusa, do alto do sagrado Olimpo,
Onde te escondes de um olhar aflito,
Ouve, te peço, meu sentido grito.

Já serenou o mar, o céu é limpo,
E eu que guardei parcela do infinito
Te quero nua e só: o ser e o mito.

**MINHA LIÇÃO**

Helton Chacarosque
Cadeira nº 35

Depois de um ano, um ano inspirado por Salomão
Aprendi um pouco mais sobre o que é ser dedicado
É muito mais que cumprir um dever, uma obrigação
É pelo querer bem que se faz o agir desinteressado

Foi aqui que entendi a força que se revela na gratidão
E percebi que sobre a agenda reina um tal inesperado
Não há músculo do peito que aceite a partida de um irmão
Nem coração que não se veja por saudade visitado

Vi que o tempo passa célere, sem pedir explicação,
Entendi que o malho por todos deve ser empunhado;
Obrigado aos irmãos que cumpriram tão bem sua missão

Para ser sincero, não me importo muito com legado.
Mas, se algo deixo, que seja o amor por cada irmão
E a certeza de que juntos jamais teremos caminhado em vão.

**ARMA BRANCA**

Anderson Lima da Silva
Cadeira nº 2

Senti que um corte me
atravessava,
Sem dor, sangue ou fissura...
Uma corrente elétrica pulsava,
Alterando ritmos,
transbordava.

Qual uma espada de prata,
ergui-me,
Era outro de mim,
assomando-se...
As palavras desapareciam, sem
importância,
Os pensamentos, albergados,
cediam...

Procurei por mim nos antigos
rastros,
Não habitava mais a velha
morada,
Uma canção que nunca ouvira,
familiar...
Quedava-se potente, serena.

Enxerguei do corte uma
cicatriz, luminosa...
Descansava em paz profunda...
Pertencia a todos os lugares,
Despido de mim, conhecia-me.

Celebrei minha nudez,
Agradei meu vazio,
Alforriado,
Naveguei...

**CIRANDA**

Anderson Lima da Silva
Cadeira nº 2

Diga-me, ó vento travesso!
Para onde me quereis levar?

Se ao norte me chamas,
Tornar-me-ei prisioneiro.

Se ao sul me convidas,
Lá não encontrarei destino.

És maroto, és velhaco
Ri dos meus passos perdidos.

Se ao leste me seduz,
O dia ainda se esconde.

Se a oeste me empurras,
Há pedras no meu caminho.

Com tuas mãos gigantescas,
Abre-te em mil escaninhos.

Ao centro, agora me encontro.
Como dantes, preso a mim mesmo.

A criança que mora comigo
Ainda não aprendeu a brincar.

Resmunga o adulto caudilho,
Ignora, deixa o vento passar.





SIMBOLISTA

Adilson Zotovici
Colaborador

Apregoam a ti maçonaria
Uma afirmativa contraditória
Que bastante usual pela etnia
Alusiva à tua atual história

Operativa outrora à porfia
Afeita à edificação tua glória
Ora especulativa, nossa guia
Que à perfeita atuação notória

Chamam-na "Simbólica", dia a dia
Mas tua Arte Real, peremptória
Leva a obra ideal da cantaria

Evolucionista, por filosofia
À humanidade persuasória
És "simbolista" com sabedoria!



CONQUISTADO

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Depositei meus beijos em teu colo
Trescalante do odor de raras flores,
E, desde então, em sonho, sempre imploro
O dom de renascer, embora as dores.

Nas lembranças de ti, sempre consolo
O meu anonimato nos amores.
E teus olhos, teu jeito são o polo
Oposto do que foste, se tu fores.

Aí eu me pergunto: no infinito
Há pétalas macias quais o mito
Do encanto que se prende no teu rosto?

E, se houver, no passado ou no futuro,
De joelhos te digo, prego e juro:
Em meu querer, ninguém terá teu posto.



ESTÓRIA

Aidenor Aires
| Cadeira nº 3

Os olhos,
quem os têm, que veja.
Plantaram uma árvore na minha rua,
mataram um cão na minha rua.
Há os que zelam pelas árvores
e pela calma das ruas.

Mataram mil crianças que iam nascer.
A piedade as libertou da vida compulsória.
Há na minha rua um fosso
onde as crianças apodrecem
diferentes das árvores, diferentes dos cães:
não têm história.



SÃO COISAS E MAIS COISAS

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

São Coisas e mais Coisas
Que enchem a cabeça da gente
Ficam as nossas expensas
Nos fazem delas, dependentes
Se tão inúteis é um fardo
Atrapalhando desvencilhar
Se não faço uso e guardo
Envelhecem faz deteriorar
Claro! Que haverá as de valor
As Boas Lembranças Recordando
E não se perde nada do Amor
Não leva para onde não pode
Mas é de um ...Gosto, Guardando
Desde que não lhe incomode



MÃE: ONTEM, HOJE E SEMPRE

Castro Filho
| Cadeira nº 3

Mãe, palavra encantadora,
Sonora, que nos enche a vida.
Quando se vai, imorredoura
Tristeza fica co'a partida.

Toda mãe tem vida eterna,
Nunca morre no coração
Do filho; fica sempre a terna
Lembrança dos tempos de então:

Bolos, doces, e pamonhadas...
Tudo, por todos devorado,
Até de forma desregrada.
Ah, que saudade do passado!

Muitas, não mais estão aqui,
Partiram pra eternidade,
(Não é distante, é bem ali)
Na moradia da saudade.

Se hoje não estiver presente,
Mande um beijo no coração,
Pergunte como ela se sente
E encerre com uma oração

Ao glorioso Criador,
Rogando-Lhe a sua luz
E a proteção do Redentor,
Nosso Irmão, Cristo Jesus.





ENTRE O MALHO E A CONSCIÊNCIA

Paulo Azeredo | Colaborador

Há um momento na jornada do homem em que ele começa a perceber que a vida não se resume aos acontecimentos exteriores, às exigências imediatas do cotidiano ou às ilusões passageiras do mundo profano. Surge, então, uma percepção mais profunda e silenciosa: a de que existe uma obra sendo construída dentro de si mesmo — um labor contínuo de aperfeiçoamento moral, discernimento e edificação da consciência. Esse despertar não acontece de forma repentina. Manifesta-se lentamente, como a luz discreta que atravessa as colunas de um templo ainda em penumbra. Aos poucos, o homem compreende que não é conduzido apenas pelas circunstâncias da vida, mas também pelas escolhas que realiza — conscientes ou inconscientes — ao longo de sua caminhada.

Desde os primeiros passos de sua existência, o indivíduo já se encontra imerso no grande fluxo da vida. É influenciado pela família, pelos costumes, pelas paixões, pelas opiniões e pelas pressões do meio. Muitas vezes, vive no automatismo das repetições, sem perceber que cada pensamento, cada atitude e até mesmo cada omissão contribuem para fortalecer ou fragilizar a estrutura do seu templo interior.

A Maçonaria, porém, convida o homem a uma tarefa mais elevada: o exercício permanente da consciência vigilante. Ensina que a verdadeira construção não ocorre apenas no exterior, mas principalmente no interior do próprio ser. Afinal, nenhuma obra alcança solidez quando seus fundamentos permanecem frágeis.

Grande parte da humanidade vive reagindo aos acontecimentos sem refletir profundamente sobre as causas de seus impulsos, emoções e atitudes. Entretanto, chega um momento em que o homem volta o olhar para dentro de si mesmo. É aí que começa o verdadeiro trabalho iniciático: o reconhecimento da própria interioridade. Esse movimento representa o primeiro contato com o centro interior — aquele ponto de equilíbrio e discernimento que permite ao homem observar o mundo sem ser completamente arrastado por ele. Quanto mais esse centro se fortalece, maior se torna sua capacidade de agir com prudência, serenidade e retidão.

O mundo continuará oferecendo distrações, vaidades, disputas e falsas necessidades. Nada disso é novo. O desafio do iniciado não consiste em fugir do mundo, mas em permanecer nele sem perder sua essência. O verdadeiro maçom aprende que a liberdade começa quando o homem deixa de ser escravo de seus próprios automatismos.

As emoções também desempenham papel decisivo nesse processo. Muitas vezes surgem de maneira intensa e precipitada, conduzindo decisões impensadas. Quando não observadas pela consciência, dominam a razão e obscurecem o discernimento. Contudo, quando reconhecidas e compreendidas, transformam-se em importantes instrumentos de autoconhecimento.

Entre o impulso e a ação existe sempre um breve intervalo — silencioso, porém decisivo — onde reside a possibilidade da escolha consciente. É nesse espaço invisível que o homem exerce

verdadeiramente o seu livre-arbítrio. E é justamente ali que começa o domínio de si mesmo.

A lapidação da pedra bruta não ocorre de uma única vez. Trata-se de um trabalho contínuo, paciente e silencioso. Cada atitude consciente remove uma imperfeição; cada reflexão sincera amplia a compreensão; cada retorno ao equilíbrio fortalece a direção interior.

Talvez o verdadeiro propósito da caminhada não seja alcançar uma perfeição absoluta, mas desenvolver vigilância, presença e lucidez diante da vida. Onde falta consciência, repetem-se os mesmos erros. Onde a consciência desperta, inicia-se a transformação.

O fluxo da existência segue incessante. Contudo, aquele que desperta para o trabalho interior já não caminha da mesma maneira. Surge uma direção mais clara, um propósito mais elevado e uma compreensão mais profunda sobre o significado de construir a si mesmo.

É nesse labor discreto e permanente, realizado entre o malho e a consciência, que o homem deixa de apenas atravessar a vida e passa, verdadeiramente, a participar da Grande Obra.



SERÁ? A FÁBRICA DE CRETINOS DIGITAIS

Carlos André Pereira Nunes | Cadeira nº 10

Quem não viu a Trend “SERÁ?”, nas redes sociais de alguns grandes nomes e até de umas grandes empresas brasileiras, não está na Terra. Provavelmente, está em visita à Lua, junto aos tripulantes da Artemis II...

A viralização (como muitos gostam de dizer) foi impressionante... Quem entrou na trend conseguiu audiência, Mas... Será? (rsrs) que conseguiu ou manteve credibilidade?

Coincidentemente, estou lendo um livro extraordinário “A Fábrica de Cretinos Digitais”, escrito pelo pesquisador Michel Desmurget. O livro trata do assunto desse artigo. Recomendo a leitura, porém... Voltemos aqui. Vamos responder à questão.

Bem, o conceito de *trend* (tendência, em inglês) refere-se a um conteúdo que tem grande alcance nas redes sociais, (principalmente no TikTok e no Instagram), de forma a gerar “popularidade efêmera”.

É usada estrategicamente por alguns conselheiros de marketing e amplia o alcance dos nas redes. Ademais, gera familiaridade e impulsiona as contas de quem “entra no jogo”.

Isso é fato, porém nisso reside uma armadilha: a submissão ao efêmero, que transforma profissionais posicionados em *palhaços de circo digital*.

A trend “Será?” começou com jornalista João Inácio Júnior. O apresentador é extremamente competente e detém recorde de tempo à frente de telejornais no Ceará. Na trend, ele surge com olhares enviesados, com tom interrogativo forçado e com coreografia cômica, de forma a questionar trivialidades como “Será que o sol vai brilhar?”.

Tudo começa assim: um gimmick (que uma tática de marketing de produtos projetada para atrair atenção imediata e para espalhar-se rapidamente pelas redes sociais). Pronto. Milhões de visualização foram garantidas.

Isso é muito simbólico.

Então, penso imediatamente em Guy Debord, um dos mais importantes pensadores do século XX, na obra *A Sociedade do Espetáculo*. Para Debord, o espetáculo é a apresentação de imagens meramente consumíveis, em que o ser autêntico se dissolve no aparecer. Tudo é altamente superficial e inautêntico. Tudo é só uma tendência.

A *trend* é o ápice do espetáculo. Nela, o profissional não tenta construir reputação por expertise, mas por encaixes vazias que alimentam a atenção, de forma a converter adultos em crianças em playground digital a “celular (ops! a céu) aberto”.

Essa infantilização da vida adulta, fenômeno analisado por pensadores como o sul-coreano Byung-Chul Han, é gravíssima para o mundo profissional, seja ele público ou privado.

A maturidade exige seriedade; exige profundidade; exige responsabilidade. A *trend* impõe puerilidade, repetição mecânica e o ridículo.

Infelizmente, bons profissionais, que dependem do nome, como empresários e advogados, rendem-se ao imperativo lúdico das redes, por temerem o esquecimento.

Sim, eles têm “views”, porém efêmeros. E vendas? E credibilidade com quem é sério?

A audiência ri e até compartilha, mas não compra cursos ou consultorias.

A imagem ridicularizada repele parcerias sérias. O que viraliza como piada não converte em autoridade. Estudos de marketing digital, como os da HubSpot, confirmam que conteúdos autênticos geram 23% mais engajamento conversível que gimmicks virais.

A sociedade do espetáculo nos ludibria e transfere adultos em crianças, de modo a prometer relevância por meio de infantilização.

Precisamos, não apenas por dinheiro, mas por dignidade profissional, voltar a ser adultos. Precisamos entender que a dignidade adulta prioriza o eterno sobre o viral.

É evidente que não estou a dizer que não podemos brincar ou sermos engraçados. O que defendo é que trends como “Será?” geram constrangimento em pessoas que têm respeito por grandes profissionais que se submetem a isso.

Uma coisa é certa: a trend “Será?” faz rir, mas a infantilização do espetáculo ridiculariza a autoridade profissional

Infelizmente, haverá aquele que — por ressentimento — lerá este texto, não concordará e fará um vídeo para me criticar com uma dancinha que se inicia com “SERÁ?”

E aí? SERÁ?



artigo

A VIDA COMO TEMPO OU PASSAGEM, O VALOR DE CADA INSTANTE – III

Francisco Amorim | Colaborador

Naquele instante, minha mente imediatamente vagou pelo Juramento de Hipócrates que fala em preservar a vida através dos princípios da **beneficência e não da maleficência**, que devemos agir para o bem do paciente e, fundamentalmente, a nunca causar danos ou mal a alguém.

Minha expressão facial de imediato denunciou a inquietude de um jovem e inexperiente médico, diante de uma situação melindrosa, de maneira que passei a responde-lo com um tom de voz nada amistoso e que hoje, na experiência dos poucos cabelos que ainda tenho e que foram tingidos pelo tempo, acredito que tenha sido um mecanismo inconsciente de defesa, uma busca da validação do meu trabalho.

– Sr. Giuseppe !!! não sei ao certo a doença de base que casou esta condição clínica à sua mãe, **estou fazendo** o que tem que ser feito, estes procedimentos seguem o protocolo de suporte avançado de vida, que é a conduta médica mais adequada para sua mãe. Ela no momento inspira cuidados intensivos em uma UTI.

E, portanto !!!, continue falando com asseveração, não farei nada que seja **contrário aos dítames da minha consciência**.

A esta altura já estavam presentes no quarto da moribunda todos os seus filhos, com olhos e ouvidos bem abertos.

E prossegui:

– A paciente deverá seguir com nossa equipe para UTI do hospital mais próximo imediatamente.

A palavra “remoção para UTI” caiu entre os familiares como a bomba de Hiroshima, sendo acompanhada de um silêncio profundo, uma quietude

mental e física que logo foi substituída por um alvoroço causado por várias pessoas falando e se movimentando ao mesmo tempo, contrariando as leis da física de ocupar o mesmo espaço em poucos metros quadrados. Apesar do tempo lá fora estar ensolarado, o tempo dentro da casa da Sra. Isabelle estava nebuloso, diria até que se assemelhava a uma tormenta, prenúncio de uma furação. Seus familiares irritados, estavam irredutíveis, não queriam outra coisa além do atestado de óbito.

– Exijo o atestado de óbito !!! esbravejava Sr. **Giuseppe**, agora com sua voz rouca e **em alto e bom tom**.

– Mas como assinar um atestado de algo que não aconteceu ? (e acreditava fielmente que não iria acontecer naquele momento) interroguei corajosamente no meio daquela multidão.

A discussão prosseguiu por alguns instantes, sendo que minhas arguições técnicas sempre eram dizimadas pelos interesses dos familiares. Até que de um súbito instante, em um dos raros momentos de lucidez, e buscando uma força sobrenatural, a Sra. Isabelle ainda ofegante tenta balbuciar algumas palavras.

– Portami fuori di qui !!! (*me tirem daqui!!!*) assim falou com uma voz fraca, trêmula e baixa, mas com uma potência suficiente de calar a todos que estavam no quarto.

– Cosa hai detto, nonna? (*O que foi que a senhora falou?*) Perguntou Sr. **Giuseppe à sua mãe**.

– “**Portami via di qui! Voglio andare in ospedale!**”

(*Me tira daqui! Quero ir para o hospital!*)

Perplexos com ação e o desejo da matriarca, aos poucos a multidão foi sendo desfeita do quarto da

Sra. Isabelle, dando espaço a maca que o Jorge (nosso motorista socorrista) acabara de trazer para acomodar a enferma. O silêncio mais uma vez tomou conta do ambiente, sendo interrompido apenas pelos bips sonoros do monitor cardíaco. Um simples aceno com a cabeça foi o sinal de concordância que o Sr. **Giuseppe me fez, como forma de autorizar a remoção da paciente**.

Devidamente acomodada na maca, nossa equipe conduziu a Sra. Isabelle para ambulância UTI, onde mantivemos os cuidados gerais para seu transporte com segurança até o hospital mais próximo. Em poucos minutos já estávamos na UTI do hospital que acolheu a referida paciente, repassei o caso clínico ao médico intensivista e antes que me retirasse do seu leito, ouviu uma voz mais forte e decidida.

– Grazie mille dottore (muito obrigado doutor) – disse a Sra Isabelle, com os olhos marinados e cheios de sinceridade.

Sigo para ambulância aonde o Jorge e a Zilma já estavam me aguardando, entro no veículo e seguimos em direção ao próximo destino. No caminho até o próximo atendimento, Jorge me confidenciou que no momento de toda aquela confusão e barulho, escutou da diarista, que trabalhava há anos com a família **Bianchinni**, em um canto reservado da casa, que a sra Isabelle era uma pessoa maravilhosa, de um coração enorme e que seu marido (já falecido) era um comerciante Italiano que durante toda sua vida acumulou muitas riquezas e bens materiais. Com a língua afiada e sem muitos rodeios, a diarista ainda falou para o Jorge que toda aquela encenação e desejo ardente pelo atestado de óbito, da Sra. Isabelle, era na verdade uma disputa de herança uma ganancia pelo dinheiro alheio, reflexo de uma família desestruturada e infeliz, segundo a trabalhadora daquele lar.

Diante de tais informações fiz uma breve reflexão dos fatos ocorridos, porém sem tirar nenhuma conclusão, mesmo porque meus pensamentos foram abortados com o chamado da central de ambulância UTIs, pela radiocomunicação.

Continua na próxima edição...



saúde & psicologia

VIVER EM PAZ COM TODOS

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Viver em paz com todos é um esforço contínuo que exige, antes de tudo, cultivar a paz interior. Isso envolve perdoar ofensas, compreender que conflitos geralmente vêm de dores alheias e estabelecer limites saudáveis para proteger sua saúde mental. Viver em paz com todos é buscar um bom relacionamento.. Isso envolve perdoar ofensas, compreender que conflitos geralmente vêm de dores alheias e estabelecer limites saudáveis para proteger sua saúde mental e física.

A busca por essa harmonia exige algumas práticas diárias que fazem toda a diferença: Faça a sua parte: Foque naquilo que depende de você. Aja sempre com respeito e empatia, mesmo que o outro não faça o mesmo. Evite retaliações: Não responda ao mal com o mal. Diante de provocações,

optar por uma resposta branda ou pelo silêncio costuma desarmar o conflito. Perdoe e libere mágoas: Guardar ressentimentos (a chamada “raiz de amargura”) adocece quem carrega a mágoa. Comunique-se com assertividade: Diga o que sente sem ofender. Muitas brigas nascem de mal-entendidos que podem ser resolvidos com uma conversa calma e honesta. Saiba a hora de se afastar: Viver em paz não significa conviver com quem faz mal a você ou desrespeita seus limites.

Lembre-se de que a paz genuína começa com a aceitação de que nem sempre você poderá controlar as atitudes dos outros, mas tem total controle sobre como reagirá a elas.

Para aprofundar seu autoconhecimento e aprimorar suas habilidades de comunicação não violenta, você pode

ler mais sobre inteligência emocional ou buscar dicas práticas de convivência.

Esforçai-vos para viver em paz com todas as pessoas e em santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. Vigiai para que ninguém se exclua da graça de Deus; Relacionamento intrapessoal é o diálogo e a relação que você tem consigo mesmo, envolvendo autoconhecimento e gestão de emoções. O relacionamento interpessoal é a interação com os outros (colegas, família, amigos). Ambos formam a base da inteligência emocional.

É a sua comunicação interna. A capacidade de compreender seus próprios sentimentos, limitações, valores e motivações. Foco: Autoavaliação e autocontrole. Exemplo prático: Reconhecer que você fica ansioso(a) ao falar em público e criar estratégias internas para manter a calma. Pilares: Autoconhecimento e autoestima

É a forma como você se conecta e se comunica com o próximo. Depende diretamente de como você lida consigo mesmo, exigindo empatia e flexibilidade para conviver com diferentes temperamentos. Foco: Respeito, escuta ativa

e trabalho em equipe. Exemplo prático: Conseguir dar ou receber feedbacks construtivos sem levar para o lado pessoal. Pilares: Empatia, comunicação assertiva e ética.

O relacionamento intrapessoal é pré-requisito para o interpessoal. Não é possível lidar de forma saudável com as emoções, opiniões e conflitos de terceiros se você não entende as suas próprias reações e sentimentos.

Viver em Paz significa ter vida longa, pois a pessoa que vive sem paz pode até mesmo se acometer de doenças psíquicas e físicas, isso pode destruir amizades, casamentos e no trabalho.

É como se você estivesse acorrentado a uma situação terrível na sua vida, ou seja, nada está bom, vive em constante sofrimento. Porque sofrer se a vida é tão maravilhosa, busque lugares e pessoas que possam te fazer feliz.

Para sugerir felicidade aos outros, precisamos estar bem consigo mesmo, só assim nossa vida terá sentido

Viver em Paz é também uma Virtude de ser perseguida em todos os tempos e fases de nossa existência. Seja feliz !



falando francamente

O MAIOR PATRIMÔNIO DE UMA COMUNIDADE É SEU PRÓPRIO POVO

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Gosto muito de falar do ser humano. Disse Machado de Assis, um dos maiores do Brasil, quicá do mundo, que o corpo humano é o objeto que mais se cultua, que mais se estuda e ainda continua sendo a fonte das maiores revelações, seja pela beleza, seja pela inteligência ou que seja pela capacidade de modificar, de transformar o mundo. O homem é admirado pelo próprio homem: surpreendente, estranho, enigmático, o homem é capaz de nos causar espanto, medo, terror, como também é capaz de nos oferecer a paz, segurança e amor. Este elemento capaz de quase tudo (acima dele tem Deus) é desconhecido até dele mesmo, é o maior patrimônio da terra. Daí, a necessidade de zelar desse homem, desde criancinha, preparando-o para o seu verdadeiro papel junto à sua comunidade.

Se o homem é o maior patrimônio da terra, se esta terra é dividida e fragmentada em milhões de grupos humanos, formando povoados, cidades onde a vida realmente acontece, cada povoado, cada cidade, cada Estado ou País é avaliado pela qualidade e quantidade de habitantes que possui. Isto nos leva a conclusão de que o real valor de uma comunidade é o seu próprio povo.

Quero falar um pouquinho hoje, do povo de São Luís de Montes Belos. São Luís tem o privilégio de ter seu povo formado de gente de qualidade, trabalhadora. Quem veio para o famoso Barreirinho há 40, 50, 60 anos atrás, não veio para passear, não veio fazer turismo, veio para trabalhar, construir patrimônio, formar família, ganhar dinheiro, criar riqueza. As pessoas que, para cá vieram, vieram porque acreditaram na potencialidade das terras, no potencial da região, vieram plantar o futuro. Quantas famílias chegaram em lombos de animais, carro de bois, a pé ou em caminhões com mudanças coletivas (caso da minha família), trazendo como único instrumento a vontade de trabalhar, conseguir um pedaço de terra, plantar, produzir enraizar a família. Quantos troncos familiares poderíamos citar como, por exemplos: os Brás Alves, os Leonardos. Os Venanças, os Oliveiras, os Pereiras, os Lafaietes, os Novatos, os Cunhas, os Bastos, os Azevedos. Os Machados, os Netos, os Caetanos,, os Mendoças, os Rodrigues, os Reis, os Ferreiras, os Campos, os Britos, os Coelho e tantos outros, são centenas de famílias que aqui chegaram com o coração batendo

forte e alma carregada de sonhos e de saudades. São Josés, Marias, Joaquins, franciscos, Joanas, Antônios, Joões todos com um único objetivo: trabalhar, conquistar espaço e tratar da família, garantindo um futuro melhor para os filhos. Conseguiram. Hoje, temos em São Luís de Montes Belos, mais de trinta mil habitantes trabalhando, fazendo desta cidade um polo de progresso, de riqueza e de prosperidade. O povo de São Luís de Montes Belos é a nossa maior riqueza e aí, entra a necessidade de zelar deste povo, dar a ele a oportunidade de se preparar para a modernidade, de se preparar para novas atividades, novas conquistas sociais e econômicas, esta função deve de ser exercida pelas lideranças políticas, pelos empresários e por aqueles que têm ideias e idealismo, para se colocar a favor de todos.

A riqueza e o patrimônio não foram criados para ser colocados debaixo do colchão. Ela, riqueza, precisa de ser usada para criar movimento, trabalho e gerar novas riquezas. Exemplo disso, acaba de acontecer a autorização da Faculdade Montes Belos. Esta Faculdade vem suprir as deficiências deste setor. São de Montes Belos demorou a se deslanchar neste sentido, perdemos muitos pontos, mas, de uns tempos para cá, a coisa engrenou-se e agora estamos em igualdade de condições com as demais cidades do nosso porte, ou talvez, na frente. Sobre a Faculdade, voltarei a escrever, agora, digo apenas que se o povo é a nossa maior riqueza, com a Faculdade ficamos ricos ainda, pois a Cultura é uma das maiores riquezas do homem.

Francamente,



artigo

A FRAGMENTAÇÃO DA MAÇONARIA BRASILEIRA E O DESAFIO DA UNIDADE NACIONAL

Hélio P. Leite | Colaborador

O Brasil abriga uma das mais complexas estruturas maçônicas do mundo contemporâneo. Em um território de dimensões continentais, dividido em 26 estados e um Distrito Federal, coexistem dezenas de organizações maçônicas regulares, centenas de instituições consideradas irregulares, além de inúmeras entidades paramaçônicas, ordens femininas, mistas, sistemas paralelos e organismos estrangeiros atuando em solo brasileiro.

Esse cenário revela a riqueza histórica e filosófica da Maçonaria no país, mas também expõe profundas dificuldades de convivência institucional, reconhecimento mútuo e representação nacional.

No centro da estrutura maçônica brasileira encontra-se o Grande Oriente do Brasil, tradicionalmente reconhecido como a Potência-mãe da Maçonaria nacional. Ao seu lado operam 27 Grandes Lojas Estaduais, vinculadas à CMSB e cerca de 25 Grandes Orientes Independentes ligados à COMAB.

Paralelamente a essas organizações consideradas regulares, existem mais de uma centena de Potências não reconhecidas, além de diversas instituições paramaçônicas, ordens de aperfeiçoamento ritualístico, organismos femininos e mistos, sistemas vinculados ao Real Arco e ao Arco Real, bem como lojas diretamente relacionadas à United Grand Lodge of England e outras potências estrangeiras.

Entre os principais problemas enfrentados estão: dificuldades de intervisitação entre maçons; conflitos diplomáticos entre potências; disputas de regularidade e reconhecimento; cisões administrativas, enfraquecimento da fraternidade universal; fragmentação da representação pública da Maçonaria.

Em muitos casos, Potências rompem tratados de amizade e reconhecimento por divergências relacionadas à legitimidade de outras organizações, criando um ambiente de tensão permanente no campo maçônico brasileiro. A consequência mais visível dessa fragmentação talvez seja a ausência de uma voz nacional unificada capaz de representar a Maçonaria perante a sociedade brasileira e as autoridades públicas.

Diferentemente de outras instituições nacionais organizadas em estruturas centrais de coordenação, a Maçonaria brasileira encontra-se dividida em múltiplos sistemas autônomos, cada qual reivindicando legitimidade histórica, regularidade iniciática e soberania jurisdicional.

Na prática, isso significa que atualmente nenhuma organização fala oficialmente em nome de todas a Maçonaria brasileira.

Nem o Grande Oriente do Brasil isoladamente. Nem as Grandes Lojas estaduais. Nem os Grandes Orientes Independentes. Nem os organismos internacionais de reconhecimento.

Especialistas em história maçônica entendem que uma eventual solução para esse cenário dificilmente passaria pela unificação administrativa total das Potências brasileiras, hipótese considerada praticamente inviável diante das diferenças históricas, culturais e jurisdicionais acumuladas ao longo do tempo.

Uma alternativa mais realista seria a criação de um mecanismo nacional permanente de diálogo e cooperação institucional.

Entre as propostas frequentemente debatidas está a formação de um Conselho Nacional da Maçonaria

Brasileira (ou uma Chancelaria Nacional), reunindo representantes: do GOB, Grandes Lojas, Grandes Orientes Independentes; e eventualmente de observadores internacionais.

Esse organismo não funcionaria como uma “superpotência”, mas como um fórum permanente de entendimento, arbitragem e representação institucional.

A ideia inclui ainda: uma carta nacional de princípios comuns; mecanismos diplomáticos permanentes; mediação de conflitos; cooperação filantrópica; e representação pública conjunta em temas de interesse nacional.

Defensores dessa proposta afirmam que o grande desafio da Maçonaria brasileira no século XXI não é eliminar sua diversidade, mas transformar sua pluralidade em cooperação institucional.

O obstáculo, contudo, permanece significativo.

Questões históricas, disputas pelo poder, regionalismos, divergências ritualísticas e antigas e novas cisões ainda dificultam a construção de uma unidade mínima entre os diversos segmentos maçônicos brasileiros.

Mesmo assim, cresce entre muitos maçons a percepção de que a fragmentação excessiva enfraquece não apenas as Potências individualmente, mas também a própria imagem pública da Maçonaria no Brasil.

Em um país marcado por grandes transformações sociais, políticas e culturais, talvez o futuro da Maçonaria brasileira dependa exatamente da capacidade de construir fraternidade institucional sem destruir a autonomia histórica de suas diversas correntes.

Estamos atravessando um momento crucial da Maçonaria no Brasil, precisamos despertar a fraternidade entre nós maçons, acordar para fortalecer os nossos laços confraternais, elevarmos a nossa alta estima de pertencimento a uma Instituição implantada no Brasil a partir de 1822, e que, portanto, se confunde com a história pátria. É chegada a hora de atuarmos como verdadeiros Obreiros da Arte Real e Construtores Sociais, sob os auspícios do Grande Arquiteto do Universo.



crônica

DO MILAGRE DA VIDA, OU “UM PAI BABÃO!”

Antônio P. Leite | Cadeira nº 27

De repente o pensamento é invadido pela lembrança dos versos de lirismo doce e simples, mas que nos tocam a alma com a simplicidade e força com que seus versos nos mergulham numa viagem íntima e pessoalíssima. O genial Mário Quintana, o mago de Alegrete, lembra a este escriba, prestes a fazer 60 anos, que:

“Quando se vê, já são seis horas: há tempo... / Quando se vê, já é sexta-feira... / Quando se vê, passaram 60 anos! / Agora é tarde demais para ser reprovado... / E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade, / eu nem olhava o relógio / segue sempre em frente... / E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.”

Vendo fotografias antigas e lendo pequenos escritos dos meus para sempre “meninos”, fui, há alguns dias, tomado por uma emoção que quase se deixou exteriorizar pelos olhos, marejados que ficaram, ao perceber que o tempo vai, dia após dia, imperceptivelmente, esculpindo na face, no corpo e principalmente nas nossas emoções, seu trabalho silencioso e ininterrupto.

Olho uma foto de anos atrás e vejo três crianças dormindo placidamente, uma ao lado da outra, em paz, indefesas. Dois meninos e uma menina que, sob o olhar do pai, não se dão conta (nem ele) do que o futuro lhes reserva.

Pisco os olhos e me surpreendo com a constatação de que aquelas três criaturinhas frágeis, tornam-se, dia após dia, adultos íntegros, cidadãos de bem e filhos cada vez mais dedicados, cuidadosos e cuidadores.

Quintana me mostra, escancara, que a vida, “vale a pena e a dor de ser vivida”, e que é a caminhada que faz o caminho e que o melhor de viver, é estar vivo. Saber não apenas olhar, mas ver, o milagre cotidiano da existência, os pequenos gestos e as sensações que nos tornam acima de tudo, criaturas sensíveis ao passar do tempo.

Não penso que há um destino ou “coincidências”, mas enquanto escrevo,

chega mensagem de um dos filhos. Quer apenas saber se estou bem, dizer que está com saudade e lamenta a distância que nos separa. Releio o trecho acima de “O tempo” e concluo que faria muitas coisas diferentes do que fiz, mas passaram sessenta anos e o milagre da vida, ou melhor, da continuação da vida, que contemplo no florescer de meus filhos e vejo, que a vida tem sido uma sucessão de milagres, alegrias e realizações.

Não posso deixar de pedir àqueles que chegaram até aqui, desculpas por esse laudatório amontoado de “corujices”. É que me deu uma saudade danada dos meus “mininos”.



tempo de estudo

O MITO E A CAVERNA DO NEÓFITO

Aldenir Chagas Alves | Colaborador

Com a minha iniciação, ocorrida há pouco tempo, tive uma das experiências mais significativas de minha vida. Um acontecimento que ocupa — e sempre ocupará — em meu ser um marco, situado entre as grandes realizações que vivi, ao lado do nascimento de meu filho e de outras conquistas que me significaram e me ressignificaram para sempre.

Entretanto, essa experiência da passagem ou da travessia perpassa-me o plano pessoal — um pessoal carregado da constituição do que considero o sublime enquanto existência, tanto no campo do corpo físico quanto no universo misterioso de nossa subjetividade.

Trata-se da jornada do Neófito que, desde a Câmara de Reflexões, levou-me a pensar — algum tempo após a experiência concretizada — na relação entre o percurso por mim vivido e os prisioneiros da caverna, narrados no *Livro VII de A República*, de Platão, no célebre *Mito da Caverna*.

Na obra grega, a figura do filósofo e suas tarefas são delineadas por meio de metáforas. A caverna escura representa o nosso mundo, o nosso cotidiano;

os escravos acorrentados simbolizam os homens; as correntes, as paixões e a ignorância; as imagens projetadas ao fundo da caverna correspondem às únicas percepções sensoriais disponíveis; a libertação do escravo é a libertação pela filosofia; a saída da caverna é a experiência filosófica; o mundo exterior representa o domínio das ideias; e o Sol, que ilumina o mundo verdadeiro, é a ideia do Bem que conduz ao conhecimento. Assim, quando o escravo consegue desvencilhar-se das correntes que o aprisionam e enxerga a luz, deixa de ser apenas um homem comum para tornar-se um aprendiz de filósofo. Seu dever, então, é retornar à sociedade e compartilhar a experiência da verdade, alcançando, gradualmente, as condições que o credenciam à condição de filósofo — ou Mestre.

Dessa maneira, a jornada do Neófito não se resume a uma sequência ritualística ou protocolar da Maçonaria; ela é, assim como a própria Ordem, Universal. A trajetória do iniciando não começa no instante em que adentra a Câmara de Reflexões, mas antes, a partir de um chamado — elemento próprio da jornada

do herói grego, do herói ocidental, imortalizado na *Iliada* e na *Odisseia* de Homero. Odisseu (Ulisses para os romanos) é convocado a enfrentar desafios que o constituiriam como um homem melhor, dotado de sabedoria diante do poder e do destino.

Entretanto, o herói recolhido na profundidade da caverna — aqui simbolizada pela Câmara de Reflexões — não é aquele que venceu ou que se prepara para triunfar nas grandes batalhas exteriores. Ao contrário, é aquele que se dispõe a abandonar o mundo sensível das sombras que o cercam e buscar o mundo inteligível. Para isso, torna-se necessário romper os grilhões do mundo exterior (profano) que o aprisionam, a fim de vencer suas batalhas interiores, isto é, suas próprias paixões.

Por fim, no relato platônico, Sócrates adverte Glauco de que a verdade é, muitas vezes, ofuscante, e que sua descoberta pode provocar confusão e desconforto iniciais. De modo análogo, o Neófito é conduzido com cuidado para poder, gradualmente, contemplar sua aproximação do verdadeiro saber — o verdadeiro templo de si mesmo. Nesse processo, ele tem a oportunidade de tornar-se um sujeito outro de si, assumindo, simultaneamente, o protagonismo necessário para vencer o mundo da ignorância. Assim, separado do profano por uma ruptura simbólica e interior, inaugura-se não apenas um novo olhar sobre o mundo, mas, sobretudo, uma nova forma de existir nele.



sensibilização

CRESCIMENTO POSITIVO

Absaí Gomes Brito | Cadeira nº 18

“O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” Efesios 4.14,15

Continuando nossos estudos a respeito das mensagens diárias trazidas a nós pelo livro “Café com Deus Pai”, do pastor Junior Rostirola,

encontramos “seja intencional no seu crescimento”, a meditação no dia de hoje, orientando nos ao amadurecimento, dizendo:

O objetivo do Pai Celestial é que você amadureça e desenvolva as características de Jesus Cristo. Lamentavelmente, milhões de pessoas envelhecem, mas nunca crescem, ainda que sejam cristãos. Ficam estagnadas em uma perpétua infância espiritual, como se permanecem de fraldas

e sapatinhos de crochê. O motivo de isso acontecer é que essas pessoas nunca pretenderam crescer.

Crescimento espiritual não é algo automático como acontece com o crescimento físico e natural. É necessário que haja um compromisso voluntário por parte de cada pessoa. Você deve querer crescer, descidir crescer, fazer esforço para crescer e persistir em crescer. O discipulado, processo de se tornar semelhante a Cristo, sempre começa com uma decisão, a decisão de crescer.

Uma vez que tenha decidido seriamente se tornar semelhante a Cristo, você deve começar a agir de maneira diferente. Isso significa que você precisará se livrar de alguns procedimentos antigos. Além disso, você deverá desenvolver novos

hábitos e intencionalmente mudar para a melhor forma de viver e pensar.

Pare de ficar olhando para trás, para os lados, para os outros; Olhe para a frente, pois lá está o alvo de uma vida melhor, repleta de esperança, glória e promessas para dias melhores. Desça da arquibancada e venha para a arena. Deus vai trazer vitória às suas mãos. Abençoe as pessoas, tenha fé, ore, creia, busque, entregue, perdoe. O mais Ele fará. Quando você muda sua maneira de pensar, as palavras que expressa começam a mudar. Pense da mesma forma que Jesus pensou!

O autor encerra sua mensagem com um chamado bastante veemente para que sejamos fortes e autênticos em nossa missão de vanguardeiros perante a sociedade da qual somos parte integrante. Avante, irmãos!



opinião

O GÊNERO HUMANO SUBDIVIDE-SE EM MASCULINO E FEMININO

Carlos Roberto Neri Matos | Colaborador

Homens e mulheres estarão sempre par e passo, a dicotomia vai somente até certo ponto. Sexo biológico e até que se prove ao contrário só existem dois. O masculino (homem) e o feminino (mulher). A identidade de gênero é como cada indivíduo em seu foro íntimo se identifica, seja como homem, mulher, ambos ou nenhum e aqui entra a sopa de letrinhas LGBTQI+ (uma comunidade diversa), mas essa parte não será objeto do texto.

O presente artigo não tem como fundamento criticar quaisquer das espécies e sim trazer à lume uma reflexão, que pode ou não envolver discriminações, já que não se tem como mudar o mundo e todas as situações de coisas para agasalhar essas modernidades. O respeito deve existir sempre, mas falaremos de homens e mulheres biologicamente reconhecidos, num enfoque pouco explorado.

Será que nossa Constituição Federal de 1988 é misógina ou machista por adotar em seu texto inúmeras passagens atribuindo direitos e deveres para os homens e mulheres, usando apenas classes gramaticais de natureza masculina?

Vejam alguns trechos extraídos diretamente do texto constitucional, *ipsis literis*, com grifos nossos:

“Art. 5o Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade

do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;” Quando em seu artigo Art. 40 que trata do regime próprio de previdência social dos servidores titulares, diz: “§ 1o O servidor abrangido por regime próprio de previdência social será aposentado...: I -; II -;III - no âmbito da União, aos 62 (sessenta e dois) anos de idade, se mulher, e aos 65 (sessenta e cinco) anos de idade, se homem, e, no âmbito dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios,...”

Mais um trecho, que muitos diriam ser discriminante por deixar um tom e uma possibilidade de ser algo somente para homens, verbis:

“Art. 87. Os Ministros de Estado serão escolhidos dentre brasileiros maiores de vinte e um anos e no exercício dos direitos políticos...”

Destaco algo que ao meu entender chegou o mais próximo do machismo, e isso praticamente ninguém tem ou teve conhecimento. Aqui houve claramente uma distinção em favor do homem e em consequência em detrimento da mulher, pois a benesse é totalmente direcionada, mas por sorte isso caiu por terra. A emenda constitucional 41/2003 ao tratar da aposentadoria de magistrados e membros do Ministério Público, asseverou: “o magistrado ou o membro

do Ministério Público ou de Tribunal de Contas, se homem, terá o tempo de contribuição reduzido em cinco anos...”

Em resposta à pergunta subjacente o fato é que embora nossa Constituição tenha uma redação terminologicamente, hoje questionável por muitos, privilegiando expressões masculinas, isso não tem o condão de impingirmos esse estigma de ser ela machista, em função do uso majoritário de tais substantivos de dois gêneros e outras classes gramaticais masculinas, não podendo dizer que tenha sido algo proposital, como uma afronta à mulher, isso foi ou é uma característica da escrita por conta do meio em que estamos inseridos.

Homens e mulheres são iguais em direitos e deveres, mas quando o constituinte originário assim desejou desigualá-los, assim grafou expressamente, o termo homem ou mulher, como vimos nos exemplos.

Ocorre que foram tantos questionamentos na tal “sociedade moderna e pluralista”, que surgiram as expressões todos e todas, bem-vindos e bem-vindas, e outras tantas marcações divisórias.

Antes se dizia: “Sejam todos muito bem-vindos” e a abrangência era geral, aí para ficar marcado muitos usam: “Sejam todos e todas...” Parece até que vivemos num mundo dicotômico, mas na verdade tudo se encaminha para a pluralidade. O que prejudica são os tais “mimimis” como se diz por aí. Mas popularmente falando, deve ser “cada macaco ou macaca no seu galho” e vida que segue.

Existem coisas que podem ser compartilhadas, ladeadas, trabalhadas por homens e mulheres e outras que pela natureza têm suas restrições, sobretudo as que usam a força ou pelas condições de trabalho. E isso não pode ser tratado como discriminação ou machismos.



artigo

A PEDRA QUE MORA EM NÓS

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 7

Alguns símbolos, mesmo parecendo imóveis, nos interrogam silenciosamente. A Pedra Bruta é um deles. A priori, trata-se tão somente de matéria irregular, áspera, sem forma definida. Não obstante, quando contemplada com atenção, ela se mostra como um autêntico espelho. Ela nos permite reconhecer a nossa própria condição humana, de um lado, incompleta, contraditória, atravessada por sombras, e de outro, repleta de possibilidades e promessas.

O fato é que ninguém nasce pronto. Deve-se compreender que o homem não chega ao mundo como obra acabada. O homem nasce como possibilidade. Traz consigo impulsos, medos, grandezas adormecidas e arestas que precisam ser vencidas. É em virtude desta realidade que a Pedra Bruta não representa uma condenação, mas uma tarefa. Há, neste contexto, um fenômeno significativo, pois a Pedra Bruta nos recorda que a forma futura já dorme na matéria, mas não se revela sem trabalho.

No âmbito do Universo maçônico, essa verdade é absorvida com admirável profundidade. Muito mais do que

meros instrumentos simbólicos, o marte e o cinzel são imagens da vontade e da inteligência aplicadas ao aperfeiçoamento interior. O tempo, sozinho, não lapida ninguém. A idade não garante sabedoria. A experiência só se converte em luz quando visita a consciência.

É em virtude disso que a linguagem iniciática dialoga com a filosofia da existência. Ao contrário do que muitos entendem, Nietzsche, com sua particularidade, orienta que o homem é chamado a superar-se. Não deve contentar-se com a comodidade do rebanho, nem com os valores herdados sem exame. Talhar, dentro dessa perspectiva, é vencer a desídia da alma e recusar a mediocridade como destino.

Com precisão cirúrgica, Martin Heidegger oferece um outro olhar. Para Heidegger, o homem vive muitas vezes perdido no impessoal. O homem costuma fazer o que todos fazem, pensar o que todos pensam, repetir o que todos repetem. Na constância de um processo de reedição daquilo que é do outro, o homem existe, mas não se possui. A Pedra Bruta, observada dessa forma, traduz a existência ainda dispersa, ainda não acordada para a própria verdade. A

lapidação começa quando a consciência chama o homem a questionar se está vivendo com autenticidade, ou apenas é levado pelo mundo. Peremptório, Jean Paul-Sartre deixa essa constatação ainda mais austera. Partindo do princípio de que a existência precede a essência, Sartre nos recorda que ninguém pode lapidar a nossa pedra, em nosso lugar. Somos os únicos responsáveis pela forma que damos a nós mesmos. Mesmo quando não escolhemos as circunstâncias, escolhemos a resposta. Omitir-se de trabalhar a própria pedra também é uma escolha. Conservar-se bruto, aprazar a transformação, ocultar-se em desculpas, são modos de lapidação negativa da própria existência.

Viktor Frankl, majestoso, entrega à reflexão uma nota de sentido. Frankl ensina que a vida não pergunta somente o que desejamos dela, mas questiona, também, o que ela espera de nós. O fato é que nem sempre elegemos a pedra que recebemos. No transcurso da vida, existem dores, perdas e limites que nos são atribuídos. Mesmo assim, nos é dada a oportunidade de escolher a forma pela qual atravessamos essas experiências. A consistência da pedra, então, deixa de ser apenas empecilho e se torna matéria plausível de elevação.

É importante advertir que a Pedra Bruta perfaz perguntas vivas, que não podem perecer: O que estamos fazendo com a nossa existência? Que asperezas ainda conservamos? Que partes da

nossa alma seguem entregue ao orgulho, à vaidade e à acomodação? Vivemos na busca da luz da consciência ou seguimos a inércia do mundo?

Equivocam-se aqueles que acreditam que a lapidação se faz por aparência. Não bastam paramentos, rituais reeditados, palavras belas, sinais exteriores ou gestos solenes. A essência do verdadeiro trabalho é íntima, silenciosa e persistente. Deflagra-se quando o homem tem coragem de livrar-se dos disfarces, para reconhecer o que ainda lhe falta corrigir, ordenar e iluminar.

Cada um carrega a sua própria pedra. Isso é inegável. No entanto, alguns a escondem sob títulos. Um número significativo adorna-a com a vaidade. Muitos, por lamento, a repudiam, confiantes de que o tempo realizará aquilo que somente a vontade, a consciência e o sentido podem transformar. Ocorre, todavia, que o Templo interior não se ergue por espera e expectativa. Ergue-se por trabalho!

A Pedra Bruta, em seu silêncio, recorda que somos imperfeitos, mas trabalháveis; inacabados, mas suscetíveis à forma; feridos, porém convocados ao sentido. Somos seres de lapidação permanente. Portanto, não nascemos prontos para o Templo. Precisamos aperfeiçoar-nos diuturnamente, pois a verdadeira Pedra Bruta não está fora de nós.

Ela, somos nós.



sensibilização

UMA LITERATURA CAPAZ DE DIALOGAR E PROMOVER TRANSFORMAÇÃO

Petronilho Alves Moura | Adjunto – Cadeira nº 21

A literatura sempre desempenhou um papel fundamental na formação das sociedades, não apenas como expressão artística, mas também como instrumento de reflexão crítica e transformação social. Em um mundo marcado por desigualdades, intolerância e desafios cada vez mais complexos, torna-se urgente valorizar uma literatura capaz de dialogar com a realidade dos indivíduos e estimular mudanças significativas. Ao dar voz a diferentes experiências humanas e questionar estruturas sociais estabelecidas, a produção literária contribui para a construção de uma sociedade mais consciente, empática e democrática.

Em primeiro lugar, a literatura possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao entrar em contato com diferentes narrativas, o leitor é levado a refletir sobre valores, comportamentos e problemas que permeiam sua realidade. Obras que abordam temas como preconceito, exclusão social, violência ou desigualdade permitem uma compreensão mais profunda das questões que afetam a coletividade. Dessa forma, a leitura ultrapassa o entretenimento e torna-se uma ferramenta de conscientização, capaz de despertar o senso crítico e incentivar a participação cidadã.

Além disso, a literatura promove a empatia ao aproximar indivíduos de realidades distintas das suas. Por meio dos personagens e de suas trajetórias, os leitores têm a oportunidade de compreender sentimentos, desafios e perspectivas diversas. Esse contato com diferentes vivências contribui para a redução de estereótipos e preconceitos, fortalecendo o respeito às diferenças. Em uma sociedade cada vez mais plural, a capacidade de se colocar no lugar do outro é essencial para a construção de relações mais humanas e solidárias.

Por outro lado, para que a literatura cumpra plenamente sua função

transformadora, é necessário ampliar o acesso à leitura. Muitas pessoas ainda enfrentam dificuldades para adquirir livros ou frequentar espaços de formação cultural. Nesse contexto, políticas públicas voltadas para bibliotecas, projetos de incentivo à leitura e valorização da produção literária nacional tornam-se indispensáveis. O acesso democrático à literatura permite que um número maior de cidadãos participe desse processo de reflexão e transformação social.

Portanto, a urgência de uma literatura capaz de dialogar com a sociedade reside em seu potencial de formar leitores críticos, promover a empatia e estimular mudanças coletivas. Mais do que uma manifestação artística, a literatura constitui um instrumento de desenvolvimento humano e social. Investir em sua valorização e difusão significa fortalecer a capacidade da sociedade de compreender seus desafios e construir caminhos mais justos para o futuro.



opinião

O COMPROMISSO COM A LUZ

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador

A Academia Maçônica e seu dever com a sociedade

A Academia Goiana Maçônica de Letras transcende a mera função de salvaguarda de acervos bibliográficos ou de espaço de convívio restrito aos seus pares. Nesse sentido, a verdadeira missão de um sodalício literário consiste na difusão do conhecimento, elemento que a tradição maçônica conceitua como "Luz".

Nessa perspectiva a instituição cada vez mais busca estreitar os laços com a comunidade por meio da arte, da cultura e da educação. Esse esforço pedagógico e literário carece de alcançar todas as parcelas da população, desde a infância, em cada município do território goiano.

Por conseguinte, a produção intelectual na AGML vem ultrapassando os limites da confraria, alcançando os demais espaços públicos em que possui convívio humano na sociedade.

Os integrantes desta Academia constituem um corpo de pensadores atentos e sintonizados com as demandas contemporâneas nas áreas educacional e cultural. Embora o estudo da história, da filosofia e da moral seja fundamental, tal erudição perde o sentido se restrita a gabinetes fechados. Diante do compromisso ético com a sua própria identidade, o escritor maçom reconhece a escrita como um instrumento de intervenção social. Compete-lhe produzir reflexões

sobre justiça, educação e cidadania em linguagem acessível, permitindo que esses conceitos sejam compreendidos e aplicados na vida cotidiana.

Assim sendo, superar os limites físicos dos templos representa um ato de coragem e de responsabilidade civil. Essa atitude exige abandonar o isolamento para atuar em uma realidade social frequentemente negligenciada, onde a vida comunitária pulsa e demanda atenção. O cenário contemporâneo apresenta desafios complexos, marcados pela desinformação, pelo enfraquecimento de valores essenciais e pela fragmentação social. Nesse contexto, a literatura gerada pelos confrades tem a pretensão de atuar como um

farol contra a obscuridade, fundamentada tanto na prática diária quanto em bases teóricas sólidas. Dessa forma, a atividade literária cumpre a função de propor novas ideias, inspirar ações solidárias e promover o bem comum.

Por fim, a dedicação à busca e à propagação da Luz configura um trabalho contínuo e ininterrupto. A Academia vem buscando manter-se orgânica, viva e atuante no tecido social. A produção de cultura e o compartilhamento do saber com a sociedade constituem a principal obrigação do intelectual maçom. Afinal, o conhecimento cumpre a sua finalidade ética apenas quando ilumina, indistintamente, o caminho de todos os cidadãos.



artigo

MAÇONARIA TRADICIONAL VERSUS MAÇONARIA SECULAR – III

Izautionio da Silva Machado Junior / Geraldo Marcelo Lemos Gonçalves | Colaborador

A referência prima para a Maçonaria Secular é o *Grand Orient de France* (GOdF) e o maior fórum onde se congregam é o Centro de Ligação e de Informação das Potências Maçônicas Signatárias do Apelo de Estrasburgo (CLIPSAS), organização fundada em 22 de janeiro de 1961 e que se constitui em um bloco composto por Potências maçônicas de vários

países, inclusive diversas localizadas no Brasil.

Por óbvio, a grande maioria dos maçons brasileiros praticam a Maçonaria Ortodoxa, mas o fato é que alguns adoram flertar com os princípios da Maçonaria Liberal em manifestações de cunho político nos mais diversos ambientes maçônicos físicos e/ou virtuais, que nada mais

são do que extensões de suas respectivas Lojas.

Esses Irmãos costumam acusar a Maçonaria de ser omissa diante de graves questões políticas nas quais ela deveria se manifestar, com o pretenso fundamento de que no passado ela assim o fazia. Eles parecem se esquecer, ou não sabem mesmo, que sempre foram os ideais da Maçonaria Secular que

influenciaram tais ações políticas, e não a Maçonaria Tradicional, que sempre vetou tais movimentos em seu seio.

Seguindo um raciocínio lógico, o Irmão que gostaria de discutir política em qualquer esfera maçônica deveria, por uma questão de coerência, se desfiliar de sua Loja tradicional e se filiar em uma Loja secular, a fim de poder saciar o seu desejo de encontrar irmãos com quem possa compartilhar ou discutir os seus ideais. Lá ele teria o ambiente propício para ser feliz ou infeliz, sem a necessidade de ficar sempre reclamando no lugar errado, gerando constante mal-estar entre os aqueles Irmãos que não desejam esse tipo de assunto em suas esferas de convivência maçônica.

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

A PERFEIÇÃO DA PEDRA EM OBRA – II

Jader Frederico Abrão | Colaborador

Aqui se faz necessário afirmar um ponto central desta reflexão: a Maçonaria não concebe o homem como um ser eternamente em falta. O maçom não é definido por aquilo que ainda não alcançou, mas pela consciência do trabalho que decidiu assumir e que verdadeiramente pratica. Ele não é acolhido quando termina a obra, ele é acolhido porque decidiu trabalhar.

A noção de que “nunca estamos prontos”, quando internalizada, gera de forma sutil uma sensação de menor valia espiritual, emocional e moral, como se o valor do homem estivesse sempre projetado para um futuro distante e inalcançável. A Maçonaria rompe com essa lógica, onde o obreiro não é cobrado pelo que ainda falta lapidar, mas reconhecido por tudo aquilo que já transformou em si desde o instante solene da sua Iniciação.

Quando o homem é recebido como Aprendiz, ele não é declarado indigno ou incompleto, mas apto ao trabalho. E estar apto ao trabalho já é possuir dignidade, valor e lugar no Templo. A Ordem não diz ao maçom: “quando fores perfeito, serás aceito”; ela diz: “porque aceitaste trabalhar, já fazes parte da Obra”.

Um fundamento essencial: o aprimoramento maçônico não nasce da cobrança que oprime, mas do acolhimento fraterno que fortalece. Não nasce da culpa que pesa, mas da consciência que ilumina. O maçom precisa encontrar na Ordem não apenas exigência, mas conforto moral e espiritual, pois somente um espírito em paz consegue lapidar-se com constância, alegria e verdade.

O Esquadro não humilha a Pedra por não ser reta, ele a orienta. O Compasso não pune o excesso, ele o limita com sabedoria. Assim também a Maçonaria não diminui o homem por suas imperfeições, mas lhe oferece instrumentos para conviver com elas de forma consciente, virtuosa e reparadora.

As Escrituras já reconheciam essa condição humana quando afirmam em Eclesiastes 7:20: “Na verdade, não há homem justo sobre a terra que faça o bem e nunca peque.”

Desse modo é possível afirmar que o homem justo é reconhecido não pela ausência de falhas, mas pela retidão das suas intenções e do seu caminhar.

Por isso, o maçom não deve viver triste, angustiado ou abatido, como se estivesse condenado a jamais atingir o ápice de um ser pleno, iluminado e divino. A tristeza permanente nasce da culpa e a culpa não é instrumento maçônico. O que nos move é a consciência desperta, é o olhar firme no Delta tendo os passos retos rumo ao sol.

É nesse contexto que reafirmo, com clareza, que o maçom não deve temer o Grande Arquiteto do Universo. O temor nasce da ignorância, não do conhecimento. A relação do obreiro com o G.:A.:D.:U.: não se constrói pelo medo de um julgamento que queima, mas pela reverência à Luz que orienta. A Luz maçônica não é o fogo que consome, mas a chama que esclarece; não é o raio que fulmina, mas o lume que revela o caminho.

Sacralizar cada aspecto da existência — o trabalho, a família, os amigos, a dor, a alegria, a vitória, o fracasso — é reconhecer que toda experiência vivida se transforma em instrumento de crescimento oportunizado pelo G.:A.:D.:U.:, o que nos faz espelho da Luz que salva, não da luz que queima.

O Imperador-filósofo Marco Aurélio nos ensina: “Não percas mais tempo discutindo sobre o que é um homem bom. Sê um.”

A Maçonaria traduz esse ensinamento em prática: não nos pede perfeição futura, mas coerência presente.

Quando praticamos o **VITRIOL** — *Visita Interiora Terrae, Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, que em português se traduz “Visita o interior da Terra, retificando, encontrarás a Pedra Oculta” —, somos conduzidos ao interior de nós mesmos e ali não encontramos um ser condenado, mas uma Pedra Oculta em plena lapidação. Retificar não é eliminar toda

imperfeição, mas ordenar o nosso interior, dando sentido, equilíbrio e direção à própria existência.

Como afirmou Santo Agostinho: “Não saias de ti; volta para dentro. No homem interior habita a verdade.”

No Rito Escocês Antigo e Aceito, a Luz é concedida gradualmente, porque o homem só pode sustentar aquilo que compreende. Cada Grau amplia a consciência e aprofunda a responsabilidade. Exigir de si mesmo o que pertence a outro Grau é romper o equilíbrio da Obra.

O maçom é perfeito no Grau que ocupa, desde que viva com fidelidade os símbolos, deveres e ensinamentos desse mesmo Grau. A Pedra do Aprendiz não deve ser julgada pelos critérios da Pedra do Mestre, cada uma cumpre sua função no tempo certo.

O Apóstolo Paulo nos recorda em 1 Coríntios 3:9: “Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois edificação de Deus.”

E como nos ensina Immanuel Kant: “Duas coisas me enchem a alma de admiração: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim.” É essa lei moral interior que a Maçonaria desperta, orienta e fortalece.

Portanto, o maçom que honra o compromisso firmado no dia de sua Iniciação — que lapida seus vícios, cultiva virtudes e vive segundo os princípios da fraternidade, da justiça e da tolerância — já é perfeito no estágio em que se encontra, porque vive em coerência com a Luz que recebeu, levantando Templos à Virtude e cavando masmorras aos vícios.

Que compreendamos que a perfeição maçônica não está no fim do caminho, mas na fidelidade ao método. Não está na ausência de falhas, mas na disposição constante em corrigi-las. Não está na cobrança que oprime, mas no acolhimento que fortalece.

Não carreguemos a culpa como virtude. A Obra não se edifica sobre o peso, mas sobre a consciência.

Que trabalheemos nossas Pedras com alegria. Que empunhemos o Malhete com equilíbrio, o Maço com paciência, o Cinzel com isonomia, o Compasso com tolerância, o Nível com justiça e o Esquadro com sabedoria. E que, sempre ao encerrarmos nossos trabalhos, possamos repousar em paz, certos de que estar em obra já é estar em harmonia com o Grande Arquiteto do Universo. Que assim seja!



crônica

ESSÊNCIA MAÇÔNICA

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

A maçonaria é uma instituição iniciática e filosófica para o crescimento do homem. Seus princípios tem como lema a valorização e bem estar da família, como pai, mãe e filhos, para ser aceito na ordem o candidato deve ter uma religião, adorar Deus que é o grande Arquiteto do Universo o criador de todas as coisas do mundo.

Deve ser livre e de bons costumes, respeitar as leis do país, abandonar o vício se por acaso tiver, respeitar e aceitar os erros e acerto dos irmãos. O maçom tem por obrigação de dar exemplos, pois quando se ingressa por livre e espontânea vontade nessa Ordem, desde logo começa um novo aprendizado, diferente de todos àqueles que se tenha buscado e conquistado lá fora, no mundo profano. Começa então a frequentar a Loja e a conviver com as instruções, são também instruídos pelos Irmãos

mais antigos, que sempre aconselham, é preciso estudar, cumprir as obrigações e todos deveres maçônicos, observando, seguindo a hierarquia, a disciplina, a obediência, conforme as Leis, até então desconhecidas no mundo profano onde estavam, e que agora, desafiam a atenção e o propósito de fazer progressos neste novo modo de viver.

A Temperança fará ouvir mais! A Temperança fará mais atenciosos, amigos em todos os momentos dos os poderosos Irmãos. A Temperança sempre proporcionará a medida exata, sempre que usar a Régua de Vinte e Quatro Polegadas, capaz de dimensionar o nosso espírito em direção da paz, da conciliação fraterna, do reto proceder, condições imprescindíveis para acontecer dentro e fora do Templo, a permanente construção aperfeiçoadora do Lema, Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

É preciso saber temperar, dosar o conhecimento Maçônico, com a argamassa do aprendizado alicerçado no triplice Ensino Maçônico. O maçom quando aprendiz é preciso lapidar a pedra bruta, não a pedra que ele quando iniciado bate o cinzel, mas sim a pedra existente dentro do homem que faz ele ser perverso, egoísta e vaidoso.

Os companheiros, mestres, mestres instalados, venerável mestre tem por obrigação dar exemplos aos novos irmãos recém iniciados, mostrando para eles a importância da maçonaria na vida do maçom. É inadmissível um maçom dar mal exemplos para um recém iniciado, ao ser iniciado o maçom oferece um almoço ou jantar para comemorar sua iniciação sempre regado a cerveja, shop ou outras bebidas alcoólicas devem servir tal iguaria, mas com moderação.

Hoje é comum em algumas lojas a modernidade e euforia tomar conta de alguns companheiros, mestres e venerável mestre fazendo-os tirar seus trajes maçônicos e vestirem seus trajes profanos, tais como bermudas, tênis, camisas de outras cores etc, nada disso

desabona a conduta do maçom, mas qual a explicação que eles darão ao recém iniciado? Como ele falara que a ordem maçônica é séria e o ex profano vendo alguns mestres se embriagarem? Não justifica essa atitude, maçonaria não é só festas e bebidas.

Não pretendendo generalizar, mas infelizmente, se tem conhecimento de que certos “Maçons” têm um comportamento nada elogiável e, por consequente, levam com a sua má conduta a Arte Real para a sarjeta das duvidosas avaliações. a Arte Real, o Maço deve cavar masmorras aos vícios, mas infelizmente o que se tem presenciado e visto é que, certos Maçons, vivem soterrados pelos vícios, tornando-se presa fácil deles e prontamente dominados, sendo assim escravos de si mesmos. É muito comum ver alguns “Maçons”, visivelmente embriagados, contumazes da inofensiva cervejinha ou do nobre e envelhecido Uísque. Então já passou da hora dos dirigentes de bons costumes tomarem uma providência em relação a certas atitudes de uma instituição seria, a modernidade é importante, mas a seriedade prevalece.



opinião

A TRADIÇÃO DO RITO ESCOCÊS

Marcelo Bareato | Colaborador

O Pórtico do Templo

Há, na vida do Obreiro, um momento que prece-de toda palavra: o instante em que, ainda profano, ele atravessa pela primeira vez o limiar do Templo. Nesse momento, o homem comum cessa, e nasce o iniciado. Não há diploma que o ateste, não há título que o assegure, não há paramento que o conquiste por si só. O que se inaugura ali é, sobretudo, uma promessa íntima: a de buscar a Verdade onde quer que ela se encontre, e de polir, com paciência e perseverança, a pedra bruta do próprio caráter.

É justamente desse esquecimento original que nasce a vaidade. Quando o Obreiro deixa de olhar para si mesmo e passa a olhar apenas para o reflexo que projeta nos demais, o Templo se transforma em palco, e o caminho iniciático em ostentação. Convém, portanto, voltar à fonte e perguntar, com a humildade que a Ordem nos exige: o que de fato significa pertencer à tradição do Rito Escocês Antigo e Aceito?

A Herança Viva do Rito Escocês Antigo e Aceito

O Rito Escocês Antigo e Aceito, tal como o conhecemos, é fruto de uma longa decantação histórica. Suas raízes mergulham nas corporações operativas medievais, nos altos graus surgidos na França e na Inglaterra do século XVIII, na sistematização promovida pelas Grandes

Constituições de 1786 e na estruturação definitiva em trinta e três graus, que tomou forma no início do século XIX. Não se trata, contudo, de um mero produto da história. O Rito é, antes de tudo, um método: uma escada simbólica pela qual o iniciado é convidado a ascender, grau a grau, do conhecimento sensível ao espiritual, do particular ao universal, do efêmero ao perene.

Cada um dos graus que compõem essa escada não é uma medalha, mas uma chave. Cada decoração não é um troféu, mas um sinal de responsabilidade acrescida. O Aprendiz aprende a calar para escutar; o Companheiro percorre o mundo intermediário das ciências e das artes; o Mestre confronta a perda, a dor e a possibilidade da ressurreição interior. Mais adiante, os graus filosóficos do Capítulo, os graus cavaleirescos do Conselho, os graus sapienciais do Consistório e, por fim, o trigésimo terceiro grau, conduzem o Obreiro por sucessivas câmaras de reflexão, cada qual oferecendo um espelho mais fino para o autoconhecimento.

É essa a tradição que nos foi confiada. Tradição, aqui, não significa apego ao passado, mas transmissão viva de um princípio: o de que o homem é perfectível, e de que a sociedade humana pode ser elevada na medida em que os homens que a compõem se elevam primeiro. O Rito Escocês Antigo e Aceito,

portanto, não nos dá títulos; dá-nos tarefas. Não nos confere superioridade; confere-nos obrigações mais sutis e exigentes a cada passo.

A Filosofia do Rito: do Símbolo ao Ser

Compreender o Rito é compreender o símbolo. E compreender o símbolo é aceitar que ele não esgota seu significado em uma única leitura. O esquadro e o compasso, a régua e o malho, o avental e as luvas, o pavimento mosaico e a abóbada celeste: nada disso fala à inteligência discursiva como fala à inteligência intuitiva. O símbolo é uma porta que se abre apenas a quem está disposto a permanecer diante dela com paciência, sem a pressa de definir, classificar ou exhibir.

A filosofia do Rito é, nesse sentido, uma filosofia do silêncio antes da palavra, da escuta antes do julgamento, da prática antes do discurso. Ela nos ensina que a Luz não é uma propriedade que se adquire, mas uma orientação que se cultiva. Que a Verdade não se possui, mas se serve. Que a Sabedoria não se proclama, mas se manifesta na maneira sóbria com que o Obreiro se conduz dentro e fora do Templo.

Há, em cada grau, uma lição moral que se sobre-põe à lição histórica e ao ornamento ritual. O grau não vale pelo que se vê dele, mas pelo que ele transforma em quem o recebe. Um Mestre Secreto que não cultiva a discrição é um Mestre apenas de nome. Um Cavaleiro Eleito que não distingue o justo do injusto traiu o juramento antes mesmo de prestá-lo. Um Príncipe da Misericórdia que não exerce a clemência é uma contradição viva. Em cada grau, o Rito nos confronta com a mesma pergunta: estamos à altura do que recebemos?



crônica

A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

Breno Alves de Oliveira | Colaborador

O princípio da dignidade da pessoa humana talvez seja uma das maiores conquistas morais da civilização ocidental. Ainda que hoje apareça positivado em constituições, tratados internacionais e declarações universais, suas raízes mais profundas antecedem o direito moderno e mergulham no terreno da filosofia religiosa. O mundo antigo não compreendia o homem como sujeito dotado de valor intrínseco. Gregos e romanos construíram sociedades brilhantes sob o ponto de vista intelectual e político, mas aceitavam com naturalidade a escravidão, o abandono de crianças, os espetáculos de morte e a desigualdade absoluta entre os homens. O cristianismo rompeu parcialmente essa lógica ao afirmar algo revolucionário para a época: cada pessoa carrega em si uma centelha do divino. Quando Deus assume a condição humana na figura de Cristo, o corpo, a dor, a vida e a própria existência do homem passam a possuir uma dignidade transcendente. O homem deixa de ser apenas útil ao Estado, à guerra ou à economia e passa a ser compreendido como alguém portador de alma, consciência e destino espiritual.

Essa transformação civilizatória produziu consequências profundas. A noção de que todos são filhos do mesmo Criador relativizou distinções rígidas de origem, sangue e condição social.

São Paulo escreveria que já não havia judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos seriam um em Cristo. A frase possui uma potência filosófica extraordinária para o seu tempo histórico. Ainda que a humanidade tenha permanecido repleta de injustiças, aquela semente moral começou lentamente a corroer as estruturas do mundo antigo. A caridade cristã, os hospitais religiosos, a proteção aos pobres e enfermos e a condenação de certas práticas violentas demonstravam uma nova percepção da pessoa humana. Séculos depois, já no contexto das guerras mundiais e das experiências totalitárias do século XX, a comunidade internacional retomaria muitos desses fundamentos morais ao elaborar a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, reconhecendo que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.

Nesse percurso histórico, a Maçonaria encontrou terreno fértil para desenvolver sua própria concepção de dignidade humana. A Ordem não nasceu como religião, tampouco como igreja, mas incorporou elementos espirituais, filosóficos e humanistas que dialogam diretamente com a tradição judaico cristã. O maçom é convidado a reconhecer no outro um irmão, independentemente de riqueza, origem ou posição social. Não por acaso, os templos maçônicos

são construídos simbolicamente para representar um espaço de aperfeiçoamento moral do homem. A pedra bruta, um dos símbolos mais conhecidos da instituição, representa justamente o indivíduo em seu estado imperfeito, carregado de vícios, ignorância e limitações. O trabalho do iniciado consiste em lapidar essa pedra através da virtude, da reflexão e da disciplina interior. Trata-se de uma metáfora poderosa sobre a dignidade humana, porque pressupõe que cada homem possui potencial para elevar sua própria condição moral.

A dignidade da pessoa humana, nesse contexto, não surge apenas como conceito jurídico, mas como dever espiritual e filosófico. O maçom é chamado a combater a tirania, o fanatismo e a ignorância exatamente porque tais elementos degradam a condição humana. A liberdade de consciência ocupa posição central dentro da Ordem. O homem deve ter o direito de buscar a verdade sem coerção intelectual. Isso explica por que a Maçonaria frequentemente se aproximou de movimentos liberais, constitucionais e humanistas ao longo da história. A defesa da tolerância não significa relativismo absoluto, mas o reconhecimento de que nenhuma autoridade terrena possui legitimidade para esmagar a consciência individual.

Existe ainda uma dimensão profundamente simbólica na ideia maçônica de fraternidade. O templo não é apenas um espaço físico. Ele representa alegoricamente a própria humanidade em construção. Cada irmão ocupa um lugar específico, mas todos trabalham pela sustentação do edifício comum. A coluna partida, presente em muitos

rituais e representações funerárias maçônicas, relembra a fragilidade da vida humana e a interrupção prematura de uma obra existencial. Já a luz, elemento central em praticamente todos os ritos, simboliza o conhecimento capaz de libertar o homem da escuridão moral. Não é coincidência que tantas tradições filosóficas tenham associado a dignidade humana à capacidade racional e espiritual do indivíduo. Um homem reduzido à ignorância torna-se vulnerável à servidão. Um homem consciente de sua dignidade torna-se menos propenso a aceitar correntes.

Talvez resida justamente aí a importância contemporânea desse princípio. Em tempos marcados por radicalismos ideológicos, desumanização digital e banalização da vida, recordar as raízes espirituais da dignidade humana torna-se quase um dever civilizatório. O cristianismo ensinou que o homem possui valor porque carrega em si a imagem do Criador. A Maçonaria ensinou que esse homem deve trabalhar constantemente para aperfeiçoar a si mesmo e a sociedade em que vive. Ambas as tradições, apesar de suas diferenças, convergem na recusa da degradação humana. Quando a dignidade desaparece, o homem passa a ser tratado apenas como instrumento político, econômico ou biológico. E toda vez que isso aconteceu na história, abriram-se as portas para perseguições, guerras e massacres. Defender a dignidade da pessoa humana significa reconhecer que existe algo sagrado no simples fato de existir. É admitir que nenhum poder é legítimo quando destrói a consciência, a liberdade ou a humanidade do outro.



UMA LOJA MAÇÔNICA - II

José Ricardo Roquette | Colaborador

Na reunião formal e maçônica de fundação, em 28 de outubro de 1965, estavam presentes representantes de várias lojas, como sempre acontece em Maçonaria, solidárias com a fundação de mais uma coirmã. Estavam lá as lojas Luz e Caridade de Uberlândia, Amor à Virtude, de Franca, Fraternidade Mineira II, de Frutal, Paranaíba IV, de Itumbiara, Justiça e Caridade II, de Itumbiara, Estrela Buritialegrense, de Buriti Alegre, Paz e Amor II, de Ipameri, 28 de Julho, de Jataí e Estrela Rio-verdense, de Rio Verde. A reunião foi na sala da Câmara de Vereadores de São Simão.

A turma, “peituda”, decidiu na primeira reunião que seria construído um templo, o que ficou sob responsabilidade do Manoel Tavares e do Arcílio. Já nessa primeira reunião, todo mundo presente “enfiou” a mão no bolso e botou uma grana (ou um compromisso formal) no “tronco”, para iniciar a

construção do templo. Igualmente foi formada uma comissão para ir até o Célio Leão Borges, fundador da cidade e proprietária de todos os loteamentos ali existentes, para ganhar um lote. E ganharam, um lote ideal em frente ao hospital municipal. Os depósitos bancários foram feitos no Banco Comercial e Industrial de Minas Gerais, o único existente na cidade.

Primeira Sessão em prédio próprio

E assim foram se reunindo, tratando dos assuntos maçônicos pertinentes, na sala da Câmara Municipal. O templo foi se erguendo, as paredes levantadas, o piso assentado, o Arcílio se arriscando para fazer o madeiramento e a cobertura. Os móveis foram encomendados na Mateira, na marcenaria do Chiquito Palazzo, irmão do Romulo e pretendente a iniciar-se na Loja. Prontos os moveis e o teto, as paredes rebocadas, tratou-se de começar os trabalhos na sede própria. A primeira sessão foi em 25-01-66,

mesmo com o templo ainda em fase de acabamento, sendo Venerável Mestre o Ir. Norberto Guimarães.

Ficaram faltando os moveis. Para isso, resolveram ir no Chiquito Palazzo, irmão do Romulo, um dos maçons do grupo, que tinha uma marcenaria. Foram em comissão e encomendaram o “altar” do Venerável Mestre, os “altares” dos Vigilantes, e as mesas do Secretário, do Orador, do Tesoureiro, do Chanceler. Encomendaram ainda os “tronos” do Venerável e dos Vigilantes, as cadeiras dos demais oficiais e do Oriente e Ocidente, para os demais irmãos e convidados. Foram trinta cadeiras ao todo. “Quando tiver sessão magna, arrumamos cadeiras emprestadas, mais para a frente encomendamos mais”, disse o Venerável de então, o Antônio de Brito, com o que concordaram todos. Intervindo na discussão da “falta de dinheiro”, o Chiquito disse que faria cinquenta cadeiras e que na hora de acertar ele daria um desconto. “E o prazo pra entrega, Chiquito? Quis saber o Guilherme, “uns sessenta dias, no máximo”, foi a resposta do marceneiro. “Chiquito, e o orçamento? Ao que respondeu o Chiquito; “Deixa ficar pronto, nós combinamos e eu dou um prazo bom para vocês pagarem. Não se preocupem.”

Saindo dali o assunto foi a iniciação do Chiquito, que já havia manifestado o interesse. Tinha opositores dentro da Loja e esse seria um problema que a querida “Estrela do Sudoeste” enfrentaria sempre, porque, até morrer, o Chiquito foi candidato a maçom. E essa oposição, renovada sempre, o impediu.

Com noventa dias o Chiquito mandou avisar que os móveis estavam prontos, que podiam ir buscar. O Norberto, já então o Venerável da Loja, convocou o pessoal para irem acertar com o Chiquito, combinar o preço, “vamos todos, pra “chorar” muito, pois o Chiquito é careiro”. E lá foram todos prontos para “chorar” mesmo. Afinal, eram cinquenta cadeiras, três delas de espaldar alto, os “tronos” e sete mesas, uma bem grande, o “altar” do Venerável!

A marcenaria ficava na esquina, em frente à casa do Chiquito. A turma foi lá, viram os móveis, todos lindos, envernizados, de madeira maciça, as cadeiras com assento de tabuinhas, rústicos, mas muito bem feitos. Passados cinquenta anos ainda estão lá no templo da “Estrela do Sudoeste”, sólidos e servindo ao seu propósito. Da marcenaria o grupo dirigiu-se à casa do Chiquito (que não os tinha acompanhado na marcenaria) para combinar preço e pagamento.

Continua na próxima edição...



MAÇONARIA: UMA INSTITUIÇÃO SURGIDA NAS BRUMAS DO TEMPO? – II

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Colaborador

No entanto todos nós sabemos que por mais que se tente não há uma conexão histórica entre a maçonaria como a conhecemos e a construção do templo, a não ser pelo fato de que dessa história tiramos muitas lições, ensinamentos e até histórias reais adaptadas e transformadas em lenda com o único objetivo de ensinar virtudes e conceitos.

Assim deixemos para nosso catecismo a pseudocerteza de que somos originários desses laboriosos pedreiros que sob o reinado do Rei Salomão, tendo como seu mestre arquiteto o habilidoso Hiram Abiff, construíram suntuoso templo em honra ao Grande Arquiteto do Universo, tirando dali o que para nossa evolução moral e espiritual seja o mais útil possível.

Quanto ao período medieval ou operativo sim, podemos estabelecer ligações concretas de nossa ordem com esse tempo histórico, afinal foi ali que surgiram as primeiras corporações de pedreiros e outros artesãos com o objetivo de protegerem seus segredos de trabalho e garantirem para si melhores condições. Tendo como origem os *Collegia Fabrorum*, que na Roma antiga foram importantes para garantir a

infraestrutura na reconstrução de cidades, edificações, pontes e até máquinas de guerra. Assim no período medieval surgiram, à semelhança dos *Collegia Fabrorum*, as Guildas, tendo seu período de ouro sobretudo entre o século XI e XVI, com grupos de ferreiros, artesãos, alfaiates e outros trabalhadores. Mas foi na arte da construção de templos, catedrais, palácios e outras edificações que as guildas de pedreiros se destacaram, dando origem a uma organização estruturada e bem detalhada nas famosas Old Charges ou Velhas Ordenanças, tendo a mais relevante delas o Manuscrito Regius de 1390.

Artigo décimo quarto: Por bom motivo o artigo décimo quarto / Aponta ao mestre com um firme aceno / Que um aprendiz não deve ser tomado / Sem estar seguro o mestre e com cuidado / Que este aprendiz no seu tempo deva / Seja nos vários pontos instruído. (Trecho do Poema ou Manuscrito Regius)

Assim foi que nossa instituição começou de fato a ser moldada, pois, já por volta do século XVII, com a decadência de trabalho efetivo na arte de construir, isto é, operativo, as guildas de pedreiros começaram a aceitar

pessoas não ligadas a profissão, como filósofos, nobres, e outros tipos de profissionais, dando assim um caráter mais humanístico para esses grupos. Foi nessa ideologia que no ano de 1717 tivemos a expedição da certidão de nascimento da maçonaria moderna ou especulativa, quando 4 lojas se reuniram em Londres e criaram a primeira Grande Loja Maçônica do mundo, a partir daí nossa história passa por várias etapas, lugares e pessoas diferentes e conhecidas, e começa a receber muitas influências.

Como apontado anteriormente não tenho como objetivo responder de forma conclusiva a uma pergunta tão complexa, até porque como maçons devemos entender que nossa instituição é um grande mosaico construído ao longo de séculos, com vários personagens e cada um com um modo de ver o mundo e com pensamentos diferentes, não fosse isso não teríamos tantos ritos. Mas é importante verificar que o fato de sempre ter existido na história da humanidade a arte da construção e da busca pelo conhecimento e pela verdade, isto não significa que todos os homens que se dobraram na vida por esses objetivos

foram maçons, pelo menos não como conhecemos na ordem. Afirmar que Salomão tenha sido Grão-Mestre, que Jesus foi iniciado na “maçonaria dos essênios”, que tantos personagens importantes da história mundial antigos e atuais foram iniciados, é praticamente fazer o que fez Sir Ramsay no seu discurso, ou seja, trazer para a maçonaria todo benfeitor da humanidade, o que seria ótimo, se fosse uma verdade.

Foquemos então naquilo que mais importa, no que realmente é relevante para nós, fixarmos na nossa verdadeira história buscando nossas raízes com cuidado e acima de tudo com a verdade. Já ouvi irmãos que se dizem conhecedores da ordem afirmar que a maçonaria se perde nas “brumas do tempo”. Isto é lindo e poético, mas denota desconhecimento e ufanismo. Somos uma instituição humana, criada e fundamentada em princípios humanos e que vem se transformando com o passar dos tempos e a evolução da sociedade, e temos uma sublime missão neste planeta, a de “tornar mais feliz a humanidade”, aprimorar o caráter pelo verdadeiro conhecimento, semear a fraternidade entre os homens, ser exemplo para a sociedade nos pequenos atos que praticamos, evoluir pelo saber e garantir que as próximas gerações possam receber de nós o que recebemos de nossos antecessores, a pura, verdadeira, luminosa e fraterna essência da maçonaria.

Sic Transit Gloria Mundi

(A glória do mundo é transitória)



tempo de estudo

O ESPELHO DO TEMPLO

Arinan Camilo Alencastro Veiga | Adjunto – Cadeira nº 22

Naquela noite, a Loja estava diferente. O silêncio parecia mais profundo, como se as colunas sustentassem não apenas o teto, mas também os pensamentos de cada irmão ali presente. Era sessão de Aprendiz, e entre eles estava um aprendiz recém-iniciado, ainda com os olhos cheios de perguntas.

Desde sua iniciação, algo o inquietava. O simbolismo o encantava, mas também o confundia. Ele ouvira falar em “lapidar a pedra bruta”, em “buscar a Luz”, em “trabalhar o templo interior”, mas, no íntimo, sentia que ainda não compreendia o que realmente precisava transformar.

Após o encerramento dos trabalhos, enquanto os irmãos se dispersavam em discretas conversas, aquele recém-iniciado aproximou-se do Venerável Mestre.

— Venerável, permita-me uma pergunta.

— Sempre, meu filho — respondeu o Mestre, com um sorriso sereno.

— Se a Verdade está no Oriente, por que às vezes é tão difícil enxergá-la?

O Venerável não respondeu de imediato. Apenas fez um gesto suave com a mão.

— Acompanhe-me.

Conduziu o jovem até uma pequena sala ao lado do Templo, onde eram guardados alguns instrumentos e antigos objetos da Loja. Ali, encostado na

parede, havia um grande espelho, antigo, de moldura simples.

— O que você vê? — perguntou o Mestre.

O jovem olhou e franziu a testa.

— Vejo pouco... ele está empoeirado.

O Venerável passou os dedos sobre a superfície e mostrou a camada espessa de pó acumulado.

— A Verdade é como este espelho. Não deixa de refletir porque está sujo. Apenas não conseguimos vê-la com clareza.

O jovem recém-iniciado permaneceu em silêncio.

— O pó — continuou o Mestre — são nossos orgulhos não vencidos, nossas vaidades escondidas sob o avental, nossos julgamentos apressados, nossos ressentimentos guardados no fundo do coração. O problema nunca foi a Luz. O problema é o que acumulamos entre nós e ela.

O jovem sentiu um leve aperto no peito. Lembrou-se de pequenas competições internas, de comparações silenciosas, do desejo secreto de reconhecimento.

— Então, Venerável... a Pedra Bruta sou eu?

O Mestre sorriu.

— Sempre foi.

Na sessão seguinte, aquele aprendiz passou a observar mais atentamente os símbolos. Quando via o maço e o cinzel, já não pensava apenas

em virtudes abstratas, mas em atitudes concretas: controlar a impaciência, ouvir antes de falar, servir antes de aparecer.

Percebeu algo incômodo: muitas vezes, buscava corrigir os defeitos dos outros antes de trabalhar os seus. Era mais fácil apontar as fissuras alheias do que enxergar as próprias imperfeições.

Certa noite, durante o momento de instrução, ouviu a frase que o atravessou como um raio:

— O verdadeiro Templo não é o que edificamos em pedra, mas o que levamos dentro de nós.

Naquele instante, compreendeu: seu espelho estava manchado.

Não por grandes faltas, mas por pequenas poeiras diárias — impaciências, expectativas frustradas, necessidade de aprovação, silêncios orgulhosos, etc.

Decidiu, então, fazer algo simples.

Antes de cada sessão, passou a reservar alguns minutos em silêncio, imaginando-se “limpando um espelho interior”. Perguntava a si mesmo:

“Que poeira trago hoje?”

“Há ressentimento em meu coração?”

“Estou aqui para servir ou para ser visto?”

Os meses passaram.

Aquele aprendiz não se tornou perfeito. Ainda errava, ainda se inquietava. Mas algo havia mudado: sua percepção

estava mais clara. Começou a enxergar melhor os irmãos — não como competidores invisíveis, mas como companheiros de jornada.

Descobriu que a Luz do Oriente nunca estivera distante. Ele é que a observava por trás de suas próprias sombras.

Anos depois, já Mestre, foi ele quem conduziu um novo Aprendiz à mesma sala onde o antigo espelho permanecia.

O pó ainda se acumulava naquele espelho com o tempo.

— O que você vê? — perguntou ao jovem.

— Vejo pouco... está sujo.

O então Mestre sorriu, repetindo palavras que um dia transformaram sua vida:

— A Verdade continua aí. O espelho nunca deixou de refletir. Mas cabe a nós limpá-lo.

E acrescentou, com voz firme e doce:

— O trabalho maçônico não é apenas erguer colunas externas, mas polir o espelho da consciência. Quando o espelho está limpo, vemos quem realmente somos — e, então, a Luz não nos ofusca... nos orienta.

Naquela noite, ao retornar ao Templo, o então Mestre olhou para o Oriente com nova compreensão.

A Luz sempre estivera ali.

O que precisava ser purificado era o olhar.

E assim compreendeu que o maior segredo da Maçonaria não está oculto atrás de símbolos indecifráveis, mas revelado no silêncio daquele que tem coragem de limpar o próprio coração.

Porque, quando o espelho interior se torna claro, a Verdade não apenas se revela. Ela transforma.



artigo

O REINADO DE D. AFONSO IV – I

Dirceu Marchini Neto | Colaborador

Longo que D. Afonso IV iniciou seu governo, com 34 anos, perseguiu seus irmãos bastardos João Afonso e Afonso Sanches, e promoveu uma série de medidas cujo objetivo era a afirmação da autoridade do poder régio sobre todos os outros poderes, senhoriais ou concelhios (Mattoso, 1997, 408). No âmbito judicial e da administração municipal, D. Afonso IV proclamou leis com o objetivo de tornar a justiça mais ágil e eficaz, regulamentando o tribunal régio. Quanto às relações com a nobreza e o alto clero, o rei fez um chamamento geral, em 1334, convocando todos os detentores de jurisdição para comparecerem perante os oficiais reais para fazerem prova da legitimidade de seus direitos senhoriais (Ramos, Sousa, Monteiro, 2010, p. 120).

No governo de D. Afonso IV, ficava reservada para a Coroa a justiça crime, e não mais às aristocracias laicas e eclesiásticas que antes a detinham. Houve restrição também da justiça cível. O rei também se opôs à concessão de novas

honras, a fim de preservar a propriedade régia e os direitos da Coroa, o que desagradava à nobreza. Além disso, D. Afonso IV deu continuidade à política de D. Dinis (que motivara violenta reação da nobreza, além de conflitos com o clero), promovendo novas inquirições no Minho, em Trás-os-Montes e na Beira (Oliveira, Monteiro, 2018, p. 138).

Dentre todos esses aspectos, destaca-se justamente o prosseguimento das Inquirições Gerais. Na época da ascensão de D. Afonso IV ao trono, este se preocupou em submeter o impressionante mosaico de senhorios que se espalhava por extensos territórios no reino. Em 1325, D. Afonso IV determinou o chamamento de todos os que possuíam vilas, castelos, coutos, honras e jurisdições no reino. Este édito geral conclamava a todos para virem à corte comprovar a posse de terras e privilégios, mediante a apresentação de diplomas (Sousa, 2013).

Em 1335, D. Afonso IV mandou fazer novas Inquirições Gerais in loco,

com o objetivo de averiguar a situação dos diversos privilegiados que, apesar de terem sido chamados em 1325, não tinham comparecido. É justamente em 1335 que temos informações de um conflito entre a Ordem de Cristo e os concelhos de Soure e Pombal, conflito esse que teve como origem uma carta enviada por ambos os concelhos ao rei pouco tempo antes (em data não especificada nos documentos). Vale esclarecer que temos conhecimento deste conflito a partir da ótica régia. É este mesmo poder que apresenta a sua versão sobre o que fora reivindicado pelos citados concelhos.

Inquirições e cartas régias

São discutidos nas cartas de sentença de 1335 principalmente os direitos templários nas comendas de Soure e Pombal no reinado de D. Dinis. Destas contendas não temos as cartas originalmente enviadas pelos concelhos, apenas o relato indireto sobre o que eles supostamente disseram, o que deve ser tratado com a máxima cautela.

As Inquirições Gerais no Reinado de D. Afonso IV e a intervenção régia nas comendas de Soure e Pombal da Ordem de Cristo em 1335

A primeira carta que analisamos é a que restituía para a Ordem de Cristo, em 1335, o direito de confirmação dos juizes de Soure, direito este anteriormente retirado pelo mesmo rei. O rei sentenciava, através desta carta, sobre uma contenda existente entre D. Estevam Gonçalves, mestre de Cristo, e o concelho de Soure representado por seus procuradores, Rui Martins e Estevam Martins.

Segundo a carta régia, o mestre afirmou que a sentença anteriormente ganha pelo concelho fora em prejuízo da Ordem, pois ela não fora chamada para ser ouvida em juízo. Daí o mestre afirmava que foram: sbulhados de conhecer hos juizes em esta villa Outrossy de vurem a elle has apellações e aos outros mestres que ante el foram e das outras cousas contheudas na dicta carta das quaaes dizia que ha esta hordem estaua em posse pelos Meestres que ante elle foram desque ha dita hordem de Jesu Christo fora feita (...)

Continua na próxima edição...

moções e congratulações

GRANDE ORIENTE DO BRASIL (GOB)

A Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML) tem a elevada honra de registrar suas mais sinceras e fraternais congratulações ao Grande Oriente do Brasil (GOB), pela celebração de seus 204 anos de fundação. Mais do que a passagem do tempo, esta data simboliza a solidez de uma instituição que, ao longo de mais de dois séculos, tem contribuído de forma decisiva para o fortalecimento da Maçonaria brasileira, alicerçada nos princípios da Sabedoria, da Tolerância, da Ética e do aperfeiçoamento humano.

Fundado nos primórdios da Independência do Brasil, o GOB consolidou-se como referência nacional pela promoção da Educação, da Cultura, das Artes e da Literatura, formando gerações de líderes comprometidos com os

valores humanísticos e com o progresso da sociedade. A Academia Goiana Maçônica de Letras reconhece a afinidade entre sua missão e a do Grande Oriente do Brasil, ambas dedicadas à preservação da memória, à valorização da produção intelectual e à difusão da cultura maçônica como instrumentos de lapidação do ser humano.

Neste momento solene, rendemos nossa homenagem aos Irmãos que, ao longo de sua história, edificaram esta Augusta Potência com dedicação, disciplina e fidelidade aos mais elevados ideais da Ordem.

Que o Grande Oriente do Brasil continue sua luminosa trajetória, inspirado pela Sabedoria, pela Força e pela Beleza, promovendo o conhecimento, a cultura e o contínuo aperfeiçoamento da Humanidade.



GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE GOIÁS (GLEG)

A Academia Goiana Maçônica de Letras, por intermédio de seu conspícuo sodalício, manifesta o seu mais profundo júbilo e parabêniza solenemente a Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás (GLEG) pelo transcurso de seu septuagésimo quinto aniversário de fundação. Cumpre-nos celebrar, com incontido orgulho, as bodas de brilhante desta augusta potência, cuja trajetória histórica sedimentou-se nos pilares da fraternidade, da evolução espiritual, do perene cultivo do conhecimento e do incansável labor em prol do progresso da sociedade goiana. Trata-se de um marco indelével que consagra a solidez e a alta relevância da GLEG, erigida como autêntico farol de virtude, cultura e sabedoria. A guisa de coroamento deste efeméride singular, descortina-se um novo ciclo institucional. No décimo terceiro dia do mês de junho,

na capital do Estado, Goiânia, foram solenemente empossados os ilustres Irmãos que doravante conduzirão os destinos desta magna potência durante o triênio concernente à gestão 2026/2029: Sereníssimo Grão-Mestre: Irmão Marco Antônio Barbosa de Farias e o Eminentíssimo Grão-Mestre Adjunto: Irmão Alan Cardek Jr, toda sua diretoria e família maçônica glegiana. Esta Academia Goiana Maçônica de Letras irmanar-se a toda a comunidade maçônica em fervorosa prece, suplicando ao Grande Arquiteto do Universo que verta Suas luzes sobre a mente e o coração dos eminentes dirigentes ora empossados. Votos de uma gestão profícua, balizada pela sabedoria, pela união, pelo apreço às letras e pela harmonia, a fim de perenizar a caminhada da GLEG rumo a um porvir ainda mais radiante e glorioso.



ciência&saúde

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ILICITUDE DA RESILIÇÃO UNILATERAL IMOTIVADA – III

Hector Valveder Santana | Colaborador

O juízo de primeiro grau acolheu os pedidos formulados na petição inicial e, confirmando a decisão liminar, obrigou a seguradora ré a revogar a resilição unilateral imotivada, restabelecendo as obrigações contratadas originalmente entre as partes. O recurso de apelação interposto pela seguradora ré foi desprovido pelo TJ/RS. A seguradora ré interpôs recurso especial, alegando, em síntese, as seguintes teses: a) a negativa de prestação jurisdicional; b) a realização de notificação prévia que autorizava a resilição unilateral imotivada

do contrato de seguro de saúde coletivo empresarial, mesmo que o beneficiário estivesse submetido a tratamento médico.

Os REsp 1.842.751/RS e REsp 1.846.123/SP foram relatados pelo ministro Luis Felipe Salomão. As razões de decidir são as mesmas para ambos os recursos, ressalvadas apenas as particularidades de cada caso concreto. A questão jurídica principal do Tema repetitivo 1.082 do STJ refere-se à possibilidade ou não de resilição unilateral imotivada do contrato de plano privado

de assistência à saúde ou do contrato privado de assistência à saúde enquanto o beneficiário ou dependente estiver submetido a tratamento médico em razão de doença grave. O STJ já havia enfrentado essa controvérsia em diversos precedentes da 3ª e 4ª turmas.

O art. 13, parágrafo único, incs. II e III, da lei 9.656/1998 foi utilizado como fundamento normativo para proibir a suspensão de cobertura e a resilição unilateral imotivadas dos planos privados de assistência à saúde individuais ou familiares, salvo casos de fraude ou

A conservação do contrato de assistência privada à saúde durante o tratamento do portador do TEA

inadimplência superior a 60 dias, ressaltando expressamente a vedação de suspensão ou resilição unilateral imotivada em qualquer hipótese durante a ocorrência de internação do titular ou dependente. A vedação de suspensão e a resilição unilateral imotivada dos planos privados de assistência à saúde individuais e coletivos foram estendidas também às hipóteses de o beneficiário ou dependente estiver submetido a tratamento médico garantidor da vida ou manutenção da incolumidade física, conforme precedentes do próprio STJ.

Continua na próxima edição...



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link:
<https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code



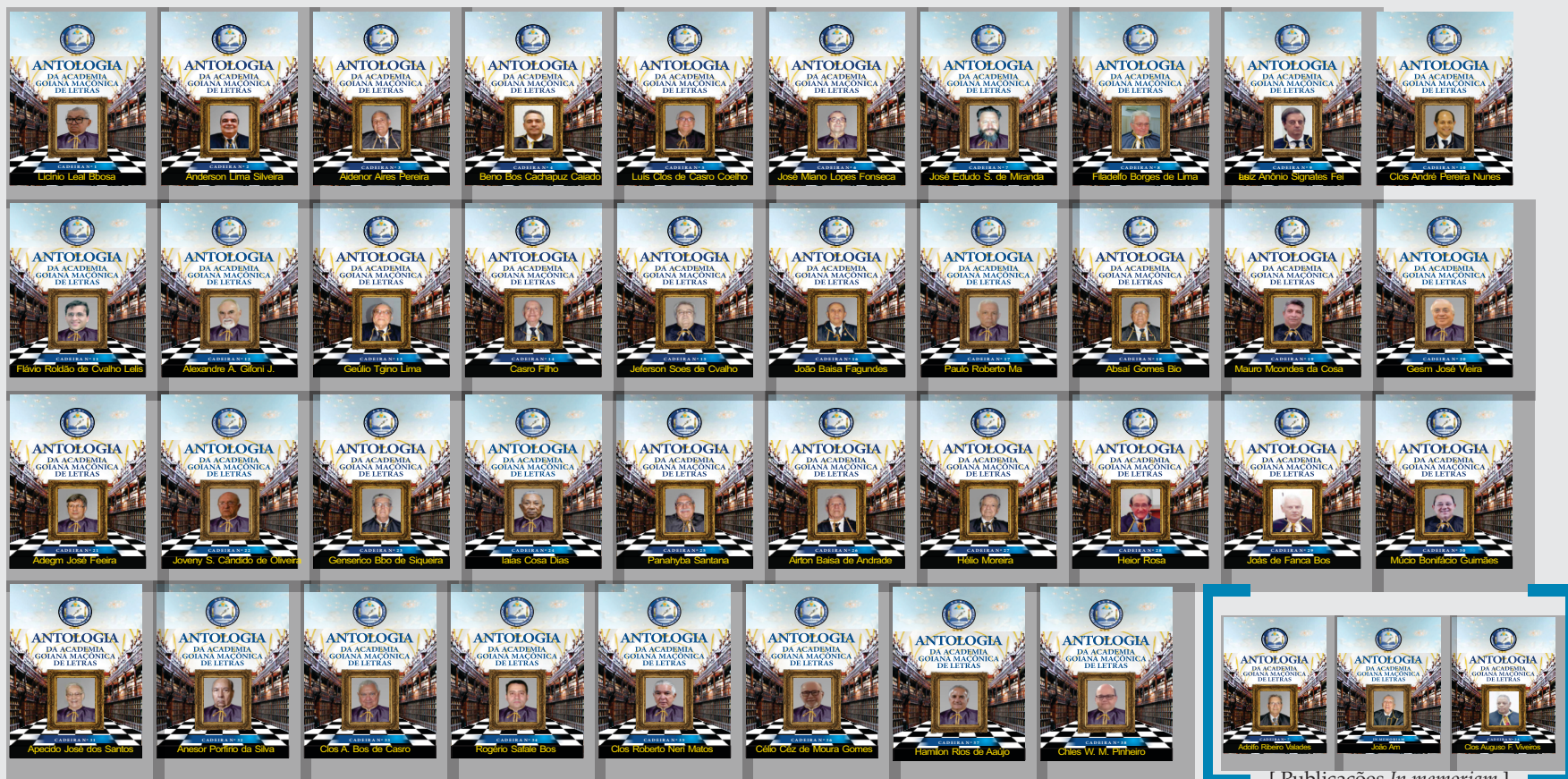
HOME AGML DOCUMENTOS EVENTOS NOTÍCIAS MÍDIAS CONTATO

Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]

agml em movimento

SESSÃO FILOSÓFICA E PROJETO CULTURAL FORTALECE A CULTURA MAÇÔNICA

No dia 8 de junho, a Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML), presidida pelo Confrade José Mariano Lopes Fonseca, participou da Sessão Especial “O Valor da Vida na Filosofia do Oriente”, realizada na Loja Maçônica Verdadeira Luz nº 6, em Rio Verde, sob a direção do Venerável Mestre Helton José Chacarosque da Silva.

A visita marcou o fortalecimento da atuação cultural e filosófica da AGML junto às Lojas Maçônicas, reafirmando seu compromisso com a promoção da educação, da cultura, da literatura e do aperfeiçoamento da família maçônica goiana.

Durante o encontro, foi apresentado o Laboratório Didático Cultural da AGML às Lojas Maçônicas, iniciativa destinada a apoiar projetos culturais nas Oficinas. O Diretor Cultural da Academia, Confrade Anderson Lima Silveira,

ministrou a palestra “Amansando Dragões: Pisando na Terra da Seda”, amplamente elogiada pelo público.

A programação contou ainda com apresentações musicais, incluindo composição do Confrade Adalto Bento Leal, declamações poéticas conduzidas pelo Confrade Helton Chacarosque e homenagens à comitiva da AGML, em um ambiente de fraternidade e valorização da cultura maçônica.

Participaram da comitiva os confrades José Mariano Lopes Fonseca, Anderson Lima Silveira, Abel Tolentino, Guilherme Freire, Alexandre Giffoni, presidente da ALERVE, e o Venerável Helton Chacarosque. A iniciativa reforçou a missão da AGML de promover a cultura, a educação, as artes e a literatura como pilares do fortalecimento da Maçonaria contemporânea.



agml em ação

VISITA AO FUTURO EMINENTE GRÃO MESTRE DA GLEG

A Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML), representada por uma comitiva de confrades e irmãos, realizou, em 17 de abril de 2026, visita institucional de cortesia ao futuro Grão-Mestre da GLEG, Eminentíssimo Irmão Marco Antônio Barbosa de Farias. O encontro fortaleceu os laços de respeito, reconhecimento e cooperação entre as instituições. Na oportunidade, a AGML

colocou-se à disposição para colaborar com projetos voltados à educação, à cultura, às artes e à literatura maçônica, reafirmando seu apoio à futura gestão do Eminentíssimo Grão-Mestre. Durante a reunião, foram apresentadas propostas para o desenvolvimento de programas de incentivo à produção literária, realização de palestras, seminários e encontros acadêmicos, publicação de obras maçônicas, promoção de ações culturais itinerantes, concursos

literários e parcerias com instituições de ensino e entidades congêneres, além da criação de acervos físicos e digitais destinados à preservação da memória intelectual da Maçonaria. Ao final, a AGML desejou pleno êxito ao Eminentíssimo Marco Antônio Barbosa de Farias em sua gestão, renovando seu compromisso de lealdade, cooperação e serviço, na convicção de que a união de esforços fortalece as instituições e amplia sua contribuição à sociedade.



registro ABIN



confraria celestial

Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Maurício Lopes Ferreira	mauriciof.76@gmail.com
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraire@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luis Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	Elismar Rodrigues dos Santos (adjunto)
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
10	Carlos André Pereira Nunes	carlsoandre@carlosandre.com.br
11	Flávio Roldão de Carvalho Leis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	Petronilho Alves de Moura (adjunto)
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	Abel Tolentino (adjunto)
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	Arian C. Alencastro Veiga (adjunto)
23	Genserico Barbo de Siqueira	irt.d.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdm@hotmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com
26	Airton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	Antonio Rosário Leite Filho, (adjunto)
28	Heitor Rosa	Adalto Bento Leal (adjunto)
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Múcio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Helton Chacarosque	heltonchaca1@hotmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br
39	Tito Souza do Amaral	